BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XX • MARÇO DE 1945 • N.º 217

É Necessária a Arborização dos Pastos

(Comissão de Propaganda do Reflorestamento — Campinas — Estado de São Paulo, divulga)

"NÃO é bastante revirar os pastos em certos espaços de tempo, como não basta adubá-los e tratá-los. É preciso, igualmente, arborizá-los. No tempo de sêca, quase todos os pastos se queimam e os animais não encontram sequer o suficiente para sua manutenção. Secam primeiramente os pastos não tratados, depois os adubados e por último os que sempre foram tratados.

CONTRA a sêca o melhor remédio é a arborização, que não só defende os pastos contra o sol e os ventos, mas também conserva o solo úmido, concorrendo para a formação de orvalho.

SEM arborização é quase inútil revirar os pastos, porque êstes, não arborizados, tendo carater desértico, em poucos anos se estragam e talvez fiquem piores do que antes da renovação. O desenvolvimento da nossa pecuária exige a arborização dos pastos. O pasto que chega a alimentar por alqueire três (3) bois, por exemplo, arborizado satisfará a quatro (4) ou cinco (5) cabeças, isto é, corresponde a um aumento de área dos pastos.

A ARBORIZAÇÃO dos pastos tem sua maior razão de ser em terras arenosas, mais do que nas terras fortes, mas nestas últimas não deixam de oferecer as suas vantagens.

NOS pastos a arborização pode ser feita de duas maneiras : em filas de árvores e em grupos. Em ambos os casos é preciso não plantar as árvores muito perto uma da outra. A distância de uma e outra varia, segundo a espécie, em ambos os casos de quatro (4) a oito (8) metros. A distância das filas pode ser de trinta (30) metros mais ou menos. Sendo menores as distâncias, os pastos serão muito sombreados, o que fàcilmente prejudica a qualidade das pastagens, uma vez que os capins finos desaparecem sob a sombra e a grande quantidade de folhas caídas das árvores ocasiona muitos estragos.

A ARBORIZAÇÃO dos campos com fileiras de árvores é mais demorada e requer cuidados especiais, porque, enquanto estas são pequenas, devem ser protegidas contra os animais.

OS GRUPOS de árvores, é natural, podem ser isolados dos animais, com uma cêrca.

ACONSELHAM-SE as fileiras em lugares em que não há ventos fortes, ao passo que os grupos, nas zonas de muito vento, porque oferecem maior resistência.

EM RESUMO, o criador que arborizar seus campos, faz tanto como si aumentasse os pastos, e, além disso, concorre para melhorar suas pastagens e abreviar o tempo da sêca dos mesmos."

— "A ÁRVORE beneficia, não sòmente o terreno, pois melhora e equilibra ainda o clima. A quantidade de líquido que ela transmite à atmosfera, e a sombra que extende sôbre o solo, tornam o ar mais fresco e facilitam, assim, as precipitações. Também estas se tornam mais benfazejas, porque as árvores impedem que as águas pluviais se escoem ràpidamente, facilitam a sua retenção local e conseqüente infiltração. Isto aduz, novamente, frescura à atmosfera e, daí, resultam novas precipitações. Tudo é regulado e facilitado assim com a presença da árvore numa região".

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Largo da Misericórdia, 24

Ano XX	MARÇO DE 1945	Número 217

Sumário

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS :

- A Fabricação de Carvão na Fazenda de Café — (esgotada)
- O Controle à Erosão nos cafèzais Sulcos e Cordões em Contôrno — Hélio Viégas de Camargo Bittencourt.
- Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho.
- O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi — Rogério de Camargo.
- O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior.
- Economia Cafeeira — A. Menezes Sobrinho.
- Adubação verde para cafèzais — J. E. Teixeira Mendes
- Da secagem mecânica do café — Rogério de Camargo

RELAÇÃO DOS CAFEICULTORES DO ESTADO DE SÃO PAULO :

PRIMEIRO VOLUME — (esgotado)

SEGUNDO VOLUME : Municípios de : Avanhandava, Barretos, Cabreuva, Caçapava, Caconde, Campinas, Cedral, Cravinhos, Franca, Guará, Guaratinguetá, Ibitinga, Igarapava, Indaiatuba, Itirapina, Ituverava, Jacarei, Jambeiro, Jardinópolis, Jaú, Limeira, Mococa, Mogi Mirim, Monte Alto, Pindamonhangaba, Pindorama, Ribeirão Bonito, Rio Claro, Santa Adélia, São José do Rio Pardo, Taquaritinga, Tietê.

TERCEIRO VOLUME : Municípios de : Andradina, Botucatu, Catanduva, Fernando Prestes, Guaira, Guariba, Iacanga, Ibirá, Itápolis, Itu, Jaboticabal, Joanópolis, Jundiaí, Leme, Lindóia, Matão, Mineiros, Mogí Guassú, Nuporanga, Olímpia, Orlandia, Paulo de Faria, Pederneiras, Pedregulho, Pereira Barreto, Pinhal, Piracaia, Pirassununga, Porto Ferreira, Ribeirão Preto, Rio Preto, São Carlos, São José dos Campos, Serra Azul, Socorro, Tabapuã, Tabatinga, Taubaté, Torrinha, Tremembé, Vargem Grande, Viradouro.

QUARTO VOLUME : Municípios de : Araçatuba, Bela Vista, Birigui, Candido Mota, Guararapes, Maracai, Novo Horizonte, Palmital, Paraguassú, Penápolis, Presidente Bernardes, Presidente Venceslau, Promissão, Quatá, Rancharia, São Pedro do Turvo, Tanabi, Valparaizo.

QUINTO VOLUME : Municípios de : Assis, Avaré, Avaí, Cerqueira Cesar, Coroados, Dois Corregos, Dourado, Fartura, Gália, Garça, Ipaussu, Itajubi, Leme, Marilia, Mirassol, Óleo, Ourinhos, Piraju, Pompeia, Regente Feijó, Salto Grande, Santa Barbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, São Carlos e Torrinha.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA S. S. C. — 1937 - 1938 - 1939 (esgotado) 1940 - 1941 - 1942 - 1943.

Colaboração

Retrospecto Mensal do Mercado de Café em Santos

Especial para o Boletim da S. S. C.
— Panameuro —

Fevereiro de 1945

Os embarques do mês de janeiro atingiram o total de 897.904 sacas de café. Foram vendidas no mercado de disponível, no mesmo período, 217.888 sacas, havendo portanto uma contribuição razoável para os exportadores por parte do D.N.C.. Essa entrega refere-se ao complemento de quatro milhões de sacas vendidas aos Estados Unidos, pelo Departamento.

Logo no princípio de fevereiro duas notícias foram publicadas e por essa razão o mercado passou a trabalhar em baixa, havendo nas entregas diretas uma diferença de mais de um cruzeiro com referência aos últimos negócios de janeiro.

As bases que vigoraram foram as seguintes :

Mês presente .... Cr. $ 52,50 por 10 quilos
Março a Junho de 1945 .... Cr. $ 54,00 „ 10 „
Julho a Dezembro de 1945 .... Cr. $ 56,00 „ 10 „
Janeiro a Junho de 1946 .... Cr. $ 57,50 „ 10 „

A primeira notícia a circular, foi a declaração feita pelos poderes competentes, da convocação do Convênio Cafeeiro para o dia 15 do corrente, quando era aguardada, pelos interessados no café, a reunião dos delegados da Lavoura e do Comércio de Santos para, juntamente com os representantes do Govêrno, estudarem medidas urgentes que puzessem um ponto final no impasse existente no mercado.

A segunda notícia, foi a divulgação da entrevista concedida pelo Embaixador Americano no Rio, na qual aquele alto representante do Govêrno dos Estados Unidos declarou achar impossível a modificação dos preços máximos no momento.

O mercado disponível continuou paralisado, sem negócios e sem lotes na rua para trabalhar. As entregas entretanto foram negociadas nas bases já anteriormente descritas, e, em ambiente calmo.

Essa acalmia perdurou três ou quatro dias, depois do que o mercado reanimou-se novamente, passando a trabalhar estável e em bases melhores ; tais como :

Mês presente .... Cr. $ 53,00 por 10 quilos
Março a Junho de 1945 .... Cr. $ 54,00 „ 10 „
Julho a Dezembro de 1945 .... Cr. $ 57,50 „ 10 „
Janeiro a Junho de 1946 .... Cr. $ 59,00 „ 10 „

Ainda com cafés fornecidos pelo D.N.C., os embarques para o Exterior prosseguiam, de acôrdo com a chegada de navios no pôrto.

O disponível continuou calmo, havendo entretanto relativo interesse para os cafés aplicáveis no mês presente das entregas diretas. Alguns negócios para êsse fim foram realizados, permanecendo as demais qualidades, isto é, os cafés de boa bebida e tipos mais altos, ainda sem aplicação. A resistência por parte dos vendedores continuava, aguardando todos, esperançosos, o Convênio convo-

cado para o dia 15 do mês em estudo, quando então seriam tratados assuntos de grande interesse para os meios cafeeiros. E nessa expectativa o mercado acalmou, sendo poucos os negócios e também o interesse tanto de compradores como de vendedores.

Instalado na época prèviamente anunciada, prosseguiu o Convênio Cafeeiro nos estudos referentes a tão palpitante questão, sendo que, por vários dias, diversos problemas foram ventilados, nada, entretanto, transpirando quanto aos resultados apurados.

O mercado, por essas razões, manteve-se em franca expectativa, com movimento muito reduzido em todos os setores de negócios.

Aguardava-se para o mês em curso o término dos trabalhos do Convênio, entretanto, até o último dia de fevereiro nada tinha sido resolvido, devido, naturalmente, à complexidade dos assuntos em estudos. Calmo, portanto, foi o mercado, com negócios reduzidos tanto na entrega como no disponível.

Os embarques para o Exterior também prosseguiram em escala pequena, muito contribuindo para isso a falta de navios.

O movimento estatístico do mês de fevereiro, foi o seguinte :

Entradas durante o mês	166.689 sacas
Entradas desde 1.° de Julho	2.189.650 ,,
Embarques durante o mês	560.328 ,,
Embarques desde 1.° de Julho	7.079.571 ,,
Existência em 28-2-1945	3.561.162 ,,

Segundo o Sindicato dos Corretores de Café de Santos foram registradas durante o mês os seguintes negócios :

CAFÉ DISPONÍVEL

Vendas durante o mês	122.593 sacas
Vendas desde 1.° de Julho	3.093.588 ,,

CAFÉS EM CONHECIMENTOS OU POR EMBARCAR

Vendas durante o mês	nihil
Vendas desde 1.° de Julho	544.596 sacas

CAFÉS A FATURAR NA CHEGADA

Durante o mês	nihil
Desde 1.° de Julho	195.898 sacas

ENTREGAS DIRETAS

Durante o mês	338.000 sacas
Desde 1.° de Julho	977.250 ,,

CULTURAS ACESSÓRIAS NA FAZENDA DE CAFE'

H. S. Miranda

III

ARROZ — ALIMENTO BÁSICO TROPICAL

INTRODUÇÃO — As várias espécies de sementes comestíveis da família das gramíneas, conhecidas como cereais, são os alimentos básicos da maior parte dos povos civilizados.

Nas regiões tropicais e sub-tropicais úmidas, o arroz é o cereal mais importante.

Nesses climas nenhum outro cereal pode com êle competir na capacidade de produção de alimentos carbonados, por unidade de área, e, portanto, na possibilidade de sustentar maior população.

As fartas colheitas obtidas, quando cultivado em clima quente, em cultura irrigada, é o que tornou possível a alta densidade demográfica alcançada em muitos países do Extremo-Oriente.

Por sua produtividade, alta qualidade alimentícia, fácil conservação e preparo para consumo, todos os países que apresentam condições favoráveis à sua cultura procuram desenvolvê-la para fonte de alimento energético são e barato para o seu povo.

Fora da Ásia, o Brasil é, no presente, o maior produtor de arroz. A nossa produção, contudo, está ainda longe da dos grandes produtores orientais, que são obrigados ao aproveitamento máximo de suas terras de cultura para o sustento de suas grandes populações. Todavia, as condições de clima favoráveis e as grandes extensões de terras irrigáveis permitem o desenvolvimento da sua cultura em nosso país, à medida das nossas necessidades, até um limite que, com certeza, ultrapassará o dos maiores produtores da atualidade.

O arroz é cultivado no Estado de São Paulo desde os tempos coloniais, pois já no século 16 era produzido em São Vicente. E a sua cultura tomou tal desenvolvimento que figurava entre os principais produtos agrícolas exportados pela capitania e depois pela província de São Paulo.

Com o aumento do consumo nos fins do século passado, a produção tornou-se, porém, insuficiente e daí a necessidade da importação de arroz do estrangeiro para suprir o nosso mercado.

As tarifas alfandegárias impostas ao produto estrangeiro no comêço do atual século e a expansão da lavoura cafeeira trouxeram um novo incremento à cultura do arroz em São Paulo, que se tornou o Estado maior produtor do Brasil. Entretanto, por ser o arroz aqui, em sua maior parte, cultivado em terrenos altos e não irrigados, as produções estão sujeitas a grandes variações de ano para ano, tendo-se registado escassez do produto em alguns, devido à sêca, e, em outros, superprodução e conseqüente baixa de preços.

A estabilização da produção é um dos maiores problemas da rizicultura paulista

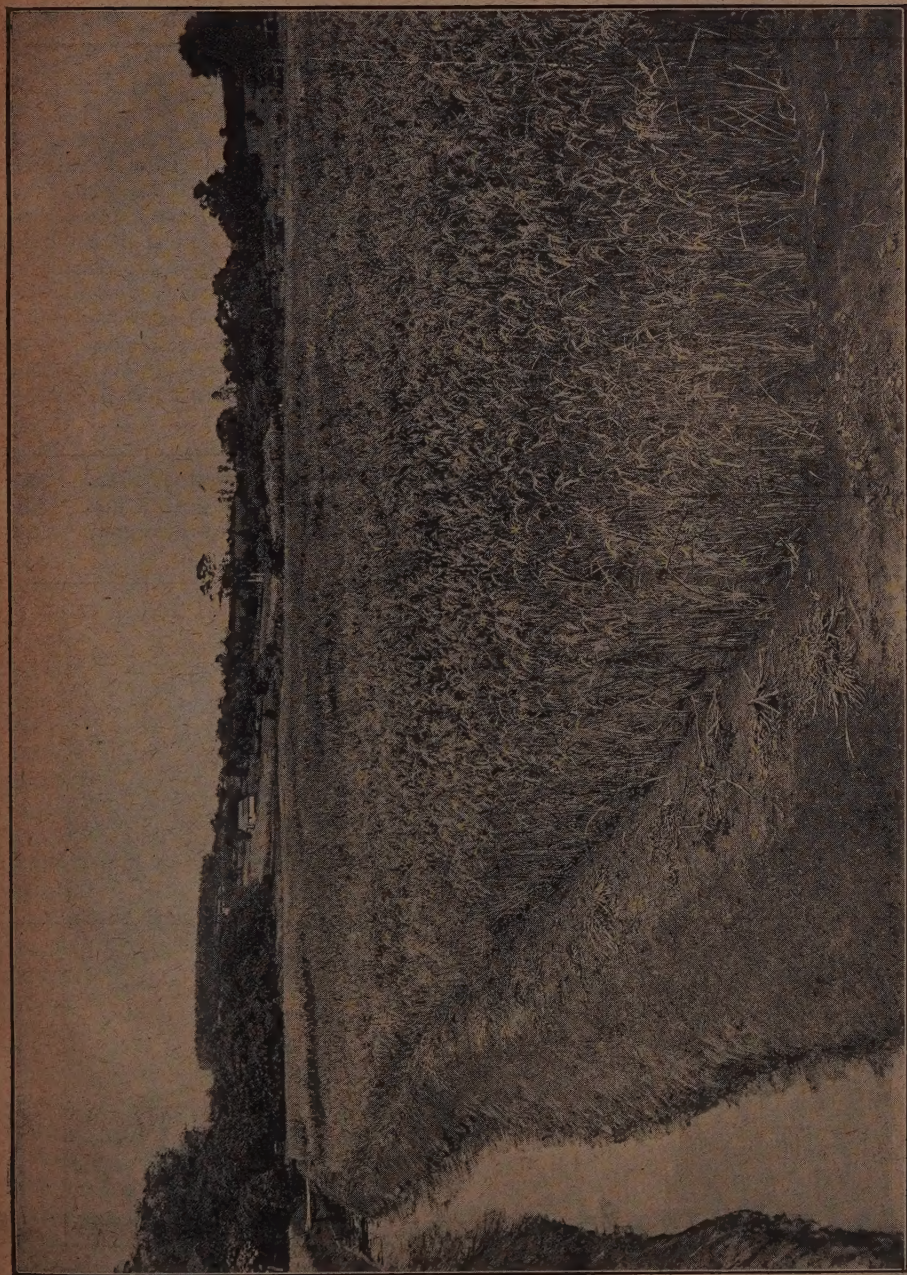



Foto 1 — A utilização das terras adequadas garante rendimento elevado por área e estabilidade de produção de arroz.

O arroz como cultura intercalar no cafèzal :

Como já vimos, uma das causas do aumento da produção do arroz, em São Paulo, foi a expansão da lavoura cafeeira. Eis a razão : a prática seguida na formação de um cafèzal é geralmente a seguinte : após a derrubada da mata e do plantio do café, o terreno deixado livre durante a formação dos cafeeiros é aproveitado para culturas diversas, entre as quais, das mais recomendáveis, a do arroz, cujas produções contribuem em grande parte para as despesas da formação do cafèzal e fonte de renda da terra até que a cultura principal comece a produzir. A terra de derrubada recente, pela sua riqueza em matéria orgânica, possui um alto poder de retenção de umidade, a qual, em anos de chuvas não muito escassas, garante econômicas produções de arroz. Depois de alguns anos, com a diminuição do húmus do solo e conseqüente decréscimo da sua capacidade retentora de umidade, e, principalmente, com o sombreamento do terreno pelo crescimento dos pés de café, diminuem as possibilidades da cultura intercalar do arroz, pois o meio se torna impróprio para o seu perfeito desenvolvimento pela deficiência de luz e umidade, elementos dos quais é muito exigente.

A cultura intercalar do arroz em cafèzais formados, além de prejudicial à cultura principal, é antieconômica, pois a sua produção potencial é muito prejudicada com o sombreamento pelos cafeeiros

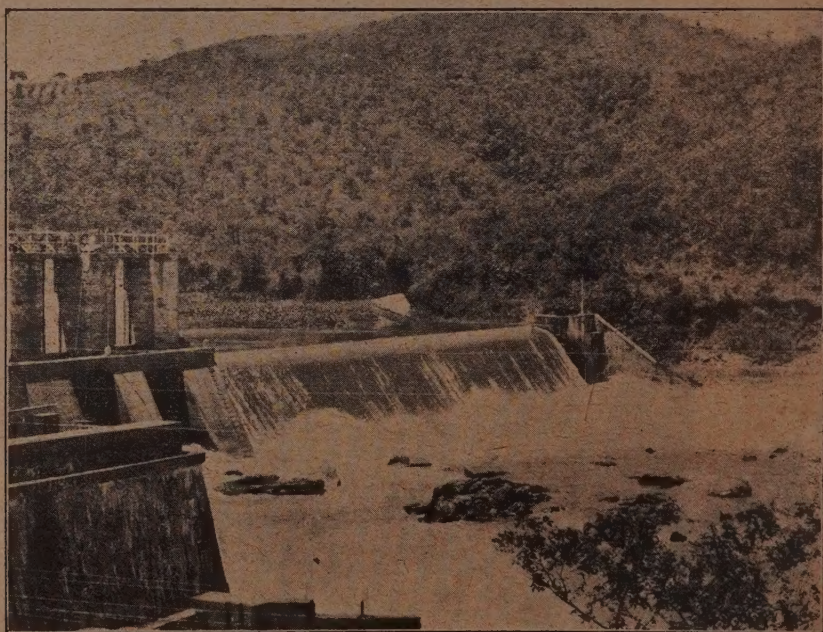



Foto 2 — Barragem em um rio a fim de elevar a água para irrigação de cultura de arroz.

A prática de cultivar arroz em cafèzais novos é perfeitamente justificável, pelo lado econômico, pois preenche a finalidade de formar uma lavoura de maneira menos dispendiosa. Entretanto, a produção de arroz na fazenda de café é transitória, pois termina quando não houver mais cafèzais novos, ou matas a derrubar

Foto 3 — Canal de distribuição de água em uma grande cultura.

e o lavrador, que produzia e vendia arroz, passa à categoria de comprador para o próprio consumo da fazenda. Como em quase tôdas as propriedades agrícolas produtoras de café chegamos sempre a essa situação, o problema se torna geral e o Estado, já com uma produção média um pouco inferior ao consumo, será forçado a importar maiores quantidades de arroz.

Para a economia das próprias fazendas e do Estado em geral, seria aconselhável que os lavradores (sempre que em suas propriedades existam condições propícias) incluissem, em caráter permanente, entre as culturas subsidiárias das fazendas de café, a dêste indispensável alimento.

A estabilização da cultura do arroz :

A estabilização da cultura do arroz, em São Paulo, só será possível quando feita em várzeas irrigáveis, aliás, existentes em grande número por todo o Estado, muitas de grande extensão nas margens dos rios ; e maior número ainda, pequenas, formadas pelos ribeirões e fàcilmente adaptáveis a culturas irrigadas. Atualmente,

encontram-se em sua grande maioria completamente inaproveitadas, em forma de charcos, que são grandes viveiros de mosquitos transmissores de várias moléstias que roubam anualmente grande número de vidas à população rural paulista. A adaptação dêsses terrenos a culturas, contribuirá para o saneamento de muitas das regiões insalubres do Estado. Como fonte de renda, pode-se dizer que o arroz, em cultura irrigada, em várzeas bem preparadas e defendidas de inundações, é uma das mais garantidas, pois o fator incerto em nossas condições de clima, a umidade fica sob contrôle do lavrador.

Um exame atento mostra que quase tôdas as fazendas possuem um certo trecho de várzea aproveitável em maior ou menor extensão. Por pequena que seja essa área, merece sem dúvida, as atenções do lavrador. Ao invés de culturas intercalares e exclusivas em terras impróprias, o aproveitamento mesmo de pequenas várzeas dá resultados econômicos mais seguros.

Vejamos então as etapas de um programa de aproveitamento das várzeas, vizando a substituição gradativa da cultura de arroz em terras altas.

Adaptação das várzeas para cultura irrigada :

Os trabalhos de adaptação de uma várzea para cultura irrigada são, em linhas gerais, os seguintes :

Drenagem : — A drenagem tem por fim retirar do terreno o excesso de água. As várzeas se encontram muitas vêzes em forma de brejos, cobertas de vegetação, como : taboa, junco, água-pé, etc., plantas essas que medram em terrenos enchar-

Foto 4 — Canal de derivação de água de um ribeirão, mediante uma pequena barragem.

cados. O processo mais simples para dessecá-los é, nos meses sêcos do ano, abrir uma trincheira, a céu aberto, no sentido da declividade do terreno, que vá terminar em um rio ou ribeirão em um ponto em que o nível das águas, mesmo nas enchentes, fique mais baixo que o lugar mais baixo da área a drenar. Convergindo para êsse

Foto 5 — Comporta de contrôle de água para irrigação em uma pequena cultura.

canal principal de dreno, abre-se uma série de canais secundários, partindo das partes mais altas do terreno, de ambos os lados do canal principal. Para evitar que as águas das encostas vizinhas inundem a várzea é necessário construir drenos de contôrno e também diques de proteção se a várzea fôr sujeita a inundações, por enchentes de ribeirões vizinhos.

Limpeza das várzeas :— Retirada pelos drenos a água estagnada, ainda no inverno deve-se cuidar da limpeza do local. A riqueza em matéria orgânica, geralmente encontrada nas várzeas, justifica métodos radicais no seu desbravamento. A roçada, seguida da queima da vegetação depois de sêca, é, neste caso, prática aconselhável, pois as cinzas irão contribuir para a correção do excesso de acidez proveniente do estado de encharcamento em que se encontrava o terreno. Em seguida, devem ser arrancados os tocos porventura existentes, a fim de facilitar os trabalhos posteriores.

Divisão do terreno em quadras : — Drenada e limpa a várzea, iniciam-se os trabalhos para que possa ela ser irrigada. A irrigação do arroz é feita pelo sistema de submersão, que consiste em cobrir todo o terreno plantado com uma fina

camada de água. Para a sua aplicação torna-se necessária a divisão do terreno em quadras, separadas por diques e com a diferença de nível dentro de cada uma não superior a 15 cm, para que possam ser completamente inundadas, sem que as partes mais baixas das quadras fiquem com uma altura exagerada de água.

Para facilitar a marcação e a construção dos diques, é conveniente que o terreno seja antes muito bem arado e gradeado. Em seguida, começando pela parte mais alta da várzea, marcam-se, com um nível, curvas a cada 15 cm de queda do terreno. Os diques podem ser construídos com plainas à tração mecânica ou animal, ou mesmo com pás e enxadas, nas culturas pequenas. Qualquer que seja o modo de construir os diques, deve-se ter o cuidado de que, quando prontos, tenham a linha do fundo em nível. As irregularidades dentro das quadras, como montículos ou depressões, podem ser corrigidas por pequenas remoções de terra por meio de pás de cavalo ou de enxada.

Canais de irrigação : — A água para a irrigação pode ser localizada a montante do terreno a ser irrigado, caso muito comum nas várzeas pequenas formadas pelos ribeirões, dos quais, com uma pequena barragem, se podem tirar canais de derivação com elevação suficiente para levar a água a qualquer parte do terreno. Para a irrigação de grandes áreas, são necessários, geralmente, trabalhos de maior monta como construções de barragens ou instalação de bombas para a elevação da água.

A quantidade de água necessária para a irrigação de uma cultura de arroz, por unidade de superfície, varia conforme as chuvas caídas durante o ciclo da planta e a textura da terra a ser irrigada. Como o período de irrigação da cultura de arroz em São Paulo coincide com a época das chuvas, o consumo é bem menor que o das regiões de verão sem chuva. Para uma várzea em boas condições para irrigar, com subsolo pràticamente impermeável, o dispêndio de água está ao redor de 1 litro por hectare, por segundo.

A distribuição é feita pela ação da gravidade, através de uma rêde de canais, de inclinação não superior a 1 ‰ e construída de maneira que possa servir a tôdas as quadras.

(continua no proximo Boletim)

A Exportação Cafeeira em 1944

Quantidades — Preços — Qualidades

J. C. Mello

Conforme havia sido previsto, deu novo salto a exportação brasileira de café em 1944. A reação iniciada em 1943, quando as nossas exportações totalizaram 10.115.969 sacas, depois de têrmos vendido em 1942 apenas 7.279.658, continuou no ano passado, em que elas chegaram a alcançar 13.558.122 sacas.

São os seguintes os quadros das nossas exportações nesses dois anos :

ANO DE 1943

DESTINO	PROCEDÊNCIA	SACA DE 60 QUILOS
ÁFRICA :		52 040
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	250
União Sul Africana	Rio de Janeiro	51 790
AMÉRICA DO NORTE :		8 675 053
Canadá	Santos	105 650
	Rio de Janeiro	15 739
	Total	**121 389**
Estados Unidos	Santos	6 594 686
	Rio de Janeiro	1 224 579
	Vitória	330 865
	Angra dos Reis	161 711
	Paranaguá	193 087
	Bahia	9 584
	Recife	39 152
	Total	**8 553 664**
AMÉRICA DO SUL :		575 923
Argentina	Santos	103 581
	Rio de Janeiro	282 808
	Vitória	3 300
	Paranaguá	29 091
	Bahia	2 500
	Total	**421 280**
Bolívia	Rio de Janeiro	1 000
	Belém	750
	Total	**1 750**
Chile	Santos	5 192
	Rio de Janeiro	98 411
	Total	**103 603**

ANO DE 1943

DESTINO	PROCEDÊNCIA	SACA DE 60 QUILOS
Falkland	Rio de Janeiro	16
Guiana Francesa	Bahia	1 050
	Belém	200
	Total	1 250
Paraguai	Rio de Janeiro	2 225
Uruguai	Santos	5 041
	Rio de Janeiro	40 408
	Paranaguá	350
	Total	45 799
ÁSIA:		34 270
Hedjaz	Rio de Janeiro	2 000
Iraque	Rio de Janeiro	2 000
Síria	Rio de Janeiro	30 270
EUROPA:		778 505
Espanha	Rio de Janeiro	183 502
Grã Bretanha	Santos	189 599
	Vitória	535
	Total	190 134
Islândia	Rio de Janeiro	8 603
Portugal	Rio de Janeiro	10
Suécia	Santos	321 865
Suiça	Santos	67 008
	Rio de Janeiro	3 915
	Bahia	3 468
	Total	74 391
NÃO ESPECIFICADO:		
Consumo de Bordo	Santos	178
Total		10 115 969

ANO DE 1944

DESTINO	PROCEDÊNCIA	SACA DE 60 QUILOS
África:		62 501
Canárias	Rio de Janeiro	8 333
Egíto	Rio de Janeiro	33 877
Marrocos Espanhol	Rio de Janeiro	4 167
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	25
Tânger	Rio de Janeiro	2 500
União Sul Africana	Rio de Janeiro	13 599
América Central:		66
Martinica	Belém	66
América do Norte:		11 738 219
Canadá	Santos	121 579
	Rio de Janeiro	5 200
	Total	**126 779**
Estados Unidos	Santos	9 871 359
	Rio de Janeiro	1 178 115
	Vitória	219 343
	Angra dos Reis	131 963
	Paranaguá	123 560
	Bahia	25 617
	Recife	61 483
	Total	**11 611 440**
América do Sul:		778 784
Argentina	Santos	95 061
	Rio de Janeiro	453 529
	Vitória	4 050
	Angra dos Reis	8 500
	Paranaguá	25 535
	Bahia	11 000
	Total	**597 675**
Bolívia	Belém	2 550
	Manaus	650
	Total	**3 200**
Chile	Santos	7 805
	Rio de Janeiro	91 895
	Total	**99 700**
Guiana Francesa	Bahia	825
	Belém	650
	Total	**1 475**

ANO DE 1944

DESTINO	PROCEDÊNCIA	SACA DE 60 QUILOS
Paraguai	Santos	4 000
	Rio de Janeiro	4 800
	Total	8 800
Peru	Belém	100
	Manaus	10
	Total	110
Uruguai	Santos	2 683
	Rio de Janeiro	65 141
	Total	67 824
EUROPA :		858 453
Andorra	Santos	166
Espanha	Santos	33 333
	Rio de Janeiro	11 159
	Bahia	25 001
	Total	69 493
Grã Bretanha	Santos	288 436
	Rio de Janeiro	34 160
	Vitória	500
	Total	323 096
Islândia	Rio de Janeiro	14 728
Portugal	Rio de Janeiro	509
Suécia	Santos	341 533
Suiça	Santos	91 982
	Rio de Janeiro	13 547
	Bahia	3 399
	Total	108 928
OCEANIA :		117 604
Austrália	Santos	117 604
NÃO ESPECIFICADO :		2 495
Consumo de bordo	Santos	144
	Rio de Janeiro	18
	Recife	2 333
	Total	2 495
Total		13 558 122

Analizando, em detalhe, êsses quadros, nota-se que a quase totalidade do aumento verificado, que é de 3.442.153 sacas, se deve aos Estados Unidos, cuja majoração nas compras, de um ano para outro, foi de 3.057.776 sacas. Assim, os Estados Unidos, que nos compraram, em 1944, cêrca de 75% do nosso café, participaram com cêrca de 88% no aumento verificado de 1943 para 1944.

E quem tomou os outros 22% de aumento, ou sejam as 384.377 sacas restantes ? De um modo geral, pode-se responder que todos os continentes aumentaram suas compras: A África passou de 52.040 para 62.501 ; a América do Norte, de .... 8.675.053 para 11.738.219 ; a Europa, de 778.505 para 858.453 ; a América do Sul, de 575.923 para 778.784 sacas. Houve, a mais, no último ano, exportações para a América Central e para a Oceania, que não se verificaram em 1943. E, em compensação, desapareceu das exportações a Ásia, que registrara em 1943 o total de 34.270 sacas.

Temos, pois, que do aumento verificado 202.861 sacas se devem ao crescimento nas exportações para a América do Sul; 79.948 sacas para a Europa e 117.604 para a Oceania, um mercado inteiramente novo para os nossos cafés. Na Europa, houve uma grande diminuição na quota da Espanha, que passou de 183.502 para 69.493 sacas. Outros países, entretanto, aumentaram suas compras, porém, a maior força do acréscimo verificado nas importações se deve às grandes compras da Inglaterra, que passou de 190.134 sacas em 1943 a 323.096 em 1944.

Que terá havido na velha Albion ? Aumento súbito na preferência pelo café, em detrimento da tradicional bebida, o chá ? Ou, antes, não será mais razoável supor-se que o fato se deve à grande presença, ali, de soldados americanos, que levaram para as ilhas britânicas o seu arraigado hábito pela rubiácea ? Quer-nos parecer que esta é a explicação principal, sem excluir, todavia, a possibilidade de um aumento também no consumo inglês pròpriamente dito, de vez que são agora menores que antes da guerra as possibilidades de importação de chá do Oriente.

Quanto ao outro mercado, a Austrália, que aparece nas estatísticas repentinamente, com a alta quota de 117.604 sacas, não há segunda explicação : o fato é devido tão sòmente à presença, no continente australiano, das divisões de Tio Sam. Resta ver se farão prosélitos naquelas longínquas regiões e se, depois da guerra, alguns milhares de australianos terão aprendido a ingerir a perfumada bebida dos trópicos. O mercado das Índias Holandesas, todavia, está demasiado perto, para têrmos a pretensão de nos mantermos ali com a atual situação preponderante.

A cifra de 13.558.122 sacas é, quase se poderia dizer, uma cifra de exportação normal. Nos quatriênios de 1931-34 e de 1935-38, por duas vêzes exportamos menos que isso ; em 1932 11.935.244, e em 1937 12.122.809. Aliás, nos quatriênios anteriores numerosas cifras idênticas poderiam ser encontradas. Para uma época de guerra, o fato não deixa de ser auspicioso.

* * *

Pena é que os preços tenham deixado a desejar, isto é, os preços pelos quais deveria ser pago o produto, à vista do encarecimento do custo de produção. Porque os preços em cruzeiros de fato aumentaram, e aliás veem aumentando desde 1941. Por 10.115.969 sacas obtivemos, em 1943, 2.803.768.085 cruzeiros, ou sejam cêrca de 277 por saca de 60 quilos. Por 13.558.122 sacas obtivemos, em 1944, 3.880.005.911 cruzeiros, ou sejam cêrca de 287 por saca, o que constitui

um verdadeiro **record.** Em libras papel, o aumento foi equivalente, como é natural, dada a mesma taxa de conversão. Seria muito mais interessante o exame dos preços ouro que, infelizmente, ainda não temos em mãos.

Tendo em vista as contingências da nossa atual situação, sob o ponto de vista dos transportes, do custo do braço, da grande redução nas safras, do alto preço das ferramentas, adubos, e demais aparelhamento necessário, aquele elevado preço de 287 cruzeiros por saca, que noutros tempos seria considerado excelente, hoje não dá para cobrir o custo de produção, em sua maioria.

Aliás, mesmo o preço em cruzeiros só se tornou alto a partir de 1942, inclusive ano em que alcançou a média de 270 cruzeiros, por saca posta a bordo. Os anos anteriores, porém, a partir da ecolsão da guerra, foram muito baixos, dando em 1939 a média de 135,42 cruzeiros e em 1940 a média de 131,94 cruzeiros. Assim, o quatriênio 1939-42, só pôde apresentar a média de preço, por saca, de 166,53 cruzeiros, contra a média de 170,47 no quatriênio 1927-30 e de 184,19 no quatriênio 1923-26. A reação iniciada a partir de 1942 deve ser, pois, levada em conta não pròpriamente a u'a melhoria de preços do café, porém mais acertadamente a uma subida geral do nível de preços, devido ao considerável aumento do meio circulante e diversos fatores condicionados à guerra, não sendo também estranho a essa alta o fator carência do produto, ocasionado pelas quatro consecutivas safras pequenas, ùltimamente colhidas. Êsse último motivo de alta poderia ter influido muito mais consideràvelmente se não fôra a circunstância de serem pràticamente os Estados Unidos nosso único mercado e negarem-se êles, por motivo de sua política interna de preços, a permitir a elevação dos "ceiling" estabelecidos.

* * *

Relativamente à qualidade do produto exportado, e à distribuição por portos de exportação e por compradores, a análise das estatísticas revela o seguinte: mais de metade do artigo exportado (7.144.707 sacas) foi constituída de cafés de bebida suave (estritamente mole, mole e apenas mole) o que não deixa de ser uma constatação interessante. Porcentagem quase igual (7.048.747 sacas) foi constituída de cafés tipo 2 a 3/4. Pode, pois, qualificar-se de excelente a massa geral de cafés exportados em 1944.

As melhores qualidades, como sói acontecer, foram compradas pelo mercado americano, figurando também o Canadá como adquirente dêsse produto de melhor classe.

Das 10.975.685 sacas exportadas por Santos, 6.353.457 o foram de cafés moles, ou sejam cêrca de 60%, procedentes das nossas melhores zonas e do sul de Minas. Do Rio foram exportadas 651.789 sacas de cafés moles, em um total de 1.935.302, ou seja cêrca de um terço. Examinando-se as exportações, por portos, verifica-se que o abastecimento dos mercados norte-americanos foi feito quase totalmente por Santos (9.871.359 sacas), o mesmo acontecendo com os do Canadá e da Grã Bretanha. Os da Austrália foram inteiramente supridos pelo nosso pôrto, sendo os fornecimentos à África totalmente feitos pelo Rio de Janeiro, que igualmente remeteu a grande maioria dos cafés consumidos pela Argentina (453.529 sacas).

A formação de novos cafèzais e a broca do café

J. Bergamin

A notícia de que novos cafèzais serão formados em Mato Grosso, Goiaz e Pernambuco, enche de esperança o coração de todos quantos tenham aprendido a querer bem essa cultura providencial e bela. Porque o café, que encontrou no Brasil mais do que uma pátria adotiva, não irá deixar de aqui existir porque a nossa propalada ignorância e a nossa tão injusta fama de inadaptabilidade à racionalização o impeçam de aqui continuar.

Os principais inimigos do café serão combatidos nas novas zonas cafeeiras. As técnicas adequadas aí estão. Aí estão os novos métodos de cultura e as boas linhagens de café para a exploração racional. Abandonemos essa imensa indústria extrativa que creámos. Façamos do café uma cultura como outras que existem e que são duráveis e lucrativas.

Combatamos a erosão. Intensifiquemos a campanha pela adubação, desde a infância dos cafeeiros. Façamos as colheitas e preparemos o café como deve ser preparado e teremos café. Apliquemos nas novas culturas tudo quanto a *experiência* tem recomendado e veremos novamente o nosso café saindo do Brasil, ao mesmo tempo que veremos entrar para nossa arca o ouro que nos é essencial à vida.

Errámos, dizem. Dizem até que nesses duzentos e dezessete anos e meio temos produzido um enxurro de café. Uma imundice. Mas essa imundice nos deu riqueza e bem estar. Errámos ou fomos imprevidentes ?

A história do café no Brasil é rica de romantismo : a sua entrada no país se deve a uma espécie de aventura, cujos detalhes são bem conhecidos. É rica em nomadismo : tateando aqui e ali, firmou-se o café em S. Paulo para erguer êsse imenso parque agrícola que até hoje nos dá orgulho e bem estar. É rica em descalabros, em altos e baixos. Em apreensões e desafôgo. Bem ou mal, temos vencido sempre os percalços que têm tentado impedir que o café ocupe o lugar que conquistou em nossa pátria.

A princípio, o pouco interesse que o café despertava, fez com que o seu cultivo fosse tão limitado. Todavia, o carinho com que foi tratado por alguns fazendeiros fez com que êle viesse sendo plantado desde o Pará até o Rio e Minas. Depois S. Paulo, Paraná e Sta. Catarina. Depois o excesso de produção, a pejorativa denominação de enxurro ou imundice, a crise, a luta. Pouco antes disso, porém, a broca.

A broca é essa praga que já conhecemos. Ela saiu da África, pátria do café. Invadiu Java e impediu que Java se tornasse concorrente forte para nós. Foi para Sumatra e se disseminou por todos os cafèzais. Os holandeses lutaram contra ela. Fizeram tudo quanto fosse possível fazer. Tentaram as colheitas bem feitas e os repasses. Tentaram a destruição de duas ou três floradas por ano. Tentaram os parasitos, neles depositando muita confiança. Tudo em vão. A broca levou de vencida tôdas as barreiras que lhe foram antepostas.

A broca foi à Indochina. Foi também ao Ceilão. E veio para o Brasil, como foi para Java e Sumatra, como foi para o Indochina e Ceilão : no interior de sementes.

Entrada em S. Paulo mais ou menos em 1913, está ela hoje distribuida por todo o território paulista, pelos cafèzais norteparanaenses, está ela disseminada pelas regiões cafeeiras de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Os prejuizos que causa todos os anos, são incalculáveis. São enormes êsses prejuizos. Mas parece que nos acostumámos a êles.

Cogita-se agora do cultivo do café, além do Paraná, que já está infestado pela broca, em Goiaz, Mato Grosso, Pernambuco, Paraíba etc.. As sementes terão que sair, provàvelmente, de S. Paulo, pelo menos para Goiaz e Mato Grosso, regiões mais promissoras. Não será perigoso formar novas culturas sem que cuidados especiais sejam levados em boa conta ?

As primeiras culturas não serão, com tôda certeza, invadidas pela praga. Mas as novas regiões não serão fundadas ao mesmo tempo. Anos e anos continuados, cheios de esforços e de lutas, terão que passar até que as culturas se formem. Vagarosamente irão crescendo em extensão e em profundidade. Se sementes com broca forem utilizadas, a broca invadirá êsses cafèzais, invalidando tantos esforços e neutralizando tanta heroicidade.

A fim de evitar que o flagelo continue a se espalhar pelo Brasil, apresentamos algumas despretenciosas sugestões que, ligadas ao bom senso e ao interesse direto daqueles que se atirarem a tão complexo empreendimento, por certo poderão servir como uma contribuição ao esforço que temos feito no sentido de tornar conhecidos os principais hábitos da praga, bem como os métodos de combatê-la.

1.ª — Expurgo das sementes destinadas à formação dos novos cafèzais. A Seção de Café, do Instituto Agronômico de Campinas, provàvelmente a única em condições de distribuir sementes de linhagens selecionadas, tem dedicado tôda atenção ao problema da broca. Para evitar que a broca seja disseminada em sementes por ela entregues aos fazendeiros, tem procedido ao expurgo das partidas, com formicida ou bisulfureto de carbono (CS^2).

Êsse fumigante, tão largamente empregado nas fazendas paulistas em outros tempos, poderia prejudicar a germinação. Para verificar tal fato, Mendes e Franco (L. O. Teixeira Mendes e C. M. Franco — 1939 — Bol. Inst. Café, N.º 152 : 1002–1027) realizaram os necessários ensaios e chegaram à conclusão de que o bisulfureto de carbono prejudica o poder germinativo das sementes de café, quando usado em doses inadequadas, com exposições muito prolongadas. Como resultado final, surgiu uma tabela na qual são dadas as doses de CS^2 e a duração do expurgo para cada uma dessas doses. É a seguinte a tabela que se encontra à p. 1027 do trabalho acima citado :

Tabela 1 — Tempo máximo de expurgo a que podem ser submetidas as sementes de café, sem que a sua germinação seja afetada pela quantidade empregada de bisulfureto de carbono.

CS^2 cc/m^3	100	150	200	250	300	350	400
Tempo de expurgo – Horas..	24	18	15	15	9 (1)	6	3

(1) — Dado obtido pela interpolação

Depois de determinada a concentração do expurgo que não ocasionasse a perda da germinação, restava saber si a broca seria morta com a mesma dosagem. Para isso fizemos os ensaios necessários, por solicitação da Seção de Café do I. Agronômico e chegamos à conclusão de que a broca é morta com as doses toleradas pelas sementes (J. Bergamin — 1944 — Bol. Sup. Serv. do Café — N.º 213 : 1262-1268).

A pesar dos resultados a que chegamos, julgamos de tôda a oportunidade chamar a atenção para a possibilidade de falhas, principalmente quando as partidas a expurgar sejam volumosas, a umidade das sementes seja excessiva, a mucilagem não tenha sido bem retirada ou o bisulfureto de carbono não seja puro.

Grande quantidade de sementes colocadas a granel numa câmara, pode formar massa muito compacta na parte inferior e não permitir a circulação do gás, o que prejudica o expurgo, principalmente si a mucilagem não tiver sido bem retirada, pois ela, aglutinando as sementes, pode obturar o orifício de entrada de muitas e muitas brocas. As sementes que não tiverem sido convenientemente sêcas, poderão saturar a câmara de umidade e impedir a evaporação de todo o volume de CS^2 a ser empregado. O bisulfureto de carbono pode não ser puro, seja por deixar excesso de enxofre ao evaporar-se, seja por conter água. Si a quantidade de enxofre deixada pela evaporação fôr muita, a quantidade de gás formada não será suficiente para matar a broca e si contiver água em mistura, esta formará uma película superficial que impedirá a evaporação total do volume necessário. Diga-se, ainda, que as cubas de evaporação precisam ser bem razas para que a evaporação total se processe ràpidamente.

Depois de expurgadas, devem as sementes ser isoladas, de preferência em sacos de algodão, para que não sejam reinfestadas. Uma pequena amostra deve ser examinada para se ter a certeza de que a broca foi morta.

2.ª — Certificado de expurgo — Quando as sementes não sejam adquiridas no Instituto Agronômico, o interessado deve exigir um "certificado de expurgo completo", que poderá ser fornecido pelo Instituto Biológico, depois de examinar amostras retiradas dessas sementes.

3.ª — Depois da lavoura formada — Evitar e até proibir a entrada de pessoas procedentes de zonas infestadas, principalmente de colonos ou camaradas que carreguem seus utensílios de trabalho. Um rigoroso exame talvez evite a entrada de café infestado na nova lavoura.

4.ª — Sacaria — O comércio de sacos deve ser feito com cautela. A broca resiste muitos dias sem alimento. Nas malhas dos sacos poderá ela ser transportada a longas distâncias.

A lição aprendida com a broca em S. Paulo, no norte do Paraná, em Minas, no Est. do Rio e Espírito Santo, é a triste realidade a ser encarada para o futuro. Nada impede que Goiaz, Mato Grosso e outros Estados formem seus grandes cafèzais. Essas novas culturas poderão se tornar o nosso orgulho. Elas poderão garantir a nossa exportação. Não nos chamarão de impertinentes aqueles que já tenham pensado em tudo quanto estamos agora abordando. É nosso desejo bem sincero que as lavouras que se formarem no Brasil central e no oeste, sejam elas sombreadas ou de pleno sol, em curvas de nível com esmerado serviço de com-

bate à erosão ou com enleiramento permanente, sejam elas beneficiadas com esterco de curral, com composto ou com adubação verde, estejam elas a 500 ou a 1.000 m., mantenham-se livres da broca. Porque mais do que a erosão, mais do que os preços baixos e mais do que a desvantagem da má bebida, os prejuizos ocasionados pela broca contribuirão para o desânimo e para a falência, para o encarecimento da produção e para as dificuldades de comércio.

O café brasileiro não estaria no que está, si as advertências que hoje podemos fazer com tanta liberdade e com algum conhecimento, pudessem ter sido feitas há 35 anos. Da dolorosa realidade e das lides continuadas, das observações e das deduções, nasceram os princípios da nossa convicção de que uma praga como a que temos na lavoura do café não permite descuido e nem permite tolerância. Já que se pretende enriquecer outros rincões brasileiros com a cultura que elevou S. Paulo aos píncaros de um grande centro produtor, apliquemos com resolução aquilo que temos tirado da cruciante escalada do café pelos sertões paulistas. Tenhamos presentes tôdas as precauções que devam ser tomadas. Principalmente em se tratando de uma praga das proporções e da seriedade da broca do café.

A Broca do Café "Hypothenemus hampei" (Ferrari, 1867)

(Continuação do Boletim n.º 216)

J. Bergamin

II) Sistemática, Sinonímia e Nomes vulgares

Na classe HEXAPODA, é a seguinte a posição da broca do café:

Ordem — Coleoptera
Sub-ordem — Polyphaga
Super-família — Scolytoidea
Família — Ipidae
Sub-família — Corthylinae
Gênero — Hypothenemus
Espécie — hampei

Sinonímia de **Hypothenemus hampei** (Ferr., 1867).

Os principais sinônimos da broca do café, são os que seguem:

Cryphalus hampei Ferrari, 1867
Stephanoderes hampei (Ferr., 1867) (*)
Stephanoderes coffeae Gowdey, 1910
Cryphalus hampei Hagedorn, 1910
Stephanoderes coffeae Hagedorn, 1910 (*)
Xyleborus coffeivorus van der Weele, 1910
Hypothenemus hampei Reitter, 1913, 1916
Xyleborus coffeicola Campos Novaes, 1922, partim (*)

Nome vulgar brasileiro que melhor define a praga:

Broca do café.

Outros nomes vulgares usados no Brasil

Broca
Broca paulista
Broca da cereja do café
Caruncho do café
Caruncho da cereja do café
Scolyto do café

(*) Usado no Brasil.

Fig. 1 — Ramo de cafeeiro com frutos mostrando os orifícios de penetração da fêmea. Ao lado, frutos broqueados (C. R. Fischer des. e Federmann fot., 1924).

III) Importância econômica

Qual o valor econômico da broca como praga do café ? Qual o prejuízo de S. Paulo devido ùnicamente à broca ? Não ousamos ainda tocar em algarismos. Não ousamos dizer com convicção que êsse prejuízo vai, anualmente, além de cem milhões de cruzeiros. Mais tarde, quando as observações e os cálculos que estão sendo feitos pela Seção de Entomologia Agrícola se concretizarem, ficarão assustados os cafeicultores diante do vulto desse prejuízo. E veremos quanto

dinheiro deixou de ser ganho, sendo o mesmo o dispêndio, sendo o mesmo o esfôrço e o mesmo o número de cafeeiros em produção, dentro dos limites de nosso Estado. E mostraremos que é de vantagem combater a broca. Não só para melhorar o aspecto do produto, como também para aumentar o lucro do fazendeiro.

IV) Descrição dos estádios

OVO

Forma — Os ovos não apresentam forma e dimensões uniformes pois estas variam com as condições em que êles são postos. Em ambiente normal, onde as condições de umidade e de temperatura girem em tôrno do ótimo, os ovos se apresentam sempre com forma mais ou menos constante, variando suas dimensões dentro de extremos não muito distanciados. Êsse ótimo, que são a temperatura pouco acima de 25° C. e a umidade relativa próxima de 100%, permite-nos estabelecer os limites dentro dos quais encontramos as dimensões que podem ser tomadas como padrões. Os ovos, cujas dimensões se encontram nesse período, podem ser chamados normais. São os ovos encontrados no campo, em frutos verdes e "cereja".

Normalmente não há posturas em frutos secos. Pode acontecer, todavia, que alguns poucos ovos sejam neles postos. Quando tal acontece, êsses ovos apresentam aspecto inteiramente diverso do normal: em virtude de um comprimento maior (em média 138 micra a mais), a forma do ovo é completamente mudada. De elíticos que são os normais, levemente próximos de ovóides, passam a tomar forma cilíndrica em meio sêco.

Quando a temperatura é elevada (27° C.) e há ambiente saturado de umidade, os ovos são postos com um comprimento pouco menor do que os normais.

De raro em raro são encontrados, em posturas normais, ovos apresentando dimensões muito menores. Durante tôdas as contagens e observações feitas, por mais de ano e meio, só foram encontrados 10 desses ovos. Colocados em ambiente favorável à eclosão, jamais lográmos obter uma larva sequer que nos indicasse qualquer cousa atribuível a essa circunstância. Ficamos sabendo, contudo, que êles são estéreis.

Dimensões — Para que um tamanho médio fosse determinado, foram medidos 150 ovos. Essas medidas foram tomadas no sentido do comprimento e no da largura — eixo maior e eixo menor, e são expressas em mm.. Damos a seguir as dimensões encontradas:

TABELA 1

DIMENSÕES DOS OVOS EXPRESSAS EM MM.

OVOS	EIXO MAIOR			EIXO MENOR			NUM TOTAL DE
	MÉDIA	MÍNIMA	MÁXIMA	MÉDIA	MÍNIMA	MÁXIMA	
Normais	0,599	0,52	0,69	0,314	0,28	0,35	78
Alongados	0,760	0,70	0,84	0,311	0,28	0,34	67
Pequenos	0,498	0,44	0,56	0,250	0,23	0,26	5

Coloração — Os ovos ainda novos apresentam coloração geral branco-leitosa, com brilho. Á medida que se desenvolvem, porém, há uma concentração de vitelo na região equatorial, ficando os polos inteiramente transparentes e com aspecto hialino. Ao aproximar-se do têrmo do desenvolvimento embrionário, a coloração começa a tomar tonalidades amareladas. De 24 a 48 horas antes da eclosão, dois pontos pardos aparecem, ora numa das extremidades polares, ora entre o polo e a linha mediana equatorial. Isso denuncia que o embrião está prestes a atingir o seu desenvolvimento completo. Algum tempo antes de se verificar a eclosão, podem ser notados, sob o cório, os primeiros movimentos da larva, principalmente das mandíbulas.

Depois de vasio, o cório se apresenta como si fosse um pequeno fragmento de película muito fina. A coloração branco-leitosa do ovo desaparece, ficando apenas o envoltório transparente, com irisada aparência. Nas placas, não raras vêzes observámos as larvas alimentando-se do cório abandonado.

LARVA

Ao nascer, a larva apresenta os seguintes caracteres :

Cápsula pouco mais larga do que o resto do corpo, de coloração amarelo-palha e bem distinta do resto do corpo, com os bordos levemente recurvados. Largura média da parte mais dilatada — 240 micra. Sutura mediana longitudinal, visível.

Mandíbulas visíveis, de dimensões regulares, dirigidas para a frente. Coloração parda.

Corpo mais largo na região toráxica, afilando-se para a extremidade posterior. Direito na larva recem-nascida, com segmentos mais ou menos distintos. Pêlos esparsos, não muito longos, dirigidos para trás. Ausência de patas.

Dimensões — Para as larvas recem-nascidas encontrámos as dimensões seguintes, tomadas em 10 indivíduos : comprimento médio 0,79 mm. ; comprimento mínimo 0,72 ; comprimento máximo 0,84. Largura média da cápsula cefálica 0,240 mm. ; largura mínima 0,230 ; largura máxima 0,250.

Para a tomada dessas dimensões distendemos 10 larvas recem-nascidas sôbre uma lâmina e procedemos à leitura no microscópio, com ocular graduada. Tal processo permitiu-nos medir, durante 16 e 27 dias respectivamente, dois lotes de larvas, para estudar as mudanças de pele. Medimos, em cada dia, 10 larvas, com um total, portanto de 160 para o primeiro lote, cujas larvas tiveram um desenvolvimento em boas condições de temperatura, e 270, para o segundo, com temperaturas bastante baixas.

Todos os dias as larvas crescem um pouco. A primeira muda, aliás a única no período larval pròpriamente dito, assinala a idade e o tamanho médios. Em geral, a primeira muda se dá quando as larvas medem de 1,35 a 1,45 mm. O tempo para atingir êsse tamanho varia, com a temperatura, de 4 a 12 dias. Quando completamente desenvolvidas, antes da prepupação, as larvas medem de 1,88 a 2,30 mm., com média de 2,12 mm..

PREPUPA

Cápsula inteiramente semelhante à das larvas crescidas. Corpo inteiro branco-leitoso, sem as manchas escuras observadas, por transparência, no interior do corpo da larva.

O comprimento médio do corpo das prepupas é de 2,05 mm. para as femininas, com extremos de 2,00 a 2,12 mm. e de 1,4 mm. para as prepupas masculinas, com variações de 1,34 a 1,50 mm.

PUPA

Nos três ou quatro primeiros dias, a pupa apresenta, em todo o corpo, coloração branca. Estão presentes todos os apêndices do futuro adulto. Na cabeça, que é encoberta pelo pronoto, notam-se livres e distintas, as antenas e as peças bucais, que até o quarto dia são inteiramente brancas. No torax, na parte tergal, com prolongamento para os flancos, são vistos os élitros, com seu aspecto sulcado. Na parte ventral, bem arranjadas, estão as patas.

No quarto dia (temperatura de 23-24° C.), notam-se bem distintamente, o escurecimento de todos os apêndices : as antenas, as peças bucais e as patas, tomam paulatinamente coloração pardo-amarelada, bem pálida, enquanto as extremidades das asas se apresentam cinza-escurecidas. Os olhos começam a delinear-se também e uma coloração pardo-amarelada muito pálida é notada em todo o corpo da pupa, em seus dois últimos dias.

Dimensões — As dimensões dadas na tabela 2 são de pupas femininas e masculinas e foram tomadas em dois sentidos : no do comprimento e no da largura. A largura foi tomada no terço posterior do pronoto.

TABELA 2

COMPRIMENTO E LARGURA DAS PUPAS FEMININAS E MASCULINAS

PUPAS	COMPRIMENTO EM mm.			LARGURA EM mm.			NUM TOTAL DE
	MÉDIA	MÍNIMA	MÁXIMA	MÉDIA	MÍNIMA	MÁXIMA	
Femininas	1,84	1,70	2,00	0,715	0,65	0,77	100
Masculinas	1,35	1,26	1,42	0,521	0,48	0,56	26

No último segmento abdominal das pupas, tanto masculinas como femininas, notam-se dois apêndices afilados, recurvados e ponteagudos : são os cerci, absolutamente ausentes nas larvas e nos adultos.

ADULTOS

Como a maioria dos Coleopteros de côr negra ou bem escura, a broca apresenta, ao nascer, coloração amarelo-palha, bem clara. É, em sua consistência, muito frágil, pois seu corpo não atingiu o endurecimento tegumentar que só depois de algum tempo se verifica. Ao nascer, seja pela sua fragilidade, seja pela desnecessidade de se locomover, permanece a broca na câmara, ao lado da exúvia pupal cêrca de três dias. Nessa idade o corpo já está mais duro e desejo sexual impele os indivíduos ao início das atividades para que foram gerados. Passados êsses três ou quatro dias, após o nascimento, o corpo todo já se apresenta castanho-escuro, permanecendo mais claros os apêndices, antenas e patas. À medida que passam os dias, mais escuro se vai tornando o corpo, até atingir a coloração preta, caráter de todos conhecido.

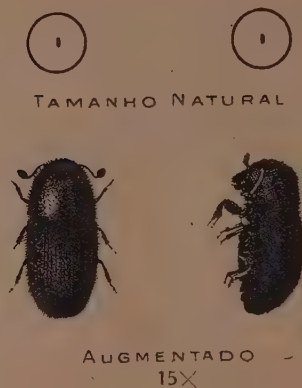



Fig. 2 — Bezouro causador da broca.

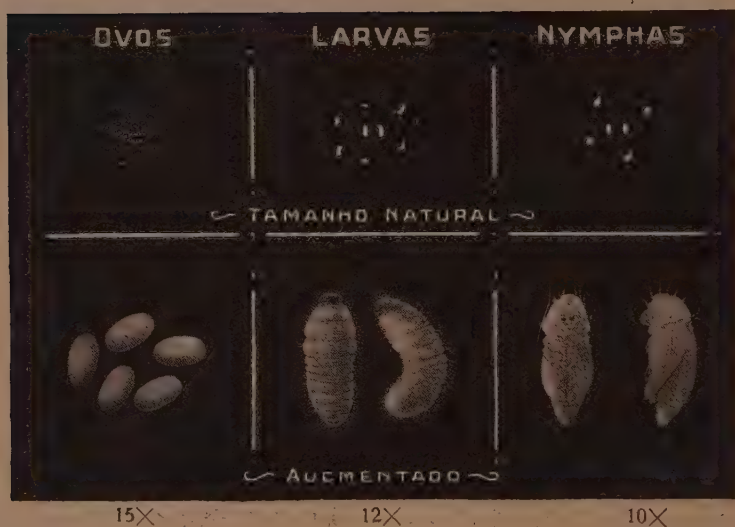



Fig. 3 — As tres primeiras phases da vida do bezouro.

Caracteres gerais — Não nos preocupou muito a parte puramente morfológica da broca. Inúmeras têm sido as publicações referentes a essa parte, e estamos convictos de que nada poderíamos apresentar de novo, numa bem minuciosa descrição morfológica. Àqueles que se interessam pela descrição detalhada do inseto, indicamos o trabalho de Piza Junior (4) e o de Oliveira Filho (3).

Fig. 4 — Adulto fêmea (Federmann, fot.)

Dimensões — Foram medidos 100 indivíduos, no sentido do comprimento, no da largura (bordo posterior do pronoto) e no da altura (do metasterno à superfície dorso-basal dos élitros). As variações extremas do comprimento, para as fêmeas, estão compreendidas entre 1,50 e 1,78; da largura entre 0,66 e 0,80 e da altura entre 0,62 e 0,73, as dimensões expressas em mm.. A tabela 3 nos dá essas dimensões.

Macho — Assemelha-se à fêmea, em seu todo. É porém muito menor. Mesmo isolado fàcilmente se reconhece um macho. Em conjunto, numa população, distingue-se imediatamente.

Fig. 5 — Adulto macho (Federmann, fot.)

TABELA 3

DIMENSÕES MÉDIAS, MÍNIMAS E MÁXIMAS DOS ADULTOS, TOMADAS DE 100 FÊMEAS E 15 MACHOS

DIMENSÕES EM mm.	MÉDIA		MÍNIMA		MÁXIMA	
	♀	♂	♀	♂	♀	♂
Comprimento	1,65	1,18	1,50	1,07	1,78	1,24
Largura	0,73	0,55	0,66	0,51	0,80	0,62
Altura	0,67	0,51	0,62	0,49	0,73	0,54

O macho apresenta apenas vestígios de asas membranosas, motivo por que é incapaz de voar.

V) Proporção dos sexos

Em todos os exames procedidos em laboratório, foram separados os indivíduos machos dos indivíduos fêmeas, a fim de bem se estabelecer a relação existente entre os sexos. Quando nossas observações se orientaram no sentido de definir as mudanças de pele, verificámos que as larvas que vão dar machos só mudam na passagem de prepupa a pupa e as que vão dar fêmeas mudam uma vez em sua idade média e outra ao passar de prepupa a pupa. Foi, pois, muito fácil separar as larvas em dois "instars" e considerar tôdas as do segundo como indivíduos femininos, pois o segundo "instar" não existe para as larvas masculinas. Assim sendo, nas contagens diàriamente procedidas para a determinação das porcentagens de machos e de fêmeas, grupamos tôdas as larvas do segundo "instar", prepupas, pupas e adultos fêmeas, incluindo-os no sexo feminino. Para a contagem dos machos consideramos as prepupas, as pupas e os adultos do sexo masculino. Para o estabelecimento da relação dos sexos por êsse processo, esperámos sempre, nas contagens, que aparecessem os primeiros adultos, a fim de podermos levar em consideração um elevado número de indivíduos.

Em 2.850 indivíduos encontrámos 265 machos e 2.585 fêmeas, ou seja 1 macho para 9,75 fêmeas. A porcentagem de machos numa população é, segundo êsses dados, de 9,29%. Apesar de tão baixa relação, tôdas as fêmeas coletadas em cafés, tanto da criação de laboratório, como do campo, são fecundas. Afastada como já se acha a hipótese da reprodução partenogenética, podemos afirmar, ante êsses dados, que um macho fecunda, pràticamente, 10 fêmeas em média.

Em exames procedidos em frutos do município de Campinas, nos quais foram separados os indivíduos de todos os "instars", pelo sexo, a relação foi um pouco diferente, havendo um número menor de fêmeas para cada macho. Êsses exames foram feitos em Março de 1942, em frutos cereja. A relação encontrada foi : 50 machos para 451 fêmeas ou 1 macho para 9,02 fêmeas. Em vários frutos onde a evolução da prole se completara havia algum tempo, pôde-se notar que se criaram mais fêmeas do que as encontradas. Havia muitas câmaras pupais vasias, em número superior ao de fêmeas ainda castanhas existentes. Houve um êxodo anterior, no qual saíram muitas fêmeas. O número delas, porém, não se pôde calcular. A relação de machos para fêmeas foi modificada, pois os machos, destituídos como são de asas membranosas, não abandonaram os frutos em que evoluíram.

Aquela proporção encontrada em laboratório, de 1 macho para 9,75 fêmeas, parece-nos mais acertada, porque além de ter sido calculada pela separação dos estádios imaturos, foi obtida com indivíduos que não puderam abandonar o fruto ou o ambiente em que evoluíram, pois cada fêmea que os gerou ficou isolada em um tubo fechado. Sabia-se que os indivíduos encontrados num tubo eram descendentes da fêmea presa nesse tubo e se criaram no fruto aí contido. Não houve o êxodo verificado no campo, o que autoriza a admitir maior exatidão de cálculo.

Em diferentes autores, principalmente em pesquisadores de Java, temos lido que as proporções entre machos e fêmeas variam segundo a época e segundo o estado das cerejas. Tais proporções devem realmente variar, pois elas não podem ser as mesmas em princípio de infestação, nos frutos verdoengos e no fim, quando os cotilédones já estão totalmente destruídos. Os machos, que existem na proporção de 1 : 10 no laboratório, devem existir na mesma proporção em tôdas as proles, mesmo nos frutos do fim da safra. Êles não abandonam os frutos em que se criaram, ao passo que as fêmeas o fazem. Assim sendo, há alteração no cálculo quando nele não entrem tôdas as fêmeas de uma prole.

A relação sexual, dada por O. Filho (3) é de 1 macho para 5,7 fêmeas. Leefmans (2), em Java, encontrou 27.734 fêmeas para 692 machos ou seja 1 macho para 40 fêmeas, ou ainda 97,5% de fêmeas. Êsse autor chegou a encontrar, em certas épocas, até 10 ou 12% de machos. Corporaal (1) chegou a encontrar, em Sumatra, até 50% de machos.

BIBLIOGRAFIA

1 — Corporaal, J. B. — 1921 — De Koffiebesborder op Sumatra's Oostkust en Atjeh. Meded. van het Algemeen Proefstation der AVROS 12, 20 pp.

2 — Leefmans, S. — 1923 — De Koffiebessenboeboek (Stephanoderes hampei Ferrari = coffeae Hagedorn). I — Levenswijze en oecologie. Meded. van het Instituut voor Plantenz. 57, 94 pp.

3 — Oliveira Filho, M. L. de — 1927 — Contribuição para o conhecimento da broca do café Stephanoderes hampei (Ferr., 1867). Com. Est. e Deb., S. Paulo, 20, 95 pp. 44 est.

4 — Piza Junior, S. T. — 1928 — Stephanoderes hampei (O caruncho do café). Secr. Agr. S. Paulo, 52 pp. 32 figs..

(Continua no próximo Boletim)

CONSIDERAÇÕES GERAIS SÔBRE A FERTILIDADE DA "TERRA-ROXA-LEGÍTIMA" E O REERGUIMENTO DA LAVOURA CAFEEIRA NESSE SOLO

J. E. DE PAIVA NETTO
Chefe da Seção de Agrogeologia

A "terra-roxa-legítima" provém da decomposição profunda das rochas do magma diabásico; são rochas básicas e ricas, sobretudo em cálcio e magnésio, contendo, ainda, teores regulares de potássio e de fósforo, isso apenas considerando os elementos que são absorvidos em quantidades maiores, pelas plantas em geral.

Os diversos afloramentos da rocha do magma diabásico apresentam variações, tanto na sua composição química como na sua textura, razão porque se encontram algumas áreas de "terra-roxa-legítima" ainda cobertas por matas, assim denominadas primárias, que divergem entre si no teor em elementos químicos.

Entretanto, as diferenciações estremas não abrangem senão pequena percentagem dos solos aqui descritos. Assim, todos os números reproduzidos nesse trabalho se referem a "números médios" que, de fato, representam o geral das "terras-roxas-legítimas" do Estado de São Paulo.

Se compararmos os solos de "terra-roxa--legítima" *virgens* com os dêsse mesmo tipo, porém já cansados e esgotados, veremos quão imensa foi a queda da sua fertilidade. E, então, vamos dar boa razão, sobretudo ao cafeeiro, de não querer mais vingar nesses solos, antes tão preferidos.

A fim de, em síntese, ficar explanado o problema da fertilidade da "terra-roxa-legítima", vamos passar em revista as diferentes fases de sua diagênese (ver esquema): a rocha viva; a decomposta — horizonte B_1 e A_2; o solo pròpriamente dito e ainda virgem, ou seja, coberto por matas; e, afinal, a "terra-roxa-legítima", porém já cansada.

ROCHAS VIVAS DO MAGMA DIABÁSICO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Como já dissemos, as referências sempre se aplicam aos elementos químicos mais em relêvo, e que são: Ca, K, Mg, e P.

De uma série de análises químicas de rochas do magma diabásico do E. S. Paulo — amostras coletadas pela Seção de Agrogeologia do I. A. —, efetuadas parte na antiga Seção de Química Agrícola e parte na mesma Seção de Agrogeologia, concluímos: que o Ca pode variar de 232 a 358 ME%; o potássio de 14 a 76 ME%; o magnésio de 92 a 254 ME%; o fósforo de 10 a 27 ME%.

No esquema N.º 1, a rocha viva está representada pela letra C.

Deixamos de considerar distinguidamente a camada C_1, por ser ela ainda pouco diferençável da rocha viva.

ROCHA DECOMPOSTA

O estudo aprofundado da zona de decomposição das rochas representa grande interêsse científico e prático para elucidação dos fenômenos que se processam na diagênese dos solos em geral, maxime da "terra-roxa-legítima".

No esquema N.° 1, o horizonte ou camada de rocha decomposta está indicado por C_2. Observe-se que na maioria dos casos pode abranger a espessura de 1 a 5 cm.. A sua côr oscila do amarelo esbranquiçado ao amarelo ocre. Às vêzes, chega a ser bem avermelhado, podendo apresentar tôdas as nuances, segundo a maior ou a menor oxidação e hidratação dos compostos de ferro. Desagrega-se fàcilmente em pó muito fino, mostrando algumas vêzes partículas maiores, sobretudo de ilmenita e de óxidos de ferro.

Analisando quìmicamente o material da camada decomposta C_2, fica-se surpreso pelo "salto vertiginoso" verificado entre essa e a rocha viva C. Já observamos que a rocha viva pode conter mais de 600 ME% de bases por 100 gr. de rocha, e aí, no horizonte C_2, só se encontram cêrca de 2 a 3 ME% por 100 gr. de material. Nota-se, assim, que um catiônio alcalino ou alcalino-terroso, logo após despregar-se da rêde cristalina da camada C, passa para o horizonte C_2 e é fàcilmente lixiviação. Não se encontra, portanto, no horizonte C_2, uma transição mais ou menos contínua, de rocha para solo; essa camada não possue poder sortivo para com as bases, não havendo, assim, possibilidade de que elas se acumulem.

Grande parte do fósforo permanece no material decomposto, provàvelmente ligado ao ferro e ao alumínio.

A camada C_2, em geral, também é pobre em sílica. Em muitos casos chega a conter menos de 10% de SiO_2. A camada C_2 de certos diabásicos atinge decomposição máxima, isto é, a relação $\frac{Al_2O_3 \text{ total}}{Al_2O_3 \text{ livre}} = 1$ e $\frac{SiO_2}{R_2O_3} = 0{,}5$, e mesmo menor. Observa-se, pois, que antes de transformar-se em solo, pròpriamente dito, o material já é do tipo laterítico avançado.

Nossa asserção, todavia, não se baseia sòmente no índice clássico: sílica sôbre sesquióxido, comumente encontrado na literatura, nem tampouco no índice Al_2O_3 total sôbre Al_2O_3 livre, porém em estudos sôbre o poder sortivo do material que é deveras reduzido: cêrca de 2 a 3 ME de bases por 100 gr. de material. O teor total médio de Al_2O_3 e Fe_2O_3 é, respectivamente, de 26 e 30% gr. a 110° C.

HORIZONTE B_1 e A_2 (Ver esquema N.° 1)

Êsses dois horizontes representam, o que, geralmente na prática, denominamos "subsolo". O seu teor em elementos minerais é da ordem seguinte:

	HORIZONTE B_1	HORIZONTE A_2	
pH	6,2 — 6,7	6,0 — 6,4	
Matéria orgânica	0,5 — 1,0	0,8 — 2,0	gr % a 110°C
N total	0,03 — 0,05	0,08 — 0,12	„ a „

	HORIZONTE B_1	HORIZONTE A_2	
Húmus	0,1 — 0,4	0,2 — 0,8	gr % a 110°C
P trocável	0,6 — 1,0	1,0 — 2,0	ME% gr de solo a 110°C
Ca „	0,8 — 1,0	2,0 — 5,0	„ „ „ „ a „
Mg „	0,2 — 0,6	0,5 — 1,0	„ „ „ „ a „
K „	0,05 — 0,09	0,1 — 0,2	„ „ „ „ a „
Na „	traços	0,01 — 0,04	„ „ „ „ a „
Al „	„	traços	„ „ „ „ a „

Com relação às bases, o horizonte B_1 não se distingue da capa decomposta C. Entretanto, o A_2 já demonstra aumento na concentração de bases, aumento êsse cada vez mais pronunciado à medida que a superfície ou o horizonte A_1 se vai aproximando. O fenômeno acha-se descrito abaixo.

SOLOS DE "TERRA-ROXA-LEGITIMA" VIRGEM

Encontram-se em nossos arquivos perfís tomados em solos de "terra-roxa-legítima" *virgem*, cuja análise química média apresentou os seguintes resultados :

	HORIZONTE A_1	
pH int.	6,5 — 7,0	
Matéria orgânica	4,0 — 7,0	% a 110°C
N total	0,25— 0,40	„
Húmus	2,0 — 3,0	„
P trocável	1,3 — 2,8	ME% a 110°C
Ca „	13,0 — 25,0	„
Mg „	0,5 — 1,8	„
K „	0,4 — 0,8	„
Na „	0,1 — 0,02	„
Al „	traços	„

Dos resultados acima expostos, conclue-se que essa qualidade de solos é ótima, fato já confirmado pela prática e sobejamente conhecido. O índice pH está situado na melhor faixa de concentração dos iônios hidrogênicos ; dizemos "melhor", considerando sobretudo os fenômenos físico-químicos que se processam no solo, a fim de conservar o seu elevado grau de fertilidade. O pH entre 6,5 e 7,0 indica a concentração em iônios hidrogênio mais equilibrada e adequada para suster em boas condições o complexo sortivo organo-mineral do solo de "terra-roxa-legítima". Grande parte das propriedades físico-químicas e biológicas está em estreita relação com a concentração dos iônios hidrogênio do meio edáfico.

Os solos virgens de "terra-roxa-legítima" possuem os mais delicados e sensíveis complexos de colóides, concebíveis. O menor distúrbio no meio edáfico pode originar grandes desmoronamentos nesse edifício, cujo principal fator contribuinte para sua construção foi, sem dúvida, o tempo.

É de bom aviso não se confundir a matéria orgânica total com o complexo húmico, sortivamente saturado por bases e encontrado nos solos de "terra-roxa-legítima" virgem, em geral. Os sistemas coloidais formados por êsses complexos são tão sensíveis e funcionam de forma tão delicada e harmoniosa como, por exemplo, o sistema coloidal do protoplasma duma célula viva.

Foto 1 — Mata primária sôbre terra-roxa legítima, próxima a Iguarassu.

Grande é a ingenuidade do homem julgando que, após destruição de todo êsse complexo, basta incorporar-se ao solo nova quantidade de matéria orgânica bruta para que o mesmo volte ao seu estado primitivo.

Parte elevada do poder sortivo do horizonte A_1 é oriunda do complexo húmico. Nesse horizonte, o valor "S" — soma das bases sortivas, pode elevar-se a 30 e mais ME% gr de solo sêco a 110°C. Já notamos que, tanto a capa decomposta C_2 como o horizonte B_1, possuem poder sortivo mínimo, isto é, respectivamente, 2 a 3 e 4 a 7 ME% de material a 110°C. Notamos mais que o poder sortivo cresce à medida que ascende à superfície do solo, ou seja, de C para A_1.

No horizonte A_1 tôdas as bases estão à inteira disposição das raízes. Elas se encontram ligadas sortivamente ao complexo húmico-mineral.

O complexo húmico também pode facilitar a mobilidade do fósforo e, portanto, a absorção do mesmo pelas plantas.

O teor K das "terras-roxas-legítimas", no geral, não é elevado, todavia se encontram 100% à disposição das plantas.

Além dos fatores que regem as propriedades químicas do solo, releva citar os agentes físico-dinâmicos, sendo, talvez, de valor decisivo para o ciclo vegetativo das plantas o fator "água disponível".

Sem dúvida, é nesse ponto que o húmus atua como colóide, empregando o máximo de suas propriedades. O poder de retenção de água pela matéria húmica atinge 600 a 800% em pêso ; não existe matéria que se lhe iguale nesse particular. Essa propriedade representa máximo valor na constituição da "terra-roxa-legítima" virgem, pois sòmente os seus componentes minerais (óxidos hidratados de ferro e alumínio, e a caolinita) já são substâncias reconhecidamente hidrófobas ; retêm a água com reduzido esfôrço, secando, assim, fàcilmente.

A concentração dos elementos minerais (importantes à vida das plantas) no horizonte A_1 atribue-se ao armazenamento do húmus e ao trabalho secular dos vegetais realizado através das raízes. Estas, como se fôssem alcatruzes, cada vez mais se aprofundam e transladam do horizonte A_2 e B_1 elementos minerais, que se encontram grandemente dispersos, como já frisamos, depositando-os, primeiramente, no horizonte A^{oo}, fazendo parte de vegetais. Após sofrer decomposição, separa-se de novo a parte mineral, a qual se vai juntar, sortivamente, ao complexo húmico-mineral. Êste último, por sua vez, vai aumentando em volume até atingir o estado atual, de solo virgem revestido pela mata.

São essas as características do nosso solo "terra-roxa-legítima" virgem.

O horizonte A^{oo}, no geral, é destruído logo que o fazendeiro põe a mata abaixo, pois êle aplica o fogo como método para a primeira limpeza do terreno.

FOTO 2 — Cafèzal na zona de Ribeirão Preto, já com alguma idade, porém viçoso.

SOLOS DE "TERRA-ROXA-LEGITIMA" CANSADOS

Sob o ponto de vista químico, os nossos solos de "terra-roxa-legítima" cansados podem muito bem ser comparados ao horizonte B_1, esquematizado neste trabalho ; são outras, porém, as suas propriedades físicas.

Devemos lembrar que estamos aqui apenas comparando o horizonte cansado A_1 com o horizonte B_1, já por natureza pobre em elementos fertilizantes.

O desgaste que se verificou no período da transformação de "solo virgem" para "solo cansado" não foi pròpriamente devido à "erosão da terra"; processou-se mais devido ao mau trato e à não reposição dos elementos fertilizantes, sobretudo da matéria orgânica. Essa transformação, ou, melhor, "decadência", dar-se-ia mesmo que o terreno fôsse tão plano quanto possível.

São solos já bastante adensados; secam fàcilmente e estão sujeitos a grandes estragos pela erosão, mesmo quando a sua topografia seja relativamente suave.

Êstes solos, todavia, ainda se prestam bem para certas culturas, tais como: algodão, milho, etc.; entretanto, culturas exigentes, delicadas e que tenham ciclo vegetativo longo, ressentem-se muito, sobretudo devido à falta de água.

FOTO 3 — Cafèzal em seu último estagio de vida e de produção ínfima. A fertilidade deste solo se encontra em situação análoga a dos solos cansados, descrito neste trabalho.

Está aqui o caso do cafeeiro que, ainda muito jovem e exigente em água e elementos minerais, é transferido do viveiro para o terreno definitivo, já cansado e pobre, e onde ainda se expõe a sêcas prolongadas; — sem dúvida, os resultados serão fatais.

Segundo nos parece, o cafeeiro exige muito para desenvolver-se e produzir bem, sendo talvez um dos vegetais mais exigentes cultivados no Estado.

Considerando a transição do horizonte A_1 para B_1, verifica-se o seguinte declínio em elementos fertilizantes, por alqueire (24.200 m^2), e espessura de 35 cm.

	A_1		B_1
Matéria orgânica	412.000 Kg	decaiu para	26.000 Kg
N total	11.000 „	„ „	1.400 „
CaO trocável	20.000 „	„ „	900 „
K_2O „	1.400 „	„ „	115 „
P_2O_5 „	1.600 „	„ „	600 „

Calculando o cálcio, potássio e fósforo e 1/10 do azoto acima referido, na forma de adubos mais comumente aplicados entre nós, obteremos :

	A_1	B_1
$CaCO_3$ (calcáreo)	35.000 Kg	1.600 Kg
K_2O_3 (cinza a 20% K_2O)	2.500 „	575 „
P_2O_5 (superfosfato)	8.300 „	3.300 „
$NaNO_3$ (salitre)	7.300 „	1.000 „

Calculando a desvalorização do solo sòmente pela perda dêsses quatro elementos químicos, e considerando os preços dos adubos há um ano atrás, teremos :

	Cr. $		Cr. $
calcáreo a	100,00	a tonelada	3.300,00
cinza a	420,00	a „	2.730,00
superfosf.º a	800,00	a „	4.000,00
salitre a	900,00	a „	5.670,00
TOTAL			Cr. $ 15.700,00

Isso, sem levar em conta a matéria orgânica e as propriedades físicas do solo, que são de inestimável valor.

Sòmente a título de curiosidade, e a fim de se ter idéia da desvalorização dos solos em estudo, vamos dar o valor ínfimo de Cr. $ 200,00 à tonelada dessa matéria orgânica, pode-se dizer refinada, e, então, teremos apenasmente Cr. $ 80.000,00, e, somando a parte mineral, chegamos pràticamente à cifra de Cr. $ 95.000,00 de desvalorização por alqueire de "terra-roxa-legítima", que passará de virgem para cansada e erodida.

O período em que se deu êsse desgaste pode ser calculado em cêrca de 30 anos, pois Ribeirão Preto, como zona cafeeira, não vai além dêsse espaço de tempo.

Temos, portanto, um desgaste de mais de 3.000 cruzeiros médios por ano e por alqueire. Fazendeiro algum dessa zona obteve renda líquida média por alqueire de três mil cruzeiros, durante os 30 anos decorridos. Pràticamente só houve *deficit*, desde que o fazendeiro pôs a mata abaixo.

O PROBLEMA DOS ELEMENTOS MENORES

Os nossos arquivos já dispõem de elevado número de análises espetrográficas qualitativas de elementos menores tanto da rocha do magma diabásico como dos solos virgens e cansados, que estão sendo focalizados nesse trabalho.

Podemos assegurar que os elementos menores encontrados nas rochas, no geral não foram lixiviados e ocorrem também tanto nos solos virgens como nos cansados. Trata-se, sobretudo, dos seguintes :

ENCONTRADOS COMUMENTE

Vanádio, Cobre, Cobalto, Níquel, Gálio, Cromo, Manganês, Titânio

ENCONTRADOS RARAMENTE

Osmio, Ródio, Berílio, Chumbo, Zinco, Wolfrâmio, Estrôncio

As análises espetrográficas citadas foram feitas em material "in natura", isto é, sem intenção premeditada de concentrar êste ou aquêle elemento. Muito embora não acusasse a presença de determinados elementos menores, isso não quer dizer que não existam para satisfazer às necessidades das plantas, dentre os quais podemos citar : o boro, o rubídio, etc.. Quanto às necessidades do cafeeiro sabemos que as cinzas das várias partes dessa planta, tais como : galhos, fôlhas, frutos, etc., não revelam grande avidez com relação aos elementos menores. Tais cinzas são, no geral, ricas em potássio, magnésio e cálcio. No pergaminho da semente encontram-se : Zn, Mn, Al e Fe em quantidades relativamente elevadas, o mesmo acontecendo com o Sr. Nas sementes são encontrados rubídio, estrôncio, cobre e manganês, êste último em teor elevado.

CONCLUSÕES

1) Do exposto, conclue-se que é muito difícil restaurar um solo de terra-roxa cansado, a ponto de conseguir-se a fertilidade peculiar dos solos ainda virgens.
2) Abolir tratos culturais até hoje observados para a terra-roxa, tais como : a) atear fogo ao ser praticada a derrubada ; b) deixar a adição de matéria orgânica para quando o solo já esteja por demais exaurido ; c) aplicar adubações minerais também demasiadamente tarde, etc., etc..
3) A matéria orgânica é de importância essencial tanto com relação às propriedades químicas como físicas do solo, tendo em vista principalmente a economia de água.

4) O cafeeiro denota ser planta muito exigente, sobretudo quando novo, pois, então, o seu sistema radicular ainda está pouco distendido, sendo talvez a água o principal fator no seu desenvolvimento. Quando adulto, a avidez não diminue e terá que ser satisfeita quando se desejar boa produção.

5) Devem ser estudados métodos de irrigação que possam ser aplicados às culturas cafeeiras assentadas sôbre terra-roxa, sobretudo em terras já esgotadas em matéria orgânica. São solos erosáveis e que consomem grandes quantidades de água devido à sua permeabilidade, principalmente quando é removido o horizonte A_1.

6) As "terras-roxas-legítimas" cansadas encontram-se muito empobrecidas em potássio, e o cafeeiro é ávido dêsse elemento, como demonstram as análises químicas das cinzas dos diversos órgãos dessa rubiácea.

7) Embora o cafeeiro admita solos "terra-roxa" com índice pH de cêrca de 5,0, são as culturas novas dos solos virgens que mostram maior produção, e aí o pH é da ordem de 6–7, como se observa no horizonte A_1.

8) O fósforo e o azoto também não devem ser omitidos; êsses elementos são de importância vital.

9) O problema dos elementos menores para o caso do cafeeiro na terra-roxa, mesmo cansada, não nos parece fator de primeira necessidade.

10) A questão do sombreamento não deve ser esquecida. Em solos ainda não demasiadamente depauperados, pensamos dar bons resultados, mais ou menos imediatos. O sombreamento traria, sem dúvida, grandes benefícios ao solo, defendendo-o da luz direta e da temperatura excessiva (que facilita a combustão da matéria orgânica e a sêca do solo) e das chuvas pesadas que sempre facilitam enormemente o trabalho da erosão.

11) Quanto aos demais fatores complementares para cultivo perfeito do cafeeiro, deixamos naturalmente a cargo das demais Seções, especializadas no assunto.

Divisão de Experimentação e Pesquisas
— Instituto Agronômico —
Secção de Agrogeologia

Esquema n.º 1

A_{00} (5 - 15 cm)

A_1 (30-50 cm)

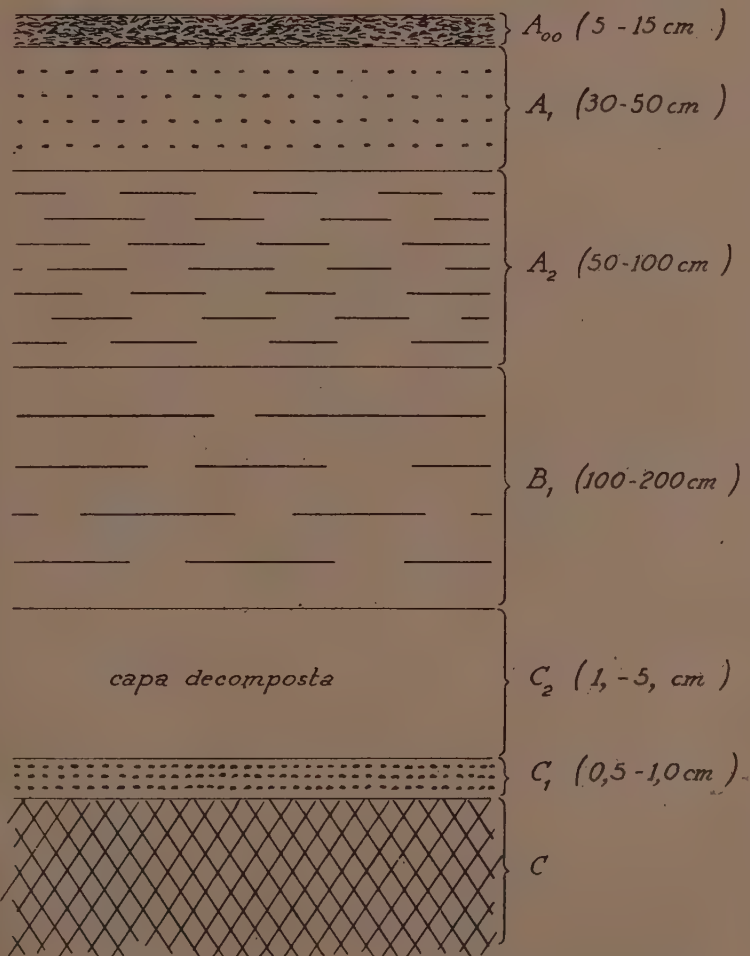
A_2 (50-100 cm)

B_1 (100-200 cm)

capa decomposta

C_2 (1, -5, cm)

C_1 (0,5 - 1,0 cm)

C

Rocha viva

Vide descrição adiante →

ESQUEMA GERAL TÍPICO DE UM SOLO DE "TERRA-ROXA-LEGÍTIMA" AINDA VIRGEM, CUJA ROCHA VIVA APARECE A 3,0-3,5 METROS DE PROFUNDIDADE (RIBEIRÃO PRETO)

A^{oo} — horizonte contendo fôlhas e restos de matéria orgânica, em grande parte ainda não decompostos. Êste horizonte é exterminado logo após a derrubada, através de queimadas que, infelizmente, se praticam entre nós.

A_1 — horizonte contendo boa parte de matéria orgânica já humificada, isto é, na forma de húmus pròpriamente dito ; contendo também grande teor de elementos minerais, no estado trocável, ou seja, de fácil absorção pelas raízes.

A_2 — horizonte contendo já pequeno teor em matéria orgânica e elementos minerais, entretanto de propriedades físicas excelentes.

B_1 — horizonte pobre em matéria orgânica e em elementos minerais, possuindo ainda propriedades físicas muito boas.

C_2 — horizonte ou camada de rocha decomposta ; não contém matéria orgânica e a riqueza mineral é pràticamente idêntica à do horizonte B_1.

C_1 — horizonte ou camada de rocha em decomposição, mostrando ainda a estrutura física da rocha-mater, rica ainda em elementos minerais e ainda não à disposição da planta ; relativamente pouco diferenciado do horizonte C.

C — horizonte ou camada da rocha ainda viva.

PREVENIR A EROSÃO: Com a lavagem da terra pelas enxurradas perde-se boa parte de sua fertilidade. Em terras acidentadas é preciso "terracear" ou plantar em curvas de níveis. Sendo levemente inclinadas, deve-se plantar sempre no sentido contrário ao das enxurradas, "cortando" as águas.

SEGURO AGRÍCOLA

William Wilson Coelho de Souza

NA sociedade em que vivemos todos se acham garantidos contra riscos pelo seguro, de vida, de acidentes pessoais, de imóveis, contra incêndios etc. ; o mesmo com relação às mercadorias e matérias primas.

Assim, particularmente, os indivíduos e as classes mais representativas podem dormir, viajar e trabalhar tranquilos, porque suas pessoas físicas e seus haveres se acham acoberto de quaisquer riscos pelo seguro.

Em todo o cenário da vida nacional há, porém, uma enorme classe de criaturas que não tem o seu trabalho o seu tempo e haveres, protegidos pelo seguro. Esta numerosa classe é a dos lavradores e criadores do País.

Quando se contemplam os quadros de garantias que a instituição do seguro oferece a outras classes de nossa sociedade, ficamos admirados como, num País que vive da agricultura e tem nesta a maior soma de interesse e de riquezas assentados, não tenhamos até hoje, garantido de modo completo o seu trabalho e haveres.

Semelhante anomalia é deveras chocante, pela injustiça que oferece à nossa consideração.

Quando faltam nas grandes Cidades, como esta Metrópole, a Capital do País, os gêneros de primeira necessidade, todos clamam, pedem providências e apelam para o esforço dos lavradores, para que produzam mais, a fim de saciar a fome dos que aqui se acham mourejando.

Se é justo êsse clamor pela sua significação natural, da necessidade dos estômagos vazios serem cheios, também é justo e humano que procuremos saber como vivem entre nós os lavradores, quais são as suas necessidades que devam ser satisfeitas.

Entretanto, saciados ou não, os que vivem nos grandes centros populosos, a verdade é que ninguém se procura aperceber das condições precárias daqueles que trabalham nos campos.

Constantemente os jornais do País veiculam notícias de sêcas, de enchentes, de geadas, de granizo, dos ventos e das doenças e pragas que atacam as lavouras e os rebanhos ; ninguém todavia, avalia a extensão material e moral de tais prejuizos.

Há poucos dias tôda a zona Sul do Rio e S. Paulo atravessou um longo período de 8 meses, sem chuvas. Nessa ocasião que era a época de preparar os terrenos para o plantio dos produtos que são semeados com as chuvas de Outubro e Novembro, não era possível arar, porque os arados não podiam romper a crosta dura das terras. Só choveu em Dezembro e espaçadamente em Janeiro.

Isso significa dizer que ficaram retardadas as operações do preparo do terreno e possìvelmente diminuídas as áreas plantadas e à semear.

Haverá provàvelmente menor produção de gêneros alimentícios, na futura safra.

A sêca, porém, que foi atenuada pelas chuvas, que caíram na parte já citada, continua tremendamente forte, no Rio Grande do Sul, como se depreende do telegrama seguinte :

"Porto Alegre 20 (do correspondente do Correio da Noite) Já há três anos que êste Estado vem sofrendo, como se sabe, as conseqüências de uma estiagem longa e desoladora.

Pouco chove e com isso tem sofrido grandemente a pecuária e a lavoura, criando problemas de solução difícil para o govêrno gaucho. Êste ano, o panorama é ainda mais desolador, pois a sêca se apresenta com todo o cortejo de desgraças. As notícias vindas do interior são desoladoras. Os rios estão descendo de nível, pondo a descoberto pedras que há setenta anos não eram vistas. Os rios Taquarí, Jacuí, Pardo, Gratataí, Sinos Cai e Guariba desceram muito, nos seus leitos, aproximando as suas margens. Em Santo Angelo as grandes plantações de milho estão perdidas e as pastagens secaram, em São Vicente a cultura do arroz está sendo prejudicada em sessenta por cento ; em Ijuí mais de noventa por cento das plantações estão prejudicadas, sofrendo terrìvelmente a criação; em Estrela os montes ardem, secando os pastos. O rio Taquarí desceu a um nível até então desconhecido, devido à falta dágua, a Prefeitura local racionou a distribuição de energia elétrica ; em Teutonia, as plantações de milho vêm ardendo há mais de sete anos ; em Bom Jesus, as plantações de milho e feijão estão totalmente perdidas, desviando-se os agricultores para outros ramos de trabalho, fugindo à fome que assola diversos lares ; as notícias vindas de Passo, Flórida, Herval e Marcelino Ramos são da mesma natureza; em nenhuma parte chove. Em Marcelino Ramos a temperatura atingiu a 51° ao sol e 41° à sombra. A Usina Elétrica está ameaçada de paralizar os seus serviços. Enfim o panorama, em todo o Estado é contristador. Se não chover dentro de pouco tempo, não se poderá avaliar o que acontecerá à pecuária, à lavoura e à população do Estado".

De Mato Grosso — O Diário da Noite desta Capital, em Novembro dizia : "Andradina 14 (Meridional) Desabou sôbre êste município violento temporal, acompanhado de granizo, causando grandes estragos em vários pontos da cidade. Os cafèzais, nas redondezas da cidade, sofreram prejuizos totais e em diversas roças desapareceram por completo as primeiras plantações de arroz. Os lavradores mostram-se desolados com a situação oriunda do temporal, porquanto é necessária nova plantação de algodão, em razão da perda completa da primeira.

A maioria das casas rústicas dos que moram nos campos foram destelhadas, tal a violência da tempestade. Não se registraram vítimas.

Algumas estradas sofreram grandemente, apresentando-se em estado lastimável em alguns pontos.

Na cidade as casas comerciais, hoteis e outros estabelecimentos sofreram estragos em conseqüência da invasão da águas nos prédios.

Segundo notícias que foram transmitidas para esta cidade, a tampestade também causou sérios danos na vizinha localidade de Três Lagoas."

Fatos como êstes são freqüentes.

Alagoas teve enchentes violentas nos últimos meses do ano findo. Por tôda parte fatores climatéricos levam de roldão o trabalho, o tempo, o capital, as colheitas e os produtos dos rebanhos.

Nenhuma providência redentora vem resarciar os grandes prejuizos que sofrem os lavradores e criadores. E os danos continuam todos os anos e safras.

Também foi assim nos velhos países do continente europeu, na América do Norte, na Argentina, no Uruguai.

A instituição do seguro agrícola salvou a situação. Hoje a economia agrícola de todos os países de agricultura organizada, no mundo, tem seus legítimos interesses garantidos dos riscos, a que se achavam sujeitos, graças ao Seguro Agrícola.

O Brasil é dos poucos países do mundo que não possue o seguro agrícola generalizado, aos seus produtos agrícolas e pastoris.

Há por enquanto apenas duas iniciativas de proporções reduzidas : o Seguro contra o granizo na cultura do algodão, feita pela Secretaria de Agricultura de S. Paulo e o da Sul América, para reprodutores.

Como se vê pela restrição, são providências úteis, é verdade, mas, de efeitos muito restritos.

Vejamos o que acontece geralmente ; os lavradores e criadores para custeiarem as suas lavouras e rebanhos, recorrem a empréstimos junto aos Bancos e dos particulares. Quando o ano corre bem, vendem seus produtos e pagam o capital ou os juros de tais empréstimos ; quando ao contrário corre mal a estação e não têm colheita, ficam com o onus da primeira dívida e os prestamistas para ajudá-los a tentar salvar o primitivo empréstimo, renovam a operação, ficando o mutuário com os onus do novo capital e juros. Há casos de tais transações se repetirem durante três safras. Em tais condições, quando os lavradores chegam a ter colheita já estão exaustos das lutas e exgotados financeiramente. Desta sorte, não raro, têm de recorrer a novos empréstimos e na maioria dos casos vivem presos às carteiras dos Bancos ou às "burras" dos particulares.

Instituindo-se e generalizando o seguro agrícola, entre nós, cessaria todo êsse triste quadro de vexames aos produtores ; porque feitos os empréstimos, os Bancos e particulares se cobririam, pelo seguro agrícola e com a taxa deste, que fosse cobrada, se indenizariam as companhias de seguro ; os Bancos com a indenização dos prejuizos pagos pelo seguro agrícola, aos lavradores e criadores receberiam o seu capital. Nenhuma das três partes teria prejuizos.

As companhias de seguro no montante das taxas que recebessem teriam o capital suficiente para se indenizar dos prejuizos sofridos, pelos produtores ; os Bancos reembolsariam o seu capital, os lavradores receberiam a quota correspondente ao seu tempo e trabalho, que representam também dinheiro.

O seguro agrícola nesse tríplice aspecto, será a medida salutar social e humana, amparando as três partes contra os riscos que uma, a dos produtores, fica diretamente sujeita.

O seguro agrícola dentro dêsse aspecto, trará o conforto moral e financeiro dos produtores e levantando o seu moral, concorrerá para o progresso do nosso meio rural, geralmente tão abatido e retrógrado.

Êle fará nascer a alegria e a felicidade nas Fazendas, quando os grandes e pequenos lavradores de café, de algodão, de cereais, e demais produtos agrícolas, os criadores de gado, os invernistas e quantos se acham ligados às atividades rurais, tiverem a certeza de que as operações de crédito feitas nos Bancos que os financiaram, se acham protegidas pelo seguro agrícola, nascerá a confiança no seu trabalho, o amor e o estímulo às suas ocupações.

É preciso acabarmos com a situação de desprotegidos que abate o moral dos produtores.

Quando êles tiverem a certeza de que o seguro agrícola os garantirá contra as geadas, o granizo, as enchentes e as sêcas, os ventos e as doenças e pragas de suas lavouras e rebanhos, nova era de prosperidade surgirá nos meios agrícolas brasileiros.

Temos, pois, de afastar os prejuizos que tais fatores meteorológicos causam a lavradores e criadores.

E quando o fizermos de modo completo, deveremos beneficiar as duas grandes classes: a dos lavradores e a dos criadores.

Não poderemos por ex. segurar os rebanhos contra os riscos e deixar de amparar os lavradores. Isso traria desde logo uma situação de privilégio para os criadores que seria antipática e injusta, produzindo a grita e a reclamação dos lavradores.

Em S. Paulo como no Rio Grande do Sul, os interesses de uns e de outros são perfeitamente legítimos. Beneficiar aos criadores e deixar de lado os lavradores é uma medida uni-lateral, que a posição das duas classes não permite seja tomada.

Basta considerar em S. Paulo, o grande número de lavradores de café, de algodão e outros produtos, os valores de suas propriedades e benfeitorias e os prejuizos que todos os anos sofrem. O mesmo se poderá dizer com o que ocorre no Rio Grande do Sul, onde as enchentes e as sêcas produzem enormes prejuizos nas lavouras de arroz; os enormes capitais invertidos nestas lavouras e os consideráveis danos que têm os agricultores que nela trabalham.

Deixar ao abandono, sem o seguro agrícola, a enorme classe dos lavradores, para só beneficiar os criadores, seria uma medida de clamorosa injustiça capaz de movimentar a opinião pública ou pelo menos de tôda a lavoura do País.

Não se diga que é mais fácil aplicar o seguro agrícola sôbre os criadores. As facilidades e dificuldades são as mesmas.

A experiência já referida, da Secretaria de Agricultura de S. Paulo em relação ao seguro agrícola contra o granizo do algodão, pelo explêndido resultado auferido, é a melhor garantia de que se poderá estender o seguro a todos os produtos agrícolas e a todos "os riscos" tanto produzidos pelos diversos fatores meteorológicos, como pelas doenças e pragas das culturas e rebanhos.

Nós que já possuímos o crédito agrícola, o cooperativismo amplo, precisamos instituir e generalizar o seguro agrícola em todo o País; tanto para as explorações das diversas culturas, como dos rebanhos.

Só assim, teremos feito a perfeita organização de nossa agricultura, habilitando-a a vencer as intempéries e as crises.

De S. Paulo nos veio o exemplo, devemos aproveitar a sábia lição dessa magnífica experiência e generalizá-la para todos os produtos e extendendo-a a todos os riscos.

Devemos quanto antes iniciar uma nova era de garantia recíproca dos produtores e de seus financiadores, Bancos ou particulares, como ainda das próprias companhias de seguro, que ficarão acobertadas pelas taxas.

Resumos e Transcrições

CONVÊNIO DOS ESTADOS CAFEEIROS

(Realizado de 15 de fevereiro a 15 de março de 1945)

PRESIDENTE — Dr. Artur de Sousa Costa, Ministro da Fazenda.

VICE-PRESIDENTE — Dr. José Mendes de Oliveira Castro, Representante do Comércio do Rio de Janeiro.

DELEGAÇÕES

SÃO PAULO	Francisco D'Auria, govêrno João Moreira Sales, comércio José Cassiano Gomes dos Reis, lavoura
MINAS GERAIS	Edison Alvares da Silva, govêrno Antônio Stockler de Queiroz, lavoura e comércio
RIO DE JANEIRO	Valfredo Martins, govêrno José M. de Oliveira Castro, comércio Carlos Pinto Filho, lavoura
PARANÁ	Paulo Cunha Franco, govêrno Jayme Canet, comércio João Aguiar, lavoura
ESPÍRITO SANTO	Eurico Hildebrando Aurélio Ruschi, govêrno Clodomir Sá Adnet, comércio Francisco Lacerda Aguiar, lavoura
PERNAMBUCO	Artur de Moura, govêrno Mário Pena, comércio Oscar Carneiro, lavoura
GOIAZ	Paulo Augusto de Figueiredo, govêrno Valério Xavier Brandão, comércio Benjamim da Luz Vieira, lavoura
BAHIA	Paulo Campos Pôrto, govêrno Demóstenes Paulo Mata, comércio Otávio Gonçalves Peres, lavoura

DIRETORIA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFÉ

PRESIDENTE — Dr. Ovidio de Abreu
DIRETOR — Dr. Noraldino Lima
DIRETOR — Dr. Cesar Martins Pirajá

ATA FINAL DOS TRABALHOS

Os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Bahia, Pernambuco e Goiaz, por seus delegados abaixo assinados, reunidos em Convênio nesta Capital, no período de 15 de fevereiro a 15 de março do corrente ano, sob a presidência do Doutor Artur de Sousa Costa, Ministro da Fazenda ; Vice-Presidência do dr. José Mendes de Oliveira Castro, representante do comércio do Estado do Rio de Janeiro, com a assistência dos drs. Ovidio de Abreu, Noraldino Lima e Cesar Martins Pirajá, respectivamente Presidente e Diretores do Departamento Nacional do Café, e do sr. Jayme Fernandes Guedes, assessor técnico do Convênio, a fim de ser estudada e determinada a forma pela qual deve prosseguir a política econômica do café, acordaram aprovar as sugestões consubstanciadas nas cláusulas abaixo :

CLÁUSULA PRIMEIRA — Fica reconhecida a necessidade do prosseguimento da política econômica do café, baseada no princípio fundamental do equilíbrio estatístico entre a produção e o consumo, sob a unidade de direção do Govêrno Federal, que deverá convocar, para êsse objetivo, quando oportuno, em Convênio, os Estados Cafeeiros.

CLÁUSULA SEGUNDA — Com o objetivo de prestar assistência financeira às lavouras de café e promover a restauração dos cafèzais, será criado o Banco Nacional do Café, que terá, para tanto, os órgãos técnicos que forem necessários.

CLÁUSULA TERCEIRA — A restauração dos cafèzais, mencionados na cláusula segunda, nas zonas atingidas por fenômenos climáticos adversos, será feita por meio de empréstimo especial, sem juros, a prazo de um ano, até Cr $ 0,60 (sessenta centavos) por cafeeiro formado e em produção, empréstimo êsse que será cancelado após a prova cabal de sua aplicação no tratamento da lavoura cafeeira, dentro do objetivo visado por esta cláusula.

§ único — Enquanto não for criado o Banco Nacional do Café, êsse auxílio será prestado através da Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil.

CLÁUSULA QUARTA — Verificado que os preços atualmente fixados no mercado internacional não são satisfatórios em vista da queda de produtividade por fenômenos climáticos adversos, e elevação do custo de produção, mas reconhecendo a conveniência de manter, dentro do espírito de cooperação internacional, o suprimento dos mercados consumidores, serão concedidos prêmios ao produto, como consta das cláusulas seguintes.

CLÁUSULA QUINTA — O prêmio a que se refere a cláusula 2.ª do Convênio dos Estados Cafeeiros, de 19 de junho de 1944, regulado pela Resolução n.º 508, de 5 de agôsto de 1944, do Departamento Nacional do Café, concedido aos cafés da safra 44/45, fica modificado pela presente cláusula, e fixados os respectivos valores por zona de produção, como adiante se discrimina e será extensivo à safra 45/46.

Serão os seguintes os valores do prêmio :

Para os cafés de produção dos Estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais, êstes os procedentes das regiões do Sul, do Oeste e do Triângulo, zonas afetadas por fenômenos climáticos adversos	Cr $ 65,00
Para os cafés das outras regiões de Minas Gerais e dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo	Cr $ 32,50
Para os cafés do Estado de Goiaz	Cr $ 20,00
Para os cafés dos Estados da Bahia e Pernambuco	Cr $ 15,00

§ 1.º — No ato do registro do conhecimento ferroviário no DNC, êste entregará ao portador um certificado de prêmio que será resgatado logo após a verificação da existência do café por parte do DNC ou a comprovação bastante dessa existência pelo interessado.

§ 2.º — Quando no ato do registro do conhecimento ferroviário já tiver sido feita a verificação da existência, por parte do DNC ou a comprovação bastante dessa existência por parte do portador do conhecimento, o pagamento será feito independentemente da emissão do certificado de prêmio.

§ 3.º — Quando o transporte de café se fizer por outro meio que não o ferroviário, o pagamento do prêmio só se efetuará mediante o recolhimento do produto aos armazens recebedores do Departamento ou por êste autorizados.

§ 4.º — Os títulos correspondentes ao prêmio, já expedidos de conformidade com a cláusula terceira do Convênio de junho de 1944, relativos aos cafés não liberados até 14 de março de 1945, serão recolhidos e pagos pelo Departamento ao portador na sua apresentação. O portador do conhecimento já registrado recebero a importância complementar correspondente à diferença entre o valor do títulá do premio já emitido e o valor atualmente fixado.

§ 5.º — Os títulos de prêmio correspondentes aos cafés já liberados serão resgatados pelo Departamento Nacional do Café na forma estabelecida pelo Convênio de 19 de junho de 1944, regulado pela Resolução número 508, de 5 de agôsto de 1944.

CLÁUSULA SEXTA — Para os cafés das safras anteriores à 44/5, por liberar em 14 de março de 1945, segundo os portos de destino e para os cafés existentes nos mercados exportadores em 14 de março de 1945, será concedido um prêmio de Cr. $ 36,00 para os portos de SANTOS, ANGRA DOS REIS e PARANAGUÁ, Cr. $ 21,00 para o pôrto do RIO e Cr. $ 18,00 para o de VITORIA.

§ 1.º — Os títulos de prêmio a que se refere esta cláusula serão emitidos :

a) — para os cafés das safras anteriores à de 44/45, por liberar em 14 de março de 1945, mediante a apresentação do conhecimento de embarque já registrado ;

b) — para os cafés existentes nos estoques dos portos em 14 de março de 1945, mediante apresentação do certificado de liberação. ou se se tratar de café exportado depois dessa data à vista do certificado de liberação já recolhido pelo Departamento.

§ 2.º — Os títulos referidos no parágrafo anterior serão resgatados pelo Departamento mediante prova de embarque para o exterior ou para cabotagem de iguais quantidades de sacas de café.

§ 3.º — Os títulos expedidos de conformidade com a presente cláusula perderão o seu valor, sem que os respectivos portadores tenham direito a qualquer indenização se, até 30 de junho de 1946, não forem apresentados para resgate, com o preenchimento das formalidades exigidas.

CLÁUSULA SÉTIMA — Como não tenha havido alteração nos prêmios concedidos para os cafés da safra 44/45, de produção dos Estados da Bahia e Pernambuco, o pagamento dêsse prêmio e dos prêmios da safra 45/46 será feito por saca de café embarcada para o exterior depois de 1.º de setembro de 1944, e até 30 de junho de 1946, com base em Declaração de Venda registrada no mesmo período, mediante a competente prova desse embarque pelo interessado.

CLÁUSULA OITAVA — O serviço do empréstimo de £ 20.000.000, contraído pelo Estado de São Paulo, permanece sob a responsabilidade exclusiva deste mesmo Estado, e o Departamento Nacional do Café continuará a entregar, para êsse efeito, o produto da arrecadação da quota de Cr. $ 6,00 da taxa de Cr. $ 12,00 do referido Estado, acrescido dos depósitos disponíveis do Banco do Brasil vinculados ao empréstimo, completados êsses recursos, se for necessário, por outros fornecidos pelo Estado de São Paulo.

CLÁUSULA NONA — O Departamento Nacional do Café poderá vender os cafés de seu estoque, inclusive os de quota de equilíbrio e os apenhados ao empréstimo de £ 20.000.000, aplicando a parte do produto dêstes últimos, correspondente à diminuição da garantia na amortização desse empréstimo.

CLÁUSULA DÉCIMA — Os saldos apurados na operação de que trata a cláusula anterior serão incorporados ao patrimônio do Banco Nacional do Café.

CLÁUSULA DÉCIMA PRIMEIRA — O produto mensal da arrecadação da quota de Cr. $ 6,00 da taxa de Cr. $ 12,00, a que se refere o parágrafo único do art. 7.º do Decreto-Lei n.º 2, de 13 de novembro de 1937, será atribuído aos Estados signatários do presente Convênio, proporcionalmente à razão existente entre as entradas dos cafés de produção de cada um nos portos de exportação, e o total geral das entradas nestes.

CLÁUSULA DÉCIMA SEGUNDA — O Departamento Nacional do Café regulará as entradas de café nos portos de exportação, tendo em vista que os respectivos estoques se mantenham dentro das seguintes cifras : 2.200.000 sacas, para o pôrto de Santos ; 700.000 sacas, para os portos do Rio e Niterói ; 100.000 sacas, para o pôrto de Angra dos Reis ; 300.000 sacas, para o pôrto de Vitória ; 150.000 sacas, para o pôrto de Paranaguá ; 60.000 sacas, para o pôrto da Bahia, e 50.000 sacas, para o pôrto de Recife.

§ único — O Departamento Nacional do Café fica autorizado a alterar, para mais ou para menos, os limite acima estabelecidos, sempre que os interesses da exportação o exijam.

CLÁUSULA DÉCIMA TERCEIRA — Fica o Departamento Nacional do Café autorizado a aplicar nos serviços de propaganda ou para fins industriais, os cafés de sua propriedade, inclusive os de quota de equilíbrio.

CLÁUSULA DÉCIMA QUARTA — O Convênio recomenda a plena execução do Regulamento a que se refere o Decreto n.º 23.938, de 28 de fevereiro de 1934, a fim de que seja impedido, dentro do território nacional, o consumo de cafés de baixa qualidade, escórias de café e impurezas em geral.

CLÁUSULA DÉCIMA QUINTA — O Departamento Nacional do Café, cujo têrmo de existência está fixado para 30 de junho de 1946, continuará, até à referida data, com a atual organização, como órgão de confiança do Govêrno Federal.

CLÁUSULA DÉCIMA SEXTA — Vencido o prazo de vigência do Departamento Nacional do Café, a que se refere a cláusula anterior, entrará êste em liquidação, para a qual é fixado o prazo de seis meses, e findo êsse prazo serão transferidos para o Banco Nacional do Café o saldo apurado bem como os serviços e pessoal que forem necessários a êsse instituto.

CLÁUSULA DÉCIMA SÉTIMA — Os funcionários do Departamento Nacional do Café serão aproveitados, preferencialmente, na constituição do corpo de funcionários do Banco Nacional do Café, tendo-se sempre em vista a analogia das funções e o critério da capacidade, respeitados os vencimentos atuais, ou indenizados com uma quantia correspondente a dois meses de vencimentos por ano de serviço prestado ao Departamento.

CLÁUSULA DÉCIMA OITAVA — O Conselho Consultivo, criado pelo Decreto n.º 22.452, de 10 de fevereiro de 1933, continua a existir, constituído pelos representantes indicados pelos Govêrnos dos Estados Cafeeiros, dentre a classe dos cafeicultores e de representantes do comércio de café das praças de Santos, Rio de Janeiro, Vitória e Paranaguá, todos anualmente nomeados pelo Ministro da Fazenda.

§ 1.º — O Conselho reunir-se-à obrigatòriamente nos meses de abril e outubro de cada ano, em sessões ordinárias e extraordinàriamente sempre que for convocado pela Diretoria do Departamento Nacional do Café, por intermédio do Presidente do mesmo Conselho.

a) — Na sessão de abril, o Conselho tomará conhecimento do relatório dos trabalhos e da prestação geral de contas do Departamento Nacional do Café ;

b) — Na sessão de outubro, estudará a proposta orçamentária do Departamento Nacional do Café para o exercício seguinte, apresentando sugestões quanto à organização dos seus serviços e despesas.

§ 2.º — Em qualquer das sessões ordinárias ou extraordinárias, cabe ao Conselho emitir parecer sobre consultas que lhe forem feitas pelo Departamento Nacional do Café, sugerir medidas do interesse da economia cafeeira, bem como apresentar, à Administração do Departamento Nacional do Café, indicação no mesmo sentido.

a) — As indicações do Conselho à Administração do Departamento Nacional do Café, aprovadas por maioria absoluta de seus membros, serão conclusivas, cabendo, todavia, recurso voluntário das mesmas, pelo Presidente do Departamento, dentro de 30 (trinta) dias do encerramento de cada sessão do Conselho, para o Ministro da Fazenda, que as poderá vetar no todo ou em parte, em caráter definitivo, no praso de 20 (vinte) dias, sob pena de se haver por desprezado o recurso ;

b) — Para a motivação e conclusão do recurso ao Ministro da Fazenda, terá o Presidente do Departamento Nacional do Café o prazo de 15 (quinze) dias, pena de deserção.

§ 3.º — Os membros do Conselho terão apenas ajuda de custo para viagem e estada no Rio por ocasião da prestação de seus serviços, que será fixada pelo Ministro da Fazenda, para cada uma das sessões.

a) — Aos funcionários do Departamento, que prestarem serviços ao Conselho, serão atribuídas as gratificações que forem por êste votadas.

CLÁUSULA DÉCIMA NONA — O Serviço de Usinas de beneficiamento e rebeneficiamento continuará a cargo do Departamento Nacional do Café, que fica autorizado a adotar medidas e métodos que julgar mais aconselháveis para a ampliação e maior eficiência dêsse serviço. Para êsse fim e ainda com o objetivo de melhorar sempre a qualidade do café, fica também o Departamento Nacional do Café autorizado a promover, desde já, a execução, com as modificações que julgar necessárias, do plano existente para a compra do café indispensável ao trabalho das Usinas, à plena capacidade.

§ único — Extinto o Departamento, o Serviço de Usinas passará a constituir uma autarquia, que funcionará articulada com o Banco Nacional do Café.

CLÁUSULA VIGÉSIMA — O Departamento Nacional do Café deverá continuar a promover, mediante os métodos tècnicamente aconselháveis, a recuperação e conquista dos mercados, bem como a expansão do consumo interna e externamente, e regular, por meio de contratos, prèviamente aprovados pelo Govêrno Federal, as obrigações e concessões que visem êsses objetivos.

CLÁUSULA VIGÉSIMA PRIMEIRA — Ficam excluídos da concessão dos prêmios estabelecidos neste Convênio os cafés existentes nos portos de exportação adquiridos pela United States Commercial Company, ou sua antecessora, Commodity Credit Corporation, na conformidade dos acordos de café realizados entre os Govêrnos do Brasil e dos Estados Unidos da América.

CLÁUSULA VIGÉSIMA SEGUNDA — O Convênio dos Estados Cafeeiros, concordando com o parecer emitido pelo Conselho Consultivo do Departamento Nacional do Café, reconhece a necessidade de ser elevado o preço do café torrado e moído de consumo interno do país, reajustando-o ao custo do produto.

CLÁUSULA VIGÉSIMA TERCEIRA — O presente Convênio vigorará da data da sua aprovação pelo Govêrno Federal até 30 de junho de 1946.

CLÁUSULA VIGÉSIMA QUARTA — O Departamento Nacional do Café regulamentará as cláusulas relativas aos prêmios ora concedidos e pleiteará da União e dos Estados, as medidas necessárias à execução do presente Convênio.

CLÁUSULA VIGÉSIMA QUINTA — Continuarão em vigor as disposições aprovadas pelo Acôrdo dos Estados Cafeeiros de 17 de maio de 1938 e do Convênio dos Estados Cafeeiros, de 19 de junho de 1944, que não colidirem com o presente Convênio.

Para constar, eu, Armando Pahim Neubern, Secretário do Convênio, lavrei a presente ata, que, depois de lida e aprovada, vai por todos assinada. (Seguem-se as assinaturas).

FINANCIAMENTO DE TRÊS SAFRAS PELA CARTEIRA DE CRÉDITO AGRÍCOLA DO BANCO DO BRASIL

Medida pleiteada pela representação de São Paulo no Convênio dos Estados Cafeeiros — Declarações do sr. José Cassiano Gomes dos Reis às "Folhas"

O sr. José Cassiano Gomes dos Reis, que representou a lavoura de São Paulo no Convênio Cafeeiro, recentemente realizado na Capital do país, procurado ontem pela nossa reportagem, teve oportunidade de fazer interessantes declarações sôbre os trabalhos daquêle certame, revelando detalhes das propostas feitas pela representação de São Paulo, tendentes a desafogar a situação de dificuldade em que se encontram presentemente os cafeicultores.

Falando, inicialmente, sôbre sua indicação para representante da lavoura cafeeira, declarou o nosso entrevistado :

— "Tendo meu nome sido indicado por diversas sociedade agrícolas para aquele alto pôsto, não tive dúvida em aceitar o convite que me fizera o govêrno do Estado. Assumindo tão grande responsabilidade, convidei os srs. major Alfredo Servulo de Oliveira Romão, Raul Cardoso de Melo e Salvio de Almeida Prado, o primeiro presidente da Associação de Fazendeiros da Zona de Jaú e os últimos também fazendeiros e membros da Comissão de Mobilização da Lavoura, para que me acompanhassem, integrando a representação da lavoura de São Paulo. Pelos relevantes serviços que me prestaram aqui deixo consignados meus sinceros agradecimentos, extensivos ao sr. Cesar Martins Pirajá diretor, por São Paulo, do Departamento Nacional do Café."

A SITUAÇÃO DA LAVOURA DEPOIS DA CRISE DE 1929

Prosseguindo, disse s. s. :

"A lavoura cafeeira paulista, desde a instalação da crise de 1929 até o ano de 1940, sofreu tratos culturais deficientes. No fim dêsse período encontrava-se não só desfalcada dos milhões de cafeeiros arrancados, mas depauperada e com sua fase de maior produtividade ultrapassada.

Com a proibição do plantio de novos cafèzais e o aproveitamento da maioria das terras novas na cultura do algodão, o lavrador paulista, do iniciar-se em 1941 o regime de "preço mínimo", viu na restauração de suas lavouras pelo aperfeiçoamento dos tratos culturais, o único meio de tornar a cultura do café, quem sabe, ainda lucrativa. Sobrevieram, entretanto, fatores climáticos adversos representados por geadas e sêcas. A diminuição das colheitas tornou-se alarmante. De uma produção média de 12.742.600 sacas no triênio 38/40 e de 8.149.726 no triênio 41/43, cairá para menos de 4.000.000 no triênio em curso de 44 a 46.

Essa queda de produção, aliada ao encarecimento generalizado das utilidades, conduziu a cafeicultura paulista a um regime deficitário, em face dos preços em vigor, que, em 1941, se afiguravam bons. O VII Congresso da Lavoura concluiu pela necessidade da elevação do preço-teto para 20 cents. a libra e devolução ao lavrador, na forma de bonificação ao pé de café, dos saldos já apurados, pelo D. N. C. com a venda de 4.000.000 de sacas de café, saldos êsses que, segundo declarações do sr. ministro da Fazenda, seriam devolvidos da maneira por ela julgada mais conveniente."

O PLANO ELABORADO PELA REPRESENTAÇÃO DE S. PAULO

Referindo-se aos detalhes do plano elaborado pela representação de São Paulo ao Convênio dos Estados Cafeeiros, assim se expressou o sr. José Cassiano Gomes dos Reis :

"O plano paulista, por nós elaborado sôbre as conclusões do VII Congresso da Lavoura, foi defendido ardua e tenazmente durante os trinta dias dos trabalhos do Convênio e afinal aceito, sofrendo ùnicamente restrições inevitáveis resultantes da limitação dos recursos a aplicar.

Nas preliminares defendemos o equilíbrio na posição estatística do café e o alto custo da produção das safras 44/45 e 45/46 no Estado de São Paulo, produção cuja média mal atinge 15 arrobas por mil cafeeiros, elevando a Cr $ 453,00 o custo por saco de café em Santos. Tal custo é evidentemente incompatível com os "celling prices" norte-americanos, mas não era da alçada do Convênio removê-los, tendo o govêrno informado das dificuldades encontradas nesse sentido.

Cumpria-nos, pois, estudar medidas que contornassem tal embaraço, dada a incontestável conveniência de manter-se o rítmo da exportação, conforme ficou constando da cláusula IV do Convênio. Nessas condições, elaboramos nossa proposta, cujo critério foi o de classificar as providências a adotar pela ordem de sua legítima preferência, a saber:

a) — subsídio ao pé de café em produção, única forma de levar o auxílio direta e seguramente ao lavrador;

b) — subsídio ao produto da safra 44/45, nas mãos da lavoura ou do comércio, visando atingir um preço compatível com as transações realizadas;

c) — subsídio à safra 45/46, ainda em poder da lavoura, visando reduzir o custo de produção;

d) — subsídio à exportação dos cafés das safras anteriores, quanto bastasse para cobrir juros e despesas acrescidas na retenção, colocando-as na paridade dos preços do mercado.

Dentro dessas normas, pleiteamos um subsídio de Cr $ 0,60 por cafeeiro em produção, Cr $ 100,00 por saco de café das safras deficitárias 44/45 e 45/46 e Cr $ 42,00 por saco das safras anteriores.

Essa proposta encontrou a maior oposição por parte dos dedicados representantes da Praça de Santos, que pleiteavam igualdade de tratamento para tôdas as safras. Tratando-se, porém, da aplicação de recursos do D. N. C., pertencentes à lavoura, não seria admissível concordar com aquêle ponto de vista do comércio, bonificando com igual importância as safras anteriores, quando é certo que aquelas safras foram produzidas em regime normal e a menor custo, dentro dos preços "ceiling" e nessas bases negociadas.

Diante da deficiência dos recursos do D. N. C., nossa proposta original sofreu reduções para Cr $ 65,00 nas safras 44/45 e 45/46 e Cr $ 36,00 nas safras anteriores, permanecendo inalterada a bonificação ao cafeeiro.

Grande foi também o nosso esfôrço para que as duas últimas safras tivessem o seu prêmio pago desde logo sôbre os conhecimentos ferroviários, permitindo à lavoura realizar recursos imediatos independente da exportação dos cafés."

A BONIFICAÇÃO POR CAFEEIRO E AO PRODUTO

Quanto à bonificação por cafeeiro, — prosseguiu o nosso entrevistado — conseguimos que ficasse independente da criação do Banco Nacional do Café, sendo desde logo concedida através da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, mediante empréstimos a prazo de 1 ano, que não vencerão juros até a importância de Cr $ 0,60 por cafeeiro, a ser cancelada após a prova de sua aplicação no tratamento da lavoura.

O plano de bonificação ao produto, constante das cláusulas 5.ª e 6.ª do Convênio, apesar das reduções feitas, absorverá a importância de Cr $ 1.200.000.000,00, ou seja, a quase totalidade dos saldos apurados com a venda de cafés pelo D N. C..

Dessa importância serão atribuídos ao Estado de São Paulo, além da bonificação ao cafeeiro, cêrca de Cr $ 700.000.000,00, dos quais, aproximadamente, Cr $ 500.000.000,00 aos cafés das safras 44/45 e 45/46 em sua quase totalidade nas mãos do lavrador. As bonificações atribuídas aos cafés de Minas, Paraná, Goiaz, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e aos existentes em todos se portos, exclusive Santos, absorverão os Cr $ 500.000.000,00 restantes.

Dentro dos recursos disponíveis, impraticáveis se tornariam as conclusões do VII Congresso da Lavoura, visto não estar ao alcance do Govêrno promover desde logo a modificação do teto norte-americano e ter sido absorvida pelo plano de bonificação a verba disponível. Como considerássemos a bonificação ao cafeeiro medida indispensável, foi necessário autorizar o D. N. C., a vender os cafés em seu poder, inclusive os apenhados para garantir o empréstimo de £ 20.000.000, que será amortizado. Os saldos apurados nessas operações serão incorporados ao patrimônio do Banco Nacional do Café, criado com o objetivo de prestar assistência financeira às lavouras de café e promover a restauração dos cafèzais.

Por conta do Banco Nacional do Café é que a Carteira de Crédito Agríeola do Banco do Brasil fará os empréstimos referidos na cláusula 3.ª do Convênio, destinados à restauração dos cafèzais formados, cuja produção, em conseqüência dos fenômenos climáticos adversos, caíu da maneira alarmante que nós conhecemos.

Aliás, o sr. ministro da Fazenda, reconhece que São Paulo custeou e não colheu, nos últimos anos, doze milhões de sacos de café. Com a bonificação de Cr $ 65,00 adicionada ao preço teto em vigor obter-se-à Cr $ 320,00 por saca.

Ora, como as lavouras de São Paulo são justamente as que mais sofreram os efeitos dos fenômenos climáticos adversos, elas farão jus à bonificação de Cr $ 0,60 por cafeeiro ou Cr $ 600,00 por mil cafeeiros. Na base da produção média atual de 15 arrobas, abonará, cada arroba das safras de 44/45 e 45/46, em Cr $ 20,00 ou seja Cr $ 80,00 por saco, importância essa que, somada aos preços atuais, com o prêmio, dará ao lavrador Cr $ 400,00 por saco para os cafés produzidos nos anos citados.

O D. N. C., cujo têrmo de existência está fixado para 30 de junho de 1946, entrará depois desta data em liquidação, para a qual ficou fixado o prazo de 6 meses.

O saldo apurado também será incorporado ao patrimônio do Banco Nacional do Café. O capital do Banco será realizado pelo govêrno e as importâncias aqui previstas a serem incorporadas ao seu patrimônio constituirão um fundo indispensável ao prosseguimento de uma política de amparo e assistência financeira aos lavradores de café."

OUTRAS MEDIDAS PLEITEADAS

Paralelamente às medidas pleiteadas constantes do nosso plano — prosseguiu s. sa. — apresentamos ao Convênio mais as seguintes :

a) — Necessidade de ser interpretada a disposição do artigo 3.º do decreto-lei n.º 6.674 de 11 de junho de 1944 no sentido de limitar o critério estimativo do patrimônio do devedor nos processos do Reajustamento Econômico, ao valor da terra nua, sem benfeitorias, que tenha sido adotado nas repartições estaduais para cobrança do imposto territorial em 1939 ;

b) — O Convênio encaminhará, ainda, na forma de moção, aos poderes competentes, uma proposta feita pelo representante do Estado do Rio e que fazia parte do nosso plano, sôbre a devolução da quota de sacrifício de 1943 ;

c) — Do nosso plano constou, ainda, a proposta relativa à expedição de um novo decreto-lei sôbre financiamento de 3 safras pela Carteira de Crédito do Banco do Brasil.

Êsse assunto, como os dois outros, não faziam parte da Agenda dos trabalhos do Convênio Entretanto, obtivemos do sr. ministro da Fazenda, a quem visitamos em companhia dos srs. Ovídio de Abreu, Cesar Martins Pirajá e Sálvio Pacheco de Almeida Prado, a promessa formal da pronta expedição dêsse decreto-lei nos têrmos da minuta que lhe foi apresentada, na ocasião, pelo digno presidente do Departamento Nacional do Café" — concluiu o sr. José Cassiano Gomes dos Reis.

Sôbre a posição do comércio no Convênio Cafeeiro manifesta-se o sr. João Moreira Salles

SANTOS, 19 (Da sucursal da "Folha da Manhã") — O sr. João Moreira Salles, presidente da Associação Comercial de Santos e representante do comércio de Santos no Convênio Cafeeiro, recentemente realizado na Capital do país, ouvido pela reportagem das "Folhas" sôbre os resultados daquele importante certame, fez as seguintes declarações :

— "Na qualidade de representante do comércio de Santos ao Convênio Cafeeiro, procurei defender os seus legítimos interêsses, de maneira que fôssem amparados paralelamente aos da lavoura, cujas reivindicações foram calorosamente pleiteadas pelo seu representante. Entretanto, senti, logo no início dos trabalhos, as dificuldades que iria ter, porque o ponto de vista governamental, de acôrdo com as declarações anteriormente feitas pelo ministro Sousa Costa, em São Paulo, era de que apenas as pretenções da lavoura deviam ser de certo modo atendidas, não cabendo ao comércio ter qualquer compensação, pelo simples fato de não ter sido possível o aumento do teto americano. Graças, porém, ao espírito ponderado do digno representante da lavoura de São Paulo, sr. José Cassiano Gomes dos Reis, foi possível a elaboração de um plano que consubstanciasse as justas aspirações das duas classes : lavoura e comércio. Foi, pois, dentro da perfeita unidade de vistas reinante entre os representantes de São Paulo, aos quais aderiram os de outros Estados, que, após diligentes e persistentes trabalhos, logramos obter as resoluções finais, já tornadas públicas e que aguardam apenas a promulgação de um decreto, para se tornarem legais.

Reconheço — concluiu o sr. João Moreira Salles — que a solução obtida não satisfez as pretensões integrais de ambas as classes, mas foi o máximo que conseguimos após trinta dias de ingentes esforços".

SUPERINTENDÊNCIA DA MOEDA E DO CRÉDITO

A exposição de motivos do Sr. Ministro da Fazenda, justificando sua criação.

O Sr. Ministro Souza Costa, justificando a criação da Superintendência da Moeda e do Crédito, cujo decreto já foi expedido pelo Govêrno, dirigiu ao Presidente da República, a seguinte exposição de motivos.

1 — Na reunião Ministerial de 14 do mês passado apresentei ao govêrno uma exposição a respeito da situação financeira do país, tendo me referido à proposta orçamentária, à posição da dívida interna e a necessidade absoluta do compressão dos gastos, para impedir os efeitos da inflação em sua obra de desorganização da ordem econômica.

Concluindo, apresentei uma série de sugestões que foi aprovada, tendo-se em conseqüência seguido em relação ao orçamento de 1945 o critério de não permitir aumentos, se não em casos de espressa disposição legal. No plano de obras, diversas foram suspensas, enquadrando-se o programa dentro do limite de um bilhão de cruzeiros.

2 — Considerando que nenhuma obra nova será autorizada sem que se enquadre no planejamento geral e tenha o seu projeto de financiamento especial elaborado de acôrdo com o Ministério da Fazenda ; e que aos Estados e Municípios foram expedidas instruções, através do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, para a observância da igual política financeira, acredito que, no que tange ao aspecto orçamentário, a execução desse programa de restrições colimação,sem dú vida, poderosos agentes da inflação.

3 — disciplina dos gastos públicos é um ponto fundamental da política financeira, máxime em tempo de guerra. Mas não é o único. O contrôle do crédito é outro aspecto que precisa ser considerado a fim de que o potencial monetário do país não continue subindo. Os preços altos dos nossos produtos de exportação — algodão, café, tecidos, materiais estratégicos — são, sem dúvida poderosos agentes da inflação. Por isso tenho insistido em tôdas as oportunidades na necessidade de que o produto dessas exportações fique, ao menos em parte, congelado no país, a fim de aplicar-se o valor de tais recursos no aparelhamento industrial e nas obras públicas que houvermos de realizar no post-guerra.

O que não é possível é simultaneamente atendermos a programas de guerra e de expansão econômica própria de época de paz. Tal sistema não foi adotado em nenhum país.

Não sendo congeladas as importâncias aqui entregues aos exportadores e havendo aplicação delas na aquisição de mercadorias no presente, corre que a procura de mercadorias determina inevitàvelmente a alta dos preços dos produtos existentes no país cujo aumento ,em quantidade não é proporcional ao dos meios de pagamento.

Com o objetivo de congelar uma parte dessas importâncias e assim reduzir a capacidade aquisitiva de bens no presente, promulgou V. Excia. a Lei dos Lucros Extraordinários (Decreto-Lei n.º 6224, de 24-1-944) e alterou a legislação ban-

cária conferindo á Caixa de Mobilização e Fiscalização Bancária maiores poderes de contrôle sôbre os bancos e aumentando as exigências para a criação de novas entidades.

4 — Como tenho afirmado em várias oportunidades ,e últimamente o fiz na reunião ministerial de 14 de dezembro, os saldos favoraveis no balanço de pagamento e as despesas do Govêrno em excessos da arrecadação determinam um estado de inflação que a subscrição compulsória das "Obrigações de Guerra' e dos demais empréstimos tende a corrigir, desde que o Govêrno adote uma política severa de restrições de despesas e exerça um contrôle do crédito de modo que se canalizem para os títulos do Govêrno os recursos disponíveis.

Permitindo-se que êsses recursos continuem disponíveis para os particulares e que o Govêrno prossiga no seu programa de obras, estaríamos concorrendo para que cada vez mais se agravasse a inflação que atingiria, afinal uma situação caótica, impossível de controlar.

5 — Firmadas que foram por Vossa Excelência as diretrizes quanto às despêsas públicas quer da União, quer dos Estados e Municípios, — programa cujo êxito dependerá da firmeza com que for executado pelas autoridades competentes, — cabe-me submeter à consideração de Vossa Excelência o projéto de lei que consubstancia as medidas relativas ao contrôle mais severo do crédito. Tais medidas têm por fim facilitar ao Govêrno à obtenção dos recursos para as despesas de guerra e conter a alta de preços: se não contivermos a alta do nível geral de preços no mercado interno, é evidente que esteremos impossibilitados de produzir para consumo nos mercados do mundo.

6 — Desde 1939 que nos empenhamos intensamente em empreendimentos cujos resultados não são imediatos para o consumo, como sejam os da Siderúrgica, do Vale do Rio Dôce, da Fábrica de Motores e outros cuja importância ecônomica é indiscutível, mas que só produzirão uma expansão de bens de consumo no futuro. Acresce que outras atividades estão, no presente, contribuindo para desviar braços da lavoura, como sejam os empreendimentos ligados ao esforço de guerra e o desenvolvimento que se verifica nos centros urbanos — obras de embelezamento e construção de edifícios.

7 — É necessário que se reduza a liberalidade para com a economia dos particulares, fazendo afluir os recursos pecuniários com mais abundância para o Govêrno e para os centros de atividade capazes de proporcionar o barateamento da vida.

É preciso por termo á intensidade dos focos de inflação gerados pelo acrescimo de recursos pecuniários que afluem para os centros de atividade, restituindo-se os elementos essenciais, principalmente os fatores de transportes, à produção de gêneros alimentícios nos centros urbanos e nos centros rurais.

8 — O Decreto-Lei n.º 4.792, de 5 de outubro de 1942, estreitamente ligado aos da mesma data que autorizaram a emissão de "Obrigações de Guerra" e de "Letras do Tesouro", teve por objetivo dar mais um passo no sentido de ampliar as facilidades de crédito do Tesouro, evitando a emissão direta de papel-moéda.

9 — Sendo de carater preparativo e estando ligado ao levantamento das "Obrigações de Guerra" (e por antecipação dessa receita às Letras do Tesouro), o citado Decreto-Lei n.º 4.792, não ampliou as faculdades da Carteira de Redes-

contos além da possibilidade de favorecer empréstimos aos bancos, mediante a garantia de tais "Letras". Nessas condições, a faculdade de emissão não se tornou extensível à compra de ouro ou de cambiais, aguardando-se para isto que se tornasse mais oportuno o lançamento das bases de um sistema completo do Banco Central, a que estaria afeto o contrôle do crédito.

10 — Se a subscrição espontânea das "Obrigações de Guerra" tivesse sido maior, a obsorção dos meios de pagamento teria sido mais rápida e mais volumosa. Desse modo, a expansão do crédito bancário não teria tomado o desenvolvimento que tomou.

A lentidão na obsorção de recursos, por meio de tomadas de "Obrigações de Guerra", acarretou considerável aumento do meio circulante. Deixando de afluir ao Tesouro com a necessária rapidez, tais recursos mantiveram-se em circulação com o prazo que foi suficiente para provocar expansão de crédito, nos bancos. Não tendo corrido ràpidamente às mãos do Govêrno, obstou a que êle dispuzesse de meios para reduzir no Banco do Brasil S. A. as suas responsabilidades decorrentes da compra de ouro e cambiais. Obrigado a prosseguir na compra, na totalidade das cambiais de exportação em grande volume pelo aumento desta, sem poder vendê-las, viu-se o Banco do Brasil S. A. na contingência de apelar constantemente para a Carteira de Redescontos. A princípio, utilizou o Banco os seus títulos comerciais ; depois, as "Letras do Tesouro", tomadas com o propósito de atender às necessidades de nossa exportação. As emissões da Carteira avolumaram assim o meio circulante, dando novos estímulos à expansão bancária, novos incentivos à movimentação dos negócios e das especulações, que, por sua vêz, tornavam ainda menos interessantes ao público a subscrição das "Obrigações de Guerra".

11 — Desencadeado o processo cumulativo de expansão dos meios de pagamento, é necessário consolidar, com urgência, as bases da política monetária, instuindo definitivamente, em tôda a sua amplitude, o sistema de Banco Central.

12 — O Decreto-Lei n.º 4.792, de 1942 **rigorosamente** aplicado, levaria a uma deflação demasiado violenta, porque exigiria retração considerável dos meios de pagamentos, à medida que fossem sendo vencidas as "Letras do Tesouro".

Por outro lado, a manutenção dos meios de pagamento em circulação, sem o contrôle dos empréstimos bancários e desenvolvimento sistematizado de vendas dos títulos do Govêrno Federal, agravará a inflação que já é de proporções exageradas. É, por tanto, chegado o momento inadiável do lançamento de um sistema completo de flexibilidade e de contrôle do meio circulante e do crédito.

13 — Ante a urgência das medidas, considero aconselhável a criação imediata de uma "Superintendência da Moeda do Crédito" com tôdas as faculdades de um Banco Central, a qual poderá preparar a organização desde e desempenhar-lhe as funções até a sua criação.

14 — Com êste objetivo tenho a honra de submeter à consideração de Vossa Excelência o anexo projeto do decreto-lei. A promulgação do ato, concretizando a suprema orientação traçada por Vossa Excelência, será pelo que representa no setor econômico-financeiro mais um valioso serviço prestado ao país a acrescer aos muitos que assinala, o Govêrno de Vossa Excelência.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos do meu mais profundo respeito. — A. de Souza Costa. ".

(Do Jornal do Comércio, de 1/2/45)

O LEVANTAMENTO BOTÂNICO DAS VARIEDADES CAFEEIRAS

O Instituto Agronômico está realizando sérias pesquisas nas lavouras paulistas.

A seção técnica de café da Divisão de Experimentação e Pesquisas (Instituto Agronômico de Campinas) está realizando um trabalho de largas proporções e que, dentro em breve, beneficiará sobremaneira a nossa economia cafeeira. Diversas pesquisas são levadas a efeito para seleção de linhagens e ensaios estão sendo mantidos tanto na Estação Experimental Central, como nas de Pindorama, Ribeirão Preto e Mocóca, no que diz respeito à rubiácea.

Os ensaios compreendem experiências de adubação ensaios de números de pés por cova e espaçamento, ensaio de desbastes de saia, ensaio de podas, talhões sombreados e ensaio de transplantação, além de inúmeras outras experiências que os técnicos estão dirigindo.

LEVANTAMENTO BOTÂNICO DE TÔDAS AS VARIEDADES — Uma breve visita à Seção Técnica de Café dá bem uma visão dos estudos que os técnicos ali reunidos têm realizado nestes últimos quatro anos. Dêsse período para cá vem sendo executado um largo programa de trabalho visando a taxonomia genética pura e melhoramento das variedades de café existentes no Estado de São Paulo.

Foi feito, assim, um levantamento botânico de tôdas as variedades de café existentes no Estado para conhecimento mais perfeito do produto que forma a base de nossa economia. Os técnicos conseguiram enumerar trinta espécies de variedades. Ao mesmo tempo, realizaram-se inúmeras análises na espécie "cofee arabica", com o fim de determinar o mecanismo hereditário da transmissão dos caracteres de uma geração para outra. Os resultados dessas análises vêm servindo de base para a síntese de novos tipos de café pela hibridação. A Seção não tem poupado esforços para o contínuo melhoramento do cafeeiro, com o intúito de entregar aos lavradores do Estado, dentro de alguns anos (todos trabalhos de análise e genética geral são por sua própria natureza extremamente lentos), senão a totalidade, pelo menos a maior parte da semente de café necessária à conservação e alargamento da lavoura do Estado. Algumas toneladas de sementes já foram distribuidas nestes últimos dois anos, o que representa apreciável volume, pois cada quilo tem cêrca de seis mil sementes. Cêrca de cento e quarenta fazendeiros foram beneficiados com esta distribuição.

TRINTA MIL CAFEEIROS EM OBSERVAÇÃO — Em vista de grande procura de sementes de café, devido a sua contribuição ao melhoramento do produto, o Instituto Agronômico cogita de ampliar consideràvelmente êsses serviços. Para isso, há técnicos encarregados de elaborar um plano visando a produção intensiva das sementes.

Com o projeto de melhoramento já em execução em Campinas, Ribeirão Preto e Pindorama, o total de cafeeiros em observação sob cuidados técnicos atinge o total de trinta mil pés. Estas observações constantes sôbre os cafeeiros visam a separação de linhagens uniformes, altamente produtivas e bem adaptadas às diversas regiões cafeeiras do Estado, bem como a síntese de novos tipos pela hibridação. Algumas linhagens conseguidas já se acham localizadas em pequenos campos de multiplicação, os quais são mantidos pela Seção de Café.

As pesquisas em tôrno do café contam com a colaboração de diversas seções do Instituto Agronômico, tais como a seção de Genética (pura e aplicada) de Citologia (pesquisas sôbre células, núcleo e sua combinação), de Agro-Geológica (composição do solo) etc..

Um aspecto da lavoura cafeeira que tem merecido especiais cuidados da Seção de Café é o que diz respeito ao sombreamento. Nesse sentido. foi distribuida apreciável quantidade de sementes de **pisquim** e de lotes de mudas de ingazeiros da espécie. I. edulia, provàvelmente os mais recomendados para a finalidade em vista.

Na Fazenda Mato Dentro, que o Instituto Biológico mantém a cinco quilômetros de Campinas, as pesquisas sôbre sombreamento estão sendo feitas com experimentações em cafèzais expostos a plena luz e sombreados. Ao mesmo tempo o estudo em tôrno da broca se caracterizou por uma procura intensa da solução que a mesma apresenta como problema. Verificou-se que no café sombreado ela ataca em mais noventa por cento que no exposto a plena luz. O Instituto tem importado exemplares da vespa de Uganda, a qual é inimiga natural da broca, para investigar sôbre outro aspecto do problema, chegando à conclusão que a mesma ajuda a combater a praga dos nossos cafeeiros, mas não resolve a situação.

O sombreamento dos cafèzais em relação à broca é um problema que preocupa bastante os técnicos da Seção de Café, uma vez que é bastante grande o número de lavradores paulistas adeptos do sombreamento intensivo.

O PROBLEMA DO PREPARO DO CAFÉ — O problema do preparo do café, vem preocupando os técnicos, que estudaram os vários aspectos apresentados pela questão do despolpamento e o emprêgo de máquinas no preparo e benefício do café. Já foram feitas publicações a êsse respeito, algumas de carater eminentemente prático (cartazes ilustrados etc.) e outras especializadas, através do Boletim "Bragantia", mensário do Instituto, bem como da Publicidade Agrícola pelo próprio Departamento da Produção.

(Da Folha da Manhã de 22/2/1945)

Os deveres para com a terra

(DE UM OBSERVADOR AGRÍCOLA)

Nas ponderações sôbre o problema dos cereais, foi-nos preciso confrontar acidentalmente a lavoura algodoeira com a cafeeira, para aproveitarmos o efeito seguinte : aquela, e não esta, é monocultural e, portanto, dificultadora da cerealicultura, pois monopoliza a terra e o homem. Também acidentalmente, inferimos outra conclusão : a cotonicultura exháure a terra e destrói o solo ; porque requisita daquela tudo de quanto tem necessidade para a evolução da planta — e o faz anualmente, renovadamente ; e exige que dêste, do sólo, se removam todos os obstáculos naturais à erosão, deixando campo livre às águas pluviais e aos ventos, para carregarem as camadas humosas.

Não concluimos, porém, pela supressão da lavoura algodoeira, nem mesmo por se lhe aplicarem restrições. O necessário, imprescindível, no caso, é sábia regulamentação, em dois sentidos, aliás insinuados no primeiro comentário : tornar-se obrigatória a prática da doutrina da restituição, da adubação, de modo a devolver-se à terra o que dela se retira ; e a defesa do solo contra as erosões.

Isso é imperativo, e deve ser prontamente exigido. Mesmo quando possuidores de terras agricultáveis, não podemos considerar-nos proprietários de um pedaço da pátria, que esta é de todos, e inalienável. Se não nos considerarmos obrigados a repôr os elementos vitais arrebatados ao sólo com os produtos vendidos, chegaremos à mesma situação de quem constantemente saca na conta-corrente bancária, e não faz novos depósitos. Um dia, a conta-corrente é fechada, e inùtilmente se farão outros saques. Se se teima, haverá conseqüências punitivas. Neste ponto, agricultura e banco são idênticos. Há, é certo, fazendeiros de asfalto, capazes de afirmar : "Engordar a terra para os de amanhã, é muita filantropia ; prefiro esgotá-la e deixar uma boa fortuna na cidade". Infelizmente, não há cadeia para fazendeiros assim, embora haja para os correntistas que excedem os limites de suas coberturas. Graças a tal impunidade, temos aí milhares de proprietários rurais que despendem nas capitais tudo quanto extráem à terra, e, embora gastando cruzeiros mensais nas ruas, nada invertem nas fazendas, além do custeio anual das lavouras e do necessário à aquisição de uma ou outra estaca de até dez, até vinte, até cincoenta mil guarantã, para escorar uma ou outra parede da casa-grande, que, mesmo esta, só existe porque os antepassados edificaram. Êsses homens estão dispondo daquilo que não lhes pertence, daquilo que é da pátria, e de que esta necessita para as gerações porvindouras. Obrigá-los a cuidar da terra, é tão imperativo quanto forçar o correntista a depositar no banco o suficiente a cobrir o último saque.

Já o serviço de proteção do solo há de ser iniciado pelo poder público, não se podendo incriminar muito os lavradores, antes de haver à sua disposição ensinamentos técnicos e orientação oficial. Mas, é também imprescindível, sobretudo se insistirmos na cotonicultura. Os Estados Unidos alarmaram-se quando verificaram que estavam irremediàvelmente estéreis 13% das áreas cultivadas, e 34% com a produtividade imensamente sacrificada, devido à modernização unilateral das práticas agrícolas. E nós não nos alarmamos ainda ; nós que, já no tempo de Alberto Torres, e relembrando sua apóstrofe, praticáramos devastações só

conhecidas na Mesopotâmia, para extrair alimentos destinados a uns milhõezinhos de habitantes, quando a Europa há séculos e séculos recebe, de seus campos bem alimentados, alimentação para milhões e milhões. Queixamo-nos da falta e do encarecimento dos transportes. Como se fosse possível ao caminho de ferro acompanhar-nos na velocidade com que, de foice e enxada em punho, vamos abrindo desertos por aí além, dispersando culturas, cujos produtos, multiplicados por cem ou mil, ainda assim poderiam ser conseguidos na centésima parte das áreas que, em vez de cultivar, devastamos. "Ao envez de semear prosperidade, semeamos desertos, como atesta o passado. Se, entretanto, cultivamos a terra cuidando de não explorar a sua fertilidade até à última gota, se evitarmos a continuidade da mesma cultura, se diminuirmos ao mínimo possível os estragos produzidos pelas enxurradas ou pelo excesso de água que corre sôbre a terra quando já está saturada, e se adotarmos ainda outras medidas de conservação, o resultado é que, se não prosperarmos de maneira violenta individual ou coletiva, pelo menos o certo é que não retrogradaremos. Ao menos conservaremos a terra tal como a encontramos. É respeito a nossos Filhos, às geraçõe que aqui passarão".

Como dissemos, neste ponto a iniciativa tem de ser do poder público. Há de êle criar o serviço de defesa do solo, em bases práticas, com grande elasticidade, para acorrer em auxílio dos lavradores que lhe dirijam pedidos ; para promover diretamente realizações lá onde os estragos estão sendo muito grandes, podendo para tanto constranger os teimosos ; para financiar e subsidiar discretamente a quantos se disponham a realizar obras em tal sentido. Mais um encargo para os cofres públicos ? Mesmo assim. Aliás, também o govêrno tem lá os seus deveres de restituição a fazer. Não vamos discutir a sabedoria dêste fato de estarem os Institutos arrecadando nas zonas rurais e construindo ou financiando arranha-céus nas avenidas. Porém, insinuaríamos que financiassem também os campos. Não diretamente, mas de modo indiréto e simples : um ato interpretativo do Ministro do Trabalho os autorizaria a depositar em Bancos oficiais dos Estados ou nas Agências do Banco do Brasil, digamos, 50% de suas arrecadações, mediante o compromisso de destinarem somas iguais a financiamentos agrícolas, notadamente para defesa do solo. Os Institutos não estariam se metendo em operações aleatórias ; e os Bancos sabem defender-se. Destinam-se aqueles a obras de previdência, a garantir o futuro dos trabalhadores. E que obra de previdência de maior alcance do que esta, de preservar o solo pátrio, que defenderíamos patriòticamente contra invasões externas, mas que nós mesmos estamos impatriòticamente arrebatando às gerações futuras ?

Quanto ao que se faz no serviço de preservação e conservação, não vamos citar o exemplo dos Estados Unidos, possível de ser considerado excessivamente grande. Fiquemos no de Porto Rico, pequenino país insular, menor que qualquer diminuto Estado Brasileiro, e que em 1944 aplicou cêrca de 18 milhões de cruzeiros no financiamento e subsídio a agricultores que realizam determinadas práticas agrícolas de conservação do solo. Práticas lá adotadas : semeadura de leguminosas ; intercalação de plantas leguminosas e outras de cultivo habitual ; plantação em curvas de nível ; serviço de águas — drenos, diques, desvios, etc.. O subsídio varía de 2 a 4 dólares por acre.

É necessário fazer alguma cousa nesse sentido, aqui. Seria vergonhoso que, todo ano, se repetisse o clamor público ante a escassez de cereais. Entretanto, a cotonicultura sem adubação nem defesa do solo está liquidando as áreas agricultáveis mais próximas. E o dia quando a cerealicultura se deslocasse para as regiões

distantes, aí é que, em vez de carência, sofreríamos falta absoluta, porquanto ou não teríamos transporte para as safras, ou estas chegariam aos grandes mercados consumidores oneradas de fretes proporcionais às imensas distâncias percorridas — o que as colocaria acima da capacidade aquisitiva das massas populares.

Sully não conhecia o Brasil, e pôde assim escrever convictamente que os bens da terra são as únicas riquezas inesgotáveis, tudo florescendo onde floresce a agricultura. Em toda parte os bens da terra são efetivamente inesgotáveis, exceto aqui, onde a não adoção de processos racionais transformou a agricultura em fábrica de desertos. Esgotamos o solo.

Não nos referimos a processos "modernos", mas apenas aos racionais. Porque ainda não generalizamos sequer a trilhadeira mecânica, usada pelos romanos na fase das conquistas e referida por Vergílio na África ; nem o arado mecânico de rodas, tirado por bois, nem a segadeira mecânica, já constantes das páginas de Plínio. O agricultor brasileiro não usa ainda o verbo "semear" ; pois não semeia : planta. Ainda é o velho processo dos índios, de "covar" — abrir buracos e meter dentro a semente cóva a cóva, quebrando em cima o terrão com o pé. Êste é ainda o processo generalizado ; os outros constituem exceção, e não devemos julgar a agricultura nacional pelo que se vê em uma ou outra zona menos atrazada. O português chegou, substituiu o chuço pela enxada, o machado de obsidiana pela foice. E nisso ficamos até hoje. Quando assim nos exprimimos, estamos longe de verberar o caboclo, o menos culpado, o mais afoito em transformar-se em verdadeiro agricultor. Conhecemos caso bem expressivo de município mineiro, onde um ministro da Agricultura, entusiasmado com a feracidade da terra, fez mil promessas. Na hora de cumprí-las, limitou-se à que imaginava mais insignificante : mandou para lá cem arados, os primeiros idos àquele rincão, embora o fato seja de poucos anos. Hoje, contam-se lá os arados aos milhares e milhares, não concebendo o caboclo como se possa agriculturar sem êles.

A máquina aumenta o rendimento da terra e suavisa a vida rural : pela diminuição da penibilidade do trabalho, sem a monotonia que caracteriza a assistência ao maquinário industrial, pois máquina alguma pode ser empregada em operações efetivamente agrícolas mais de um número limitado de dias por ano ; pela economia de esforços, com a conseqüente possibilidade de diminuição do número de pessoas, quando há carência de braços, ou de aumento de operações ; e pela aceleração de determinadas operações, eliminando-se de tal modo consideráveis perdas de produto. Só por meio dela se pode aplicar em tôda a extensão a ciência agrícola, no aproveitamento de terras fracas.

Precisamos mecanizar a lavoura nacional. Não pela simples adoção do que se faz nos Estados Unidos — o grande exemplo, que todo mundo tem a pretenção de seguir ; mas pela adaptação a nossas condições ambiente . Embora veloz no assimilar os novos processos, o íncola brasileiro é pobre e não dispõe de capacidade aquisitiva para aparelhar-se mecânicamente, se quizermos cousa cem por cento ideal, cem por cento modernizada. Entretanto, a generalização de bons processos é o que nos interessa, em vez de altitudes e depressões — uns raros núcleos perfeitamente aparelhados, e a generalidade apegada à rotina. Por outro lado, há vantagens, mesmo técnicas, no sistema misto.

Plano, jornalisticamente esboçado : o govêrno facilita a maquinária pesada ; o agricultor combina as restantes com os seus animais de serviço. O trator, por exemplo, foge à capacidade aquisitiva do maior número. É, todavia, fundamental. Que os compre o govêrno — sabendo comprá-los, naturalmente, sem perder de vista as peculiaridades do nosso ambiente agrícola, onde podem ser inuteis máquinas que em outros se comprovaram magníficas. Venda-os com imensas facilidades de pagamento a lavradores que, embora não os pudessem adquirir dos importadores, podem comprar mediante certas condições. Ao fixar essas condições, não sejamos financeiros, mas economistas ; em vez de impressionar-nos com os investimentos de dinheiro pelo poder público, calculemos o tresdobramento da riqueza coletiva, conseqüente à exploração racional da terra, lembrando-nos de que o progresso social e a prosperidade nacional dependem da prosperidade do lavrador ; "se o fazendeiro prospéra, tôda a população prospéra também : o médico recebe os seus pagamentos, o pastor o seu salário elevado, e todo mundo partilha da prosperidade geral".

Haverá, porém, os que em hipótese alguma poderão comprar um trator, ou um arado de sete discos, ou uma grade boa. Estude-se, no caso, a melhor maneira de estabelecer-se o rodízio para maquinários regionais, com o mínimo possível de gestão oficial. Ou difundam-se outros meios mecânicos de arar e gradear, de tração animal, muito eficiente para lavouras pequenas. Aliás, a modalidade da tração é importante. Seria defeituosa a mecanização, desde quando tôda motorizada, dependente cem por cento de combustível. Quer a gasolina, quer o óleo cru são importados. E basta a circunstância, para deduzir-se : primeiramente, que o custeio da mecanização ficaria pesado ; a seguir, que teríamos de dividir com o estrangeiro e com muita gente — todos os que se interpõem entre o produtor estrangeiro e o consumidor nacional — as margens dos lucros agrícolas, as quais não são assim tão largas. A tração animal em alguns casos apresenta vantagens sôbre a motorização. Estimula a criação pecuária e acabará induzindo-nos a ocupar importante e até hoje deserto setor de atividade rural : a criação de cavalos de tiro, de tão grande alcance econômico, e que tanto embelecem a vida rural, somando-lhe um encanto, isto é, dando-lhe mais um fixador demográfico. Outra conveniência da tração animal, é a oportunidade, que oferece, de insinuação das crianças nas atividades agrícolas, como auxiliares. Todo menino tem medo da enxada e, a fim de fugir a ela, aceita qualquer convite para as cidades, onde vai ser criado de servir na casa da madrinha ou na de um "protetor". Todo menino está aflito para crescer um pouco, a fim da mamãe deixá-lo guiar a besta que puxa a semeadeira, ou a carpideira. Um dia, por qualquer motivo, êle substitue à sorrelfa o operário que conduz a operação. A cousa repete-se. E, sem sentir, o menino transformou-se em acabado trabalhador rural.

A refertilização da terra liga-se íntima e indissoluvelmente à mecanização. Esta requer preparo antecipado do solo, com inversão de capital bem superior ao requerido pelo velho processo de roçar, meter fogo, coivarar e covar. Na agricultura mecanizada, em vez de mudar-se de encosta anualmente, ficá-se, estabelece-se. Apenas, tem-se que praticar a rotação e a ciência química, a dos adubos. Também isso não é novidade. Os romanos já adubavam. As autoridades incas enforcavam os que iam à ilha de Puná durante a incubação das aves produtoras de guano. E Aereboe diz que Liebig e Hellriegel — os mestres da química agrícola — conquistaram para a agricultura alemã mais terras do que Frederico o Grande e Bismark reunidos. Virando a medalha, poderíamos dizer

que não ficaria um homem dentro de casa, se algum inimigo externo ameaçasse de conquistar ao Brasil a décima parte das terras que nós mesmos temos arrebatado à agricultura, tornando-as estéreis. Não tenhamos dúvida : por causa da rotina dominadora de nossas atividades rurais, tornamos o país maior por fora do que por dentro, pois suas linhas periféricas envolvem muita terra que só serve para encompridar distâncias, fazer ficar longe, encarecer transportes.

Quem fala em mecanizar, fala forçosamente em adubar. Cousa facílima no Brasil. O tufito — kimberlita — aflora em várias regiões e basta carregar-se em sacos. Os rochedos fosforosos começam na entrada da barra, no Rio de Janeiro, se não quizermos recensear antes os do Nordeste, e os que constituem a base de ilhas inteiras. A bauxita existe em vários lugares, com sua riqueza em fósforo. Rochas calcáreas, apatites, todo mundo sabe onde abundam. A própria agricultura fornece matéria prima, até agora despresada, à indústria dos adubos. Os poderes públicos precisam estimular essa indústria, quer dando concessões altamente estimuladoras, quer propiciando isenções fiscais, quer ainda participando das emprêsas que se organizarem, entrando com parte dos capitais, influindo na administração pelo exercício do voto (apenas) e deixando para os particulares a participação nos lucros.

Os problemas de abastecimento nos grandes centros não se resolvem de afogadilho, quando já se denunciam os estertores da fome. Porque se ligam aos da produção ; e a agricultura, que dá tudo a tempo e à hora, é metódica. Não atraza, mas também não antecipa. Se lhe propiciarmos tudo quanto lhe é necessário, ela atenderá a tôdas as nossas necessidades. Mas, em caso contrário, ditemos as leis que nos aconselharem ou sugerirem as aperturas do momento. Ela, a agricultura, está acima dessas leis.

E só ela pode resolver nossos problemas.

(Transcrito da revista "ECONOMIA" de fevereiro de 1945)

Atos oficiais relativos à Superintendência dos Serviços do Café

DGS — Serviço do Pessoal — Boletim do Pessoal n.° 31, de 19-3-1945.
Exoneração : — Rosa Del Nero Francesconi, aux. 5.ª categ. SSC. Encaminhe-se ao DSP (Desp. SF de 19-3-45 SSC-330-45). — Diário de 20-3-45.

Exoneração : — Boletim do Pessoal n.° 33, de 21-3-45. Mario Venancio de Oliveira, aux. 14.ª categ. SSC. — Encaminhe-se ao DSP (Desp. SF de 20-3-45. SSC-383/45). — Diário de 22-3-45.

CONSELHO ADMINISTRATIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO

39.ª sessão ordinária, em 21-3-45.

Expediente — O Sr. Secretário procede à leitura dos seguintes documentos :

1 — Ofícios do sr. Interventor Federal :
relativo ao projeto de decreto-lei da Interventoria Federal, sobre criação e extinção de cargos no quadro da Superintendência dos Serviços do Café, Junte-se ; Diário de 22-3-45.

PALÁCIO DO GOVÊRNO

Resolução n.° 149, de 26-3-45.

O INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO DE SÃO PAULO, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

Resolve :

Artigo 1.° — Fica prorrogado, por 30 dias, o prazo a que se refere o art. 1.° da Resolução n.° 146, de 8 de fevereiro de 1945, a fim de que as Secretarias de Estado e Departamentos Autônomos atestem a freqüência de seus funcionários, relativa ao período de 1-1-1943 a 31-8-1944, em fórmulas especiais, fornecidas pela Secretaria da Fazenda.

Artigo 2.° — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Govêrno do Estado de São Paulo, aos 26 de março de 1945.

Fernando Costa
Francisco D'Auria.

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria da Interventoria, aos 26 de março de 1945.

Victor Caruso,
Diretor Geral.

O Café visto nos Estados Unidos

(Cartas semanais do escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

CARTA N.º 400, de 5 de fevereiro de 1945

SITUAÇÃO GERAL — A excessiva procura de café, que segundo informam alguns comerciantes se está notando na maior parte do país, parece indicar que o público procura açambarcar café, devido à publicidade errônea de alguns jornais e comentadores de rádio, os quais têm aludido à possibilidade de se decretar novo racionamento.

Sob o ponto de vista estatístico não há atualmente nada que justifique o racionamento de um produto tão popular como o café. Embora pareça ser certo que a procura é excessiva, deve em todo o caso notar-se que ela ainda não atingiu cifras alarmantes. Os jornais publicaram ùltimamente notícias segundo as quais se conclue que os funcionários de Washington se mostram otimistas sôbre a situação do café. Na opinião dêsses funcionários, o único fator que poderia impor o racionamento seria a constatação de que as compras tinham atingido proporções anormais e que o público procurava açambarcar café.

Os meios bem informados dizem que a situação pode, porém, agravar-se no caso do govêrno não conseguir adquirir a quantidade necessária para o consumo das fôrças armadas e ter que requisitar uma boa parte dos estoques destinados à população civil.

O comércio diz que o Serviço de Intendência do Exército comprou 200.000 sacas de café dos estoques do Departamento Nacional do Café do Brasil e que tais sacas constituem a quantidade que faltava para completar os 4.000.000 de sacas que o Brasil se tinha comprometido a ceder ao govêrno americano, conforme aludimos várias vêzes. O "Journal of Commerce" desta cidade confirma essa compra, mas acrescentou, no número de 31 janeiro, que o Brasil não parece disposto a ceder mais café além dessa quantidade, preferindo deixar o mercado nas mãos dos exportadores particulares. O novo Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, snr. Adolph A. Berle Jor., disse, segundo informam os jornais de Nova York, que o govêrno americano **não tenciona modificar os preços máximos do café.** Apesar dessa declaração ser apenas uma repetição da orientação já anunciada pelos funcionários americanos em dezembro, ela recebeu grande publicidade nos meios cafeeiros desta praça, os quais a consideram como nova afirmação solene de que a política de contrôle dos preços se conserva imutável.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — O total das importações dos países signatários, na semana que terminou em 20 de janeiro, atingiu, segundo os dados fornecidos pela Repartição de Alfândegas dos Estados Unidos, a elevada cifra de 618.222 sacas. Tal volume deve-se principalmente às importações do Brasil que alcançaram 465.574 sacas. A Colômbia forneceu 104.602 sacas, a Venezuela 12.698 e a República Dominicana 12.117. As cifras correspondentes aos outros países foram muito mais baixas, conforme se demonstra no Quadro Estatístico N.º 615, junto à presente.

O total importado desde 1.º de outubro até à data citada atinge 6.708.231 sacas, ou sejam 29,9% da quota em vigor, ao passo que os 112 dias transcorridos até 20 de janeiro representam 30,7% do ano de quota.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — Na semana que terminou em 27 de janeiro as exportações do Brasil elevaram-se a 144.000 sacas, segundo cifras incompletas. As da Colômbia, no mesmo período, foram de 60.025 sacas, das quais 58.748 para os Estados Unidos e 1.277 para outros destinos.

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL — Segundo os dados fornecidos pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York, os estoques de café nos portos brasileiros elevavam-se em 27 do mês passado a 4.045.000 sacas, assim distribuídas:

Rio	760 000
Santos	3 245 000
Paranaguá	21 000
Angra dos Reis	19 000
	4 045 000

ESTOQUES DE CAFÉ CRU E VOLUME DO CAFÉ TORRADO — Na Carta Semanal do Mercado N.º 398, correspondente a 28 de janeiro, indicamos as cifras preliminares correspondentes aos estoques de café cru em 31 de dezembro e ao volume de café torrado durante êsse mês. As **cifras definitivas** são as seguintes:

Estoques de café cru em 31/12/44	4 158 400	Sacas de 60 Kgs.
Café torrado em Dezembro de 1944	1 498 800	„ „ 60 „

Êsses totais não incluem o café em poder das fôrças armadas ou torrado para as mesmas.

MERCADO DO DISPONÍVEL — No Brasil os preços do Tipo Santos continuam sem alteração, mas o do Tipo Rio 7 sofreram uma pequena baixa, passando de Cr $ 33,00, a que se cotavam em 26 de janeiro, para Cr $ 31,80, em 2 do corrente.

No mercado desta praça os negócios limitaram-se a algumas compras de cafés da América Central e do México, cujo volume parece ter sido moderado. Diz-se que o Serviço de Intendência adquiriu no mercado algum café para as fôrças armadas, mas ignora-se o respectivo volume. Os importadores afirmam que não se recebam ofertas para embarque (custo e frete) do Brasil ou da Colômbia, o que está de acôrdo com as informações do comércio segundo as quais os preços nesses países estão acima dos preços máximos aqui em vigor.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

De 1 de Outubro de 1944 a 20 e 27 de Janeiro de 1945

(SACA DE 60 QUILOS OU 132 276 LIBRAS)

Quadro n.º 615

PAISES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	(2) AUTORIZAÇÕES PARA ENTRAR de 1/10/44 até a data abaixo: SEMANA TERMINADA EM 20/1/45	TOTAL DE 1.º DE OUTUBRO até 20/1/45	RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
Brasil	13 110 489	465 574	4 087 655	9 022 834	31,2
Colômbia	4 437 607 (x)	104 602	2 017 870	2 419 737	45,5
Costa Rica	281 946	724	14 538	267 408	5,2
Cuba	112 778	—	21 367	91 411	18,9
Republica Dominica	169 168	12 117	27 200	141 968	16,1
Equador	211 459	2 407	124 392	87 067	58,8
El Salvador	845 838	— 80 (3)	67 593 (3)	778 245	8,0
Guatemala	754 206	5 155	65 158	689 048	8,6
Haiti	387 676	4 838	37 456	350 220	9,7
México	669 622	4 987	108 266	561 356	16,2
Nicarágua	274 897	—	608	274 289	0,2
Peru	35 243	—	10 067	25 176	28,6
Venezuela	592 087	12 698	96 820	495 267	16,4
		SEMANA TERMINADA EM 27/1/1945	TOTAL DE 1.º OUTUBRO A 27/1/1945		
Honduras	28 195	—4 (3)	24 116 (3)	4 079	85,5
Total dos países signatários	**21 911 211**	**613 102**	**6 703 106**	**15 208 105**	**30,6**
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	500 454	5 120	5 125	495 329	1,0
Total geral	**22 411 665**	**618 222**	**6 708 231**	**15 703 434**	**29,9**

NOTA: — (§) Em 20 e 27 de Janeiro são 112 e 119 dias ou 30,7% e 32,6%, sôbre a quota anual.

(x) Conforme o artigo IV do Acôrdo Inter-Americano do Café, foram feitos ajustes para o excesso de 3 042 sacas no total importado da Colômbia, durante o ano de quotas de 1943-44. (Vide quadro 583).

(1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 28 de Dezembro de 1944 e 2 de Janeiro de 1945.

(2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

(3) Revisão efetuada nas cifras da semana anterior.

INFORME SEMANAL SÔBRE AS ATIVIDADES DA CAMPANHA DE ANÚNCIOS E PUBLICIDADE DO CAFÉ

N.º 111 **5 de fevereiro de 1945**

Após a reunião do Comitê Conjunto de Anúncios e Publicidade a que nos referimos no número precedente dêste Informe, e devido às modificações que se introduziram no programa da Campanha, foi distribuído o seguinte Boletim de Imprensa :

"Na sessão realizada em Nova York pelo Comitê Conjunto de Anúncios e Publicidade, constituído pelos Delegados dos países associados ao Bureau Pan-Americano do Café e pelos Representantes da National Coffee Association, que representa a indústria do café dos Estados Unidos, foi decidido que se acentuasse nos anúncios a importância que a preparação correta da bebida exerce no consumo do café.

Os membros do Comitê manifestaram-se inteiramente de acôrdo sôbre a conveniência de empregar todos os esforços possíveis no sentido de obter o aperfeiçoamento dos processos que se utilizam para preparar o café, e, ao mesmo tempo, iniciar a distribuição da colher-medida padronizada, criada especialmente pelo Comitê de Preparação, da National Coffee Association. O Comitê resolveu igualmente anunciar e dar grande publicidade ao sêlo de garantia que a National Coffee Association concederá aos utensílios que reunam os requisitos necessários para melhorar a preparação da bebida.

Serão continuados os anúncios que apresentam o café como "a bebida ideal para tôdas as ocasiões", promovendo-se no próximo verão uma campanha intensa para fomentar o consumo do café gelado.

O elevado nível de consumo que se conseguiu mediante a colaboração da National Coffee Association com os países produtores representados no Bureau Pan-Americano do Café, não só pode manter-se, como elevar-se. O café é uma bebida essencial para o bem-estar do público norte-americano e constitui um poderoso fator econômico nas relações comerciais entre os Estados Unidos e os países produtores. A prosperidade dos países latino-americanos representará uma apreciável contribuição para a prosperidade das classes trabalhadoras dos Estados Unidos no após-guerra."

A fim de dar início à distribuição da colher-medida, o Comitê votou a apropriação de verba necessária para que se fabriquem imediatamente 250.000 dessas colheres. Tal quantidade permitirá distribuir amostras aos torradores, peritos em economia do lar, diretores das páginas femininas dos jornais, revistas, etc., permitindo também utilizá-las para apreciar a conveniência de se oferecerem nos programas de rádio do Bureau.

Daremos novos detalhes dêsses trabalhos e atividades à medida que se forem realizando.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

N.º 89 **5 de fevereiro de 1945**

Transcrevemos em seguida um artigo sôbre o consumo de café nos Estados Unidos, escrito pelo Secretário Geral do Bureau, snr. Carlos M. Canal, e publicado no número de 26 de janeiro do "Journal of Commerce" desta cidade. O mesmo artigo será igualmente publicado nos números de fevereiro das revistas "Tea & Coffee Trade Journal", "The Spice Mill" e "Coffee".

"NOVO RECORDE DE CONSUMO DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS"

No ano civil de 1944, o consumo de café nos Estados Unidos quebrou todos os recordes até até então estabelecidos. As cifras fornecidas pelas entidades oficiais revelam que a "desaparição" total de café neste país, no ano que acaba de terminar, se elevou a 18.812.071 sacas de 60 quilos. A comparação dessa cifra com os 14.663.953 que se consumiram em 1943 mostra um aumento de 4.148.118 sacas, ou 28,3%.

O consumo total" per capita", incluindo o das fôrças armadas alcançou também um máximo sem precedentes : 18 libras (8,165 kg.), tomando como base a cifra oficial da repartição do Censo para o 1.º de julho de 1944, a qual é de 138.100.874 pessoas. O consumo "per capita" em 1943 foi sòmente de 14,2 lb., isto é, 6,441 kg.. Constata-se, portanto, que houve um aumento de 3,8 lb. em 1944, ou 26,8%. Essas cifras referem-se tôdas elas ao café cru, mas pode fazer-se um cálculo semelhante para computar o consumo do café torrado, desde que se tome em consideração a quebra normal de 16% proveniente da torração.

Tanto a cifra do consumo total, como a correspondente ao consumo "per capita" demonstram um progresso considerável sôbre os níveis de há sete ou oito anos. No qüinqüênio de 1932 a 1937 o consumo médio anual (baseado na média das importações) foi de 12.351.000 sacas e a cifra correspondente ao consumo "per capita", de 12,8 lb.. As cifras de 1944 equivalem a um aumento de 52,3% no volume e 40,6% no consumo "per capita." Tanto uma como outra traduzem um aumento extraordinário, que provàvelmente não foi igualado por qualquer outro produto nos Estados Unidos. O quadro seguinte ilustra o progresso alcançado :

CONSUMO DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS

	Total Em sacas de 60 Kg.	Per Capita Em lb.
1944	18 812 071	18,0
1932–37 (média anual)	12 351 000	12,8
Aumento líquido em 1944	6 461 071	5,2
Percentagem de aumento	52,3%	40,6%

O aumento do consumo "per capita" deve-se em grande parte às fôrças armadas, que consumiram durante o ano um total aproximado de 2.707.787 sacas. Se se calcular em 11 milhões o número de homens que se acham prestando serviço militar em todos os três ramos, essa cifra corresponde a um consumo "per capita" de 32,5 lb.. Os cálculos anteriores indicam, porém, que seu consumo é de 33 a 36 libras. Para a população civil, os dados fornecidos pela Repartição de Administração de Preços indicam um consumo de 16.110.284 sacas. O quadro que se segue demonstra mais claramente o modo como essas cifras se dividem :

CONSUMO DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS EM 1944

Grupos Consumidores		Total Em sacas de 60 Kg.	Per Capita Em lb.
Fôrças Armadas	11 000 000 (a)	2 701 787 (b)	32,5
População Civil	127 100 874	16 110 284 (c)	16,8
Totais	138 100 874 (d	18 812 071	18,0

a) — Estimativa em 1.º de julho de 1944. Os efetivos totais das fôrças armadas foram oficialmente fixados, em 1.º de novembro último, em 11.900.000 homens. A cifra utilizada deve, pois, considerar-se como razoável, uma vez que as incorporações entre ambas as datas não foram muito elevadas.
b) — Cálculo do consumo baseado na diferença entre o consumo total e o volume do café torrado para a população civil.
c) — Volume total do café torrado para a população civil, conforme as cifras fornecidas pela Repartição de Administração de Preços.
d) — Cálculo oficial da Repartição do Censo em 1.º de julho de 1944.

O consumo das fôrças armadas que se indica no quadro precedente representa apenas o café que as mesmas retiraram dos estoques que já se achavam nos Estados Unidos, e pode parecer diminuto se se considerar que as estimativas prévias indicavam que as suas necessidades para o ano civil que agora terminou se elevariam a 3.000.000 de sacas, ou mesmo mais. Diz-se que as compras de café para as fôrças armadas, feitas diretamente nos países produtores, se elevaram a 500.000 sacas, em 1944. Se assim é, o consumo total das mesmas eleva-se a 3.201.787 sacas e o respectivo consumo "per capita" a 38,5 libras.

Todavia, apesar da contribuição das fôrças armadas para o consumo total, a verdade é que o consumo da população civil também atingiu um nível extremamente elevado. Cumpre recordar que em 1.º de julho de 1944, data que se escolheu para coligir êstes dados, a população civil tinha sofrido uma redução de 11 milhões de homens que haviam sido chamados a prestar serviço militar e que a sua idade flutuava justamente entre os 18 e os 38 anos, ou seja aquela em que em geral se bebe mais café. Dêsse modo, a cifra de 16,8 libras, que corresponde ao consumo "per capita" da população civil, é igual ao máximo obtido nos anos normais precedentes, devendo considerar-se como um sintoma que revela a tendência favorável do consumo nos Estados Unidos.

Ao apreciar o consumo do café nêste país, não podemos deixar de analizar a influência que nêle exercer o estado de guerra e o aumento do poder de compra do consumidor em geral. Seu aumento é porém tão grande, que não pode de modo algum atribuir-se sòmente a essas duas causas, ambas provocadas pela guerra. A realidade é que mais nenhuma bebida goza de semelhante popularidade entre o público americano, que, justamente por êsse motivo, aproveita sua eficiência inegualável para estimular seu espírito e combater a tensão provocada pelo atual período de emergência.

O quadro seguinte fornece uma indicação do que teria sido o aumento provável do consumo caso os Estados Unidos não tivessem entrado na guerra e continuassem apenas produzindo material e equipamento para as nações que lutam contra o Eixo, tal como sucedia em 1940-41.

ESTIMATIVA DO CONSUMO PROVÁVEL EM 1944
(Na hipótese dos E. U. não estarem em guerra)

População dos E. U. em 1-7-44	Consumo "Per Capita" da População Civil	Consumo total Provável dos 138.100.874 habitantes
138.100.874	16,8 lb.	17.539.801 (sacas de 60 Kg.)

Portanto, se compararmos êsse consumo provável com o consumo médio do período de 1932-37, que foi de 12.351.000 sacas, o aumento líquido seria de 5.188.801 sacas, ou 42%.

Isso, porém, não passa de uma situação imaginária. A verdade é que os Estados Unidos entraram na guerra, e que sua procura de café, já consideràvelmente aumentada, como demonstramos, pode aumentar ainda mais num futuro próximo. Êsse novo aumento dever-se-à tanto às necessidades crescentes das fôrças armadas, como às da população civil empregada nas indústrias de guerra, como ainda à obrigação de fornecer às nações libertadas da Europa uma bebida popular de que se viram privadas durante os anos de opressão.

Os países produtores conseguiram preencher totalmente seus compromissos de abastecer o mercado dos Estados Unidos, apesar do período crítico que atravessamos e das numerosas dificuldades que confrontaram, especialmente no ano findo, devido ao elevado custo de produção que supriMiu pràticamente a margem de lucro entre os preços de venda e os "tetos" aqui em vigor. A indústria americana colaborou com entusiasmo nesses esforços e devemos confiar em que se encontre ràpidamente uma solução que permita manter essas cordiais relações interamericanas, que se baseiam numa das maiores indústrias do Hemisfério Ocidental, de cuja prosperidade depende a estabilidade econômica de tantos países ao sul do Rio Grande.

CARTA N.º 401, de 13 de fevereiro de 1945

SITUAÇÃO GERAL — Segundo as informações recebidas nos meios cafeeiros desta praça, a Junta de Contrôle de Câmbios da Colômbia autorisou a reabertura do registro das vendas para outros mercados que não sejam os Estados Unidos, o qual, como noticiamos na Carta Semanal N.º 397, de 15 de janeiro, tinham sido encerrados temporàriamente. Embora não haja quaisquer informações nesse sentido, o comércio local espera que se abram igualmente em breve os registros para os Estados Unidos.

Os negociantes locais confiam em que a distribuição das licenças de importação se faça dentro de 10 dias ou duas semanas. Conforme informamos, essas licenças tinham sido suspensas pela W.F.A. a fim de permitir que o govêrno conseguisse obter o café que necessita para as fôrças armadas. A opinião que o comércio agora expressa de que as licenças se distribuirão em breve parece indicar que apesar de tudo o govêrno não confrontou as dificuldades que se anteviam para comprar café.

Aguarda-se com grande interesse o resultado de uma reunião dos cafeicultores brasileiros, que, segundo informações da imprensa desta cidade se realizará em 15 do corrente. Segundo se diz, um dos pontos a serem discutidos consistirá na concessão de subsídios destinados a permitir a exportação de café para os Estados Unidos a preços inferiores ao custo da produção. Os fundos para tal subsídio provêm da receita obtida pelo govêrno com a venda dos estoques de café do D.N.C. aos Estados Unidos, de acôrdo com as negociações a que nos referimos diversas vêzes em nossas Cartas Semanais. As notícias a êsse respeito não têm, porém, caráter oficial, limitando-se às referências dos jornais desta cidade.

É interessante mencionar que o comércio cafeeiro desta praça está seguindo com bastante atenção a acentuada alta das apólices do empréstimo de 7%, 1940 do Estado de São Paulo. Tais apólices, que pertencem ao chamado empréstimo do café e que há alguns meses se cotavam a menos de 65 na Bolsa de Nova York, atingiram agora 78 7/8.

A Associação do Café Cru de Nova York anunciou a nomeação de um Comitê Especial encarregado de preparar os planos necessários para modernizar e fortalecer suas atividades.

Chamamos a atenção de nossos leitores para as importações de café que figuram no capítulo correspondente desta Carta Semanal. Como se verá, as importações da semana que terminou em 27 de janeiro elevaram-se a 525.475 sacas, o que constitui um total bastante avultado, embora represente uma diminuição em relação às 618.222 sacas importadas na semana anterior. As importações totais de janeiro devem elevar-se provàvelmente a 2.000.000 de sacas. Devido à forte procura é possível que o volume do café torrado em janeiro se eleve a 1.500.000 sacas.

EMPRÉSTIMO HOLANDÊS — Acabam de concluir-se satisfatòriamente as negociações relativas ao empréstimo de 100 milhões de dólares ao govêrno holandês: a que nos referimos na Carta Semanal N.º 380, de 18 de setembro último. Segundo informa a imprensa desta cidade, o empréstimo foi realizado por um grupo de banqueiros de Nova York presidido pelo snr. Winthrop W. Aldrich, Presidente do Chase National Bank, o qual obteve a colaboração do Departamento de Estado e da Secretaria da Fazenda dos Estados Unidos devido às dificuldades encontradas. Tais dificuldades provieram do fato de se tratar do primeiro empréstimo efetuado a um país europeu desde o início da guerra e ainda da circunstância da Holanda se achar ainda ocupada pelo inimigo na sua maior parte, com o govêrno nacional domiciliado em Londres.

JUNTA DO CAFÉ DO HEMISFÉRIO ORIENTAL (Inter-Oriental Hemisphere Coffee Board) — O Boletim N.º 528, de 6 do corrente, do Commodity Research Bureau, publica uma notícia sôbre a sugestão apresentada nos meios ingleses para que se crie a Junta do Café do Hemisfério Oriental, representando os produtores da África Oriental e de outras regiões do Império Britânico, a fim de completar a Junta Interamericana do Café. O propósito da nova Junta seria o de "assegurar o bem-estar e a estabilidade dos membros do comércio do café no após-guerra". Seu programa inclui os seguintes pontos principais : "distribuição equitativa dos mercados consumidores do hemisfério oriental entre os diversos países produtores" ; "eliminação das restrições ao consumo do café que existiam antes da guerra e adoção de uma política geral favorável ao consumo no hemisfério oriental ; e, finalmente, "estabelecer contacto com a Junta Interamericana do Café", visto que nenhum dos hemisférios se pode considerar independente em relação ao produto". O interesse mútuo aconselha a conveniência de colaborar em tudo quanto se refira a preços máximos e mínimos e outros assuntos não menos importantes".

CONSUMO DO CAFÉ — Apresentamos em seguida as cifras finais sôbre o consumo de café nos Estados Unidos em 1944. Como se notará, elas divergem apenas ligeiramente das mencionadas no artigo do snr. Carlos M. Canal, Secretário Geral do Bureau, que enviamos na semana precedente como Informe de Imprensa. As cifras revistas são ùnicamente as referentes ao café torrado e aos estoques disponíveis em 31 de dezembro, estando os dados correspondentes às importações ainda pendentes de modificação ou revisão final.

DESAPARIÇÃO DE CAFÉ DURANTE 1944 (Sacas de 60 Kg.)

Estoques em 31 de dezembro de 1943	3 522 939
Importações em 1944	19 394 132
	22 917 071
Estoques em 31 de dezembro de 1944	4 158 400
DESAPARIÇÃO TOTAL EM 1944	18 758 671
Desaparição total em 1944	18 758 671
Volume do café torrado para a população civil em 1944	16 129 084
Diferença entre a desaparição total e o volume do café torrado, que deve corresponder ao CONSUMO PROVÁVEL DAS FÔRÇAS ARMADAS	2 629 587

A cifra final de 18.758.671 sacas é um pouco inferior à cifra preliminar, que atingia 18.812.071, mas o total de 16.129.084 sacas para o café torrado é maior do que os dados iniciais, que apenas registravam 16.110.284 sacas. Quanto ao consumo das fôrças armadas, a cifra final de 2.629.587 sacas é inferior à provisória que se elevava a 2.701.787 sacas.

As modificações indicadas são demasiado pequenas para poderem afetar o consumo global "per capita" e o consumo "per capita" da população civil, que se mantêm respectivamente em 18,0 libras e em 16,8 lb., mas o consumo "per capita" das fôrças armadas baixou de 32,5 lb. para 31,6 lb.. O consumo por grupos é o que consta do seguinte quadro :

	Grupos Consumidores	Em Sacas de 60 Kg.	"Per Capita" em lb.
Fôrças Armadas..	11 000 000	2 629 587	31,6
População Civil..	127 100 874	16 129 084	16,8
	138 100 874	18 758 671	18,0

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Os dados fornecidos pela Repartição de Alfândegas dos Estados Unidos para as importações da semana que terminou em 27 de janeiro acusam novamente um total elevado, atingindo 525.475 sacas, tendo o Brasil concorrido com 348.801 sacas, a Colômbia com 108.206, o Haiti com 28.490 e a República Dominicana com 10.247 sacas. As importações

dos restantes países foram muito diminutas, como se pode ver no Quadro Estatístico N.º 116 anexo à presente. O total importado desde 1.º de outubro eleva-se a 7.233.705 sacas, ou sejam 32,3% da quota em vigor, ao passo que os 119 dias do ano de quota já transcorridos correspondem a 32,6%. Junta-se igualmente à presente o Quadro N.º 617 que contém as importações totais em Janeiro, até ao dia 27, os quais ascenderam a 1.996.50 sacas.

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL — Segundo os dados fornecidos pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York, os estoques de café nos portos do Brasil em 3 do corrente elevavam-se a 3.776.000 sacas, assim distribuídas:

Rio	760 000
Santos	2 976 000
Paranaguá	21 000
Angra dos Reis	19 000
	3 776 000

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DA COLÔMBIA — O escritório da Federação dos Cafeicultores da Colômbia em Nova York forneceu os dados relativos aos estoques de café nos portos dêsse país em 31 de janeiro, os quais se elevavam a 728.472 sacas, distribuídas como segue:

Barranquilla	482 152
Cartagena	159 475
Buenaventura	86 845
	728 472

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — Na semana que terminou em 3 do corrente as exportações do Brasil elevaram-se a 355.000 sacas segundo cifras incompletas. As da Colômbia, no mesmo período, foram de 83.432 sacas, tôdas para os Estados Unidos.

OS PRODUTORES BRASILEIROS RECLAMAM UM AUMENTO DE SETE CENTAVOS POR LIBRA — O "Wall Street Journal", desta cidade, publicou a notícia de que os produtores brasileiros tinham pedido ao seu govêrno que financiasse a safra de café de 1945 na base de 20 centavos por libra para o café "Santos 4", em Nova York, apesar de seu preço atual ser um pouco superior a 13 centavos. Também segundo as mesmas notícias, que provêm do Banco de Londres e da América do Sul em São Paulo, os lavradores "pediram que lhes sejam devolvidos os lucros que o D.N.C. obteve com a venda de seus estoques".

Êsse jornal afirma igualmente que em fins de janeiro apenas estavam aguardando embarque cêrca de 300.000 sacas, dos 4.000.000 que o governo brasileiro se comprometera a vender aos Estados Unidos dos estoques do D.N.C..

O preço de 20 centavos por libra, informa o aludido jornal, foi em parte influenciado pela notícia de que o govêrno inglês tinha adquirido a safra da colônia de Kênia a êsse mesmo preço. Finalmente, a notícia menciona ainda que se têm feito sugestões para que o govêrno brasileiro adquira 4 ou 5 milhões de sacas a êsse preço a fim de conservá-los depositados nos armazens do D.N.C.

MERCADO DO DISPONÍVEL — No Brasil os preços do Tipo Santos não têm sofrido alteração, mas no do Rio, o tipo Rio 7 subiu novamente de Cr $ 31,80 (em 2 do corrente) para Cr $ 32,80, em 8.

Nesta praça, segundo informam os meios cafeeiros, têm-se efetuado bastantes negócios com cafés mexicanos e da América Central. Diz-se igualmente que se concluiram várias compras de cafés do D.N.C. para o Serviço de Intendência do Exército.

O mercado do disponível continua inativo devido à circunstância dos importadores estarem aguardando a possibilidade de recompletarem seus estoques, os quais foram muito diminuidos pelas vendas efetuadas aos torradores de todo o país quando a O.P.A. permitiu acrescentar 2% aos preços máximos.

Quanto ao consumo, mantém-se em nível muito elevado.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(De 1.º de Outubro de 1944 a 27 de Janeiro e 3 de Fevereiro de 1945)

(SACA DE 60 QUILOS OU 132 276 LIBRAS)

PAISES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR — SEMANA TERMINADA EM 27/1/45	(2) AUTORIZADO A ENTRAR — TOTAL DE 1.º DE OUTUBRO até 27/1/45	RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
Brasil	13 110 489	348 801	4 436 456	8 674 033	33,8
Colômbia	4 437 607 (x)	108 206	2 126 076	2 311 531	47,9
Costa Rica	281 946	—	14 538	267 408	5,2
Cuba	112 778	8 721	30 088	82 690	26,7
República Dominicana	169 168	10 247	37 447	131 721	22,1
Equador	211 459	1 900	126 292	85 167	59,7
El Salvador	845 838	—	67 593	778 245	8,0
Guatemala	754 206	— 1 (3)	65 157 (3)	689 049	8,6
Haiti	387 676	28 490	65 946	321 730	17,0
México	669 622	7 789	116 055	553 567	17,3
Nicarágua	274 897	—	608	274 289	0,2
Peru	35 243	6 680	16 747	18 496	47,5
Venezuela	592 087	4 641	101 461	490 626	17,1
		SEMANA TERMINADA EM 3/2/1945	TOTAL DE 1.º OUTUBRO A 3/2/1945		
Honduras	28 195	—	24 116	4 079	85,5
Total dos países signatários	21 911 211	525 475	7 228 580	14 682 631	33,0
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	500 454	—	5 125	495 329	1,0
Total geral	22 411 665	525 475	7 233 705	15 177 960	32,3

NOTA: — (§) Em 27 de Janeiro e 3 de Fevereiro são 119 e 126 dias ou 32,6% e 34,5%, sôbre a quota anual.

(x) Conforme o artigo IV do Acôrdo Inter-Americano do Café, foram feitos ajustes para o excesso de 3 042 sacas no total importado da Colômbia, durante o ano de quotas de 1943/44 (vide quadro 583).

(1) De acôrdo com à resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 28 de Dezembro de 1944 e 2 de Janeiro de 1945.

(2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

(3) Revisão efetuada nas cifras das semanas anteriores.

ENTRADAS DE CAFÉ EM GRÃO PELOS PORTOS DA COSTA DO PACÍFICO

Comparação das entradas de Janeiro, 1945 com as de 1942, 1943 e 1944

(EM SACAS) *

PAÍSES PRODUTORES	MÊS DE JANEIRO			
	1945	1944	1943	1942
Brasil	115 675	71 600	5 975	144 067
Colômbia	41 483	—	—	43 422
Costa Rica	—	3 642	6 936	5 323
Índias Orientais	—	—	—	125
Equador	250	—	—	3 442
El Salvador	—	88 049	78 836	38 112
Guatemala	—	61 246	24 524	14 476
Honduras	—	1 100	—	—
México	—	—	—	4 002
Nicarágua	—	5 716	1 744	14 797
Índias Ocidentais	—	—	—	390
Total geral	**(*) 157 408**	**(*) 231 353**	**(*) 118 015**	**268 156**
(*) Inclusive entradas via outros portos, como segue:				
Brasil	115 675	71 600	5 975	
Colômbia	1 633	—	—	—
Equador	250	—	—	
Total	**117 558**	**71 600**	**5 975**	

(*) Sacas de pesos diversos, de acôrdo com os embarques originais efetuados pelos países produtores.

Dados obtidos pela "Pacific Coast Coffee Association".

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS EE. UU. SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

PERÍODOS SEMANAIS DE DEZEMBRO 31, 1944 A JANEIRO 27, 1945 E TOTAIS ACUMULADOS COMPARADOS COM OS DE 1943/44

(Sacas de 60 quilos ou 132.276 libras)

Quadro N.º 617

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA BÁSICA	OUT.º 1/44 A DEZ.º 30/44	AUTORIZADO A ENTRAR EM FINS DE SEMANA				TOTAL AUTORIZADO A ENTRAR			% DA QUOTA BÁSICA	
			JANEIRO 6/1945	JANEIRO 13/1945	JANEIRO 20/1945	JANEIRO 27/1945	DE DEZ.º 31 A JAN. 27/45	DE OUT. 1/44 A JAN. 27/45	DE OUT. 1/43 A JAN. 27/44	44/45	43/44
Brasil	9 300 000	3 010 219	314 515	297 347	465 574	348 801	1 426 237	4 436 456	2 574 393	47,7	27,7
Colômbia	3 150 000	1 737 755	116 901	58 612	104 602	108 206	388 321	2 126 076	1 406 916	67,5	44,7
Costa Rica	200 000	13 814	—	—	724	—	724	14 538	20 054	7,3	10,0
Cuba	80 000	21 366	—	1	—	8 721	8 722	30 088	20 541	37,6	25,7
República Dominicana	120 000	8 697	1 997	4 389	12 117	10 247	28 750	37 447	34 347	31,2	28,6
Equador	150 000	96 723	19 720	5 542	2 407	1 900	29 569	126 292	100 550	84,2	67,0
El Salvador	600 000	67 593	—	—	—	—	—	67 593	105 370	11,3	17,6
Guatemala	535 000	52 476	551	6 976	5 154	—	12 681	65 157	147 571	12,2	27,6
Haiti	275 000	25 273	330	7 015	4 838	28 490	40 673	65 946	68 415	24,0	24,9
Honduras	20 000	22 999	1 117	—	—	—	1 117	24 116	11 670	120,6	58,4
México	475 000	94 248	1 971	7 060	4 987	7 789	21 807	116 055	165 407	24,4	34,8
Nicarágua	195 000	608	—	—	—	—	—	608	6 602	0,3	3,4
Peru	25 000	10 067	—	—	—	6 680	6 680	16 747	7 126	67,0	28,5
Venezuela	420 000	75 360	—	8 762	12 698	4 641	26 101	101 461	107 359	24,2	25,6
Total países signatários	**15 545 000**	**5 237 198**	**457 102**	**395 704**	**613 101**	**525 475**	**1 991 382**	**7 228 580**	**4 776 321**	**46,5**	**30,7**
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	355 000	5	—	—	5 120	—	5 120	5 125	20 598	1,4	5,8
Total geral	**15 900 000**	**5 237 203**	**457 102**	**395 704**	**618 221**	**525 475**	**1 996 502**	**7 233 705**	**4 796 919**	**45,5**	**30,2**

NOTA: — Dados obtidos na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

N.º 90 **13 de fevereiro de 1945**

NOTÍCIAS DOS PAÍSES PRODUTORES

Colômbia — (Do "Foreign Commerce Weekly" de 20 e 27 de janeiro de 1945)

Ao dirigir-se ao Décimo Quarto Congresso Anual do Café, que se celebrou em Ibague, no mês de dezembro, o Presidente da República, Dr. Alfonso López, acentuou a necessidade de pagar salários mais elevados aos trabalhadores dos cafèzais, mesmo que não se consiga o aumento dos preços máximos nos Estados Unidos. Entrementes, a agitação que se notava entre os produtores em favor do aumento dos preços, parece ter diminuído após as primeiras notícias relativas à contra-ofensiva alemã em França, as quais permitem supor um retardo na abertura dos mercados europeus.

Os preços do café mantêm-se firmes, tendo sofrido apenas uma baixa temporária provocada pela recusa do pedido de aumento dos preços no mercado americano. Apesar da campanha na imprensa ter diminuido um pouco, a opinião pública continua reclamando com energia a elevação dos "tetos". Apesar de tudo, as exportações de café em outubro e novembro de 1944 foram bastante mais elevadas do que as correspondentes ao mesmo período de 1943.

Brasil — (Do "Foreign Commerce Weekly" de 3 de fevereiro de 1945)

Os exportadores do Paranaguá pediram autorização para poder exportar para os Estados Unidos. O Departamento Nacional do Café fixou-lhes uma quota de 350.000 sacas, que devem ser embarcadas em Santos. Como só duas ou três firmas dêsse Estado possuem escritório em tal pôrto, as restantes devem efetuar seus embarques por intermédio dos exportadores de Santos.

República Dominicana — (Do "Foreign Commerce Weekly" de 20 de janeiro de 1945)

Os importadores de Nova York estão tentando conseguir uma melhoria da qualidade do café que adquirem, mediante o contrôle rígido das diversas fases do beneficiamento efetuado na República Dominicana.

Honduras — (Do "Foreign Commerce Weekly" de 20 de janeiro de 1945)

O aumento geral da quota de importação de café dos Estados Unidos causou pouca satisfação em Honduras, uma vez que é demasiado pequeno para atenuar apreciàvelmente a situação crítica dos produtores do país. Em 16 de dezembro as Honduras já tinham preenchido a quota inicial destinada a todo o período de 1.º de outubro de 1944 a 30 de setembro de 1945. Por outro lado, a colheita da safra de 1944/45 não se iniciará antes de fins de janeiro ou princípios de fevereiro. Os negociantes aproveitam êsse fato para afirmar que sòmente uma revisão total da quota básica correspondente às Honduras poderá solucionar o problema da liquidação dos estoques exportáveis de um produto que figura em segundo lugar nas exportações do país.

Venezuela — (Do "Foreign Commerce Weekly" de 27 de janeiro de 1945)

Tem-se notado uma redução das ofertas de café para exportação. Tal fato é provocado pela convicção de que os preços do produto serão aumentados, quer mediante a elevação dos preços máximos nos Estados Unidos, quer pela supressão do sistema de fixação de preços baixos no mercado interno e concessão de prêmios de exportação baseados nos preços mínimos oficiais.

Haiti — (Do "Foreign Commerce Weekly", de 20 de janeiro de 1945)

O aspecto mais característico da situação cafeeira no Haiti continua a ser a movimentação lenta do café. Os exportadores ainda esperam um aumento dos preços, apesar da O.P.A. ter anunciado que os "tetos" em vigor nos Estados Unidos não serão aumentados. Os importantes embarques que se fizeram para a Suiça no mês de dezembro estimulam essa atitude.

CARTA N.º 402, de 19 de fevereiro de 1945

SITUAÇÃO GERAL — O snr. George C. Thierbach, Presidente da National Coffee Association, enviou em 13 do corrente uma circular aos membros da sua Associação informando que o govêrno dos Estados Unidos terá dentro em breve que manifestar sua opinião sôbre a prorrogação do Convênio Interamericano do Café. A circular acrescenta que como certamente o govêrno desejará conhecer a opinião do comércio cafeeiro do país sôbre o efeito que o Convênio exerceu no mercado, assim como a opinião geral dos negociantes acêrca de tal prorrogação, todos os comerciantes que tenham opiniões definidas sôbre o assunto, ou sôbre qualquer ponto em especial, devem comunicá-lás por escrito com a possível brevidade.

Segundo informações fornecidas pelo Boletim da American Brazilian Association, o Interventor Federal de São Paulo, snr. Fernando Costa, declarou numa entrevista recente que os atuais preços do café não compensavam o custo da produção, especialmente nas zonas mais exploradas ou em que a terra está mais cansada, onde a produção tem menor rendimento. Declarou igualmente que a fim de auxiliar a agricultura em geral e especialmente o café, o Estado de São Paulo tinha aberto um crédito de 100 milhões de cruzeiros destinado a permitir a realização de empréstimos aos lavradores do Estado. Tais empréstimos serão efetuados a longo prazo e sem juros, destinando-se a financiar trabalhos de irrigação e a cultura de terrenos baldios. Abrir-se-à ainda outro crédito de 30 milhões de cruzeiros para financiar a aquisição de gado e maquinário.

Calcula-se que a Coorporação de Estabilização de Preços do Canadá comprou e importou mais de 710.635 sacas de 60 quilos de café nos primeiros 11 meses de 1944 contra 438.477 sacas em idêntico período do ano anterior, ou seja um aumento de 60%. Espera-se que as compras totais em 1944 atinjam 100 milhões de libras (755.955 sacas de 60 quilos) — representando o dobro do consumo anterior à guerra.

Apesar de em janeiro dêste ano se temer a implantação do racionamento do café no Canadá, a Junta do Comércio e dos Preços afirmou que semelhante medida nem siquer tinha sido considerada.

Neste mercado a situação é sensìvelmente a mesma que vem prevalecendo há vários meses, conservando-se os negócios relativamente calmos.

Ao que parece, o interêsse do comércio cafeeiro durante a semana em revista concentrou-se na reunião que os lavradores brasileiros estão levando a cabo e na qual o Ministro da Fazenda, snr. Souza Costa, afirmou que as exportações de café se devem manter, independentemente das discussões sôbre preços. São essas as únicas informações que o comércio local recebeu sôbre a reunião, mas como é possível que cheguem novos detalhes antes da expedição desta Carta Semanal, incluiremos os respectivos detalhes como notícias de última hora. Os meios comerciais desta praça supõem que nessa reunião se estabelecerão as normas que o Brasil adotará na sua política cafeeira futura e aguardam informação mais completa sôbre seus resultados.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Segundo os dados fornecidos pela Repartição de Alfândegas, as importações de café continuam a fazer-se em volume muito satisfatório, tendo atingido 518.653 sacas na semana que terminou em 3 do corrente. A maior parte dêsse total, ou sejam 417.108 sacas, veio do Brasil. Do Salvador vieram 30.214 sacas, da Colômbia 28.596 e da Guatemala 28.154 sacas. As importações dos restantes países signatários foram mais reduzidas, conforme se pode ver no Quadro Estatístico N.º 618, junto à presente. O total importado desde 1.º de outubro a

3 de fevereiro eleva-se a 7.752.358 sacas, ou sejam 34,6% da quota aumentada, ao passo que os 126 dias do ano de quota transcorridos até 3 do corrente representam 34,5%. Chamamos a atenção de nossos leitores para o quadro estatístico sôbre as importações efetuadas pelos portos do Pacífico, classificadas por origem e divididas pelas principais firmas importadoras.

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL — Segundo os dados fornecidos pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York, os estoques de café nos portos do Brasil elevavam-se em 10 do corrente a 3.655.000 sacas, distribuidas como segue:

Santos	2 898 000
Rio	717 000
Paranaguá	21 000
Angra dos Reis	19 000
	3 655 000

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — Na semana que terminou em 10 do corrente as exportações do Brasil foram de 151.000 sacas, segundo cifras incompletas. As da Colômbia, na mesma semana, elevaram-se a 59.185 sacas, das quais 58.323 para os Estados Unidos e 862 sacas para outros destinos.

MERCADO DO DISPONÍVEL — No Brasil, o tipo Santos continua sem alteração, mas o tipo Rio 7 subiu ligeiramente de Cr $ 32,80, a que se cotava em 8 do corrente, para Cr $ 33,20 em 9.

Nesta praça a situação mantém-se sem alteração digna de nota. Os negócios continuam calmos, dizendo-se que se efetuaram algumas transações com cafés pertencentes ao D.N.C. para as fôrças armadas.

No mercado de suaves diz-se que se realizaram alguns negócios novos com cafés da América Central, não se conhecendo, porém, as quantidades.

Como dizemos no início desta carta o interêsse do comércio concentra-se na reunião dos produtores brasileiros, pois espera-se que a mesma anuncie a futura política cafeeira do país.

ÚLTIMA HORA

A Bolsa do Café e Açúcar divulgou as seguintes informações dos seus correspondentes no Rio sôbre a reunião dos produtores brasileiros:

> **CONTELBURO CABLES, RIO DE JANEIRO, Fev.º 16, 1945 -- A Reunião** cafeeira de ontem foi simplesmente a primeira sessão da assembléia dos Representantes dos Estados Produtores de Café. O Ministro da Fazenda, snr. Souza Costa, reconheceu devidamente a participação do govêrno dos Estados Unidos no Convênio Interamericano do Café em 1944, sem a qual os preços não se teriam elevado. O Ministro Souza Costa reconheceu igualmente que a Política Economica e Financeira dos Estados Unidos, imposta pelas exigências do esfôrço Bélico, não permitiu satisfazer os pedidos dos lavradores, que têm sido tão afetados pelas sêcas e de um modo geral pelas condições atmosféricas desfavoráveis. O Ministro recomendou aos produtores que aguardem uma oportunidade melhor a fim de persuadir os Estados Unidos da Justiça, que lhes assiste, adotando entretanto uma Política de Cooperação.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(De 1.º de Outubro de 1944 a 3 e 10 de Fevereiro de 1945)

(SACA DE 60 QUILOS OU 132.276 LIBRAS)

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 3/2/1945	TOTAL DE 1.º DE OUTUBRO até 3/2/1945		
Brasil	13 110 489	417 108	4 853 564	8 256 925	37,0
Colômbia	4 437 607 (x)	28 596	2 154 672	2 282 935	48,6
Costa Rica	281 946	—	14 538	267 408	5,2
Cuba	112 778	3 041	33 129	79 649	29,4
República Dominicana	169 168	1 214	38 661	130 507	22,9
Equador	211 459	7 284	133 576	77 883	63,2
El Salvador	845 838	30 214	97 807	748 031	11,6
Guatemala	754 206	28 154	93 311	660 895	12,4
Haiti	387 676	—	65 946	321 730	17,0
México	669 622	2 737	118 792	550 830	17,7
Nicarágua	274 897	—	608	274 289	0,2
Peru	35 243	—	16 747	18 496	47,5
Venezuela	592 087	—	101 461	490 626	17,1
		SEMANA TERMINADA EM 10/2/1945	TOTAL DE 1.º OUTUBRO A 10/2/1945		
Honduras	28 195	304	24 420	3 775	86,6
Total dos países signatários	21 911 211	518 652	7 747 232	14 163 979	35,4
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	500 454	1	5 126	495 328	1,0
Total geral	22 411 665	518 653	7 752 358	14 659 307	34,6

NOTA: — (§) Em 3 e 10 de Fevereiro são 126 e 133 dias ou seja 34,5% e 36,4% sobre a quota anual.

(x) Conforme o artigo IV do Acôrdo Inter-Americano do Café, foram feitos ajustes para o excesso de 3 042 sacas no total importado da Colômbia, durante o ano de quotas de 1943/44 (vide quadro 583).

(1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 28 de Dezembro de 1944 e 2 de Janeiro de 1945.

(2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

REGISTRO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	VENDAS REGISTRADAS DE OUT.º 1.º 1944 A (3)		% DA QUOTA REGISTRADA	EXPORTAÇÕES DE OUT.º 1.º 1944 A (4)		% DAS EXPORTAÇÕES SÔBRE OS REGISTROS
Brasil	13 110 489	Jan. 6/45	4 841 115	36,9	Jan. 6/45	3 943 925 (3)	81,5
Colômbia	4 437 607 (x)				Fev. 10/45	1 625 556	
Costa Rica	281 946	Dez. 13/44	18 741	6,6	Dez. 31/44	10 002	53,4
Cuba	112 778				Dez. 31/44	18 350	
República Dominicana	169 168				Dez. 31/44	25 162	
Equador	211 459				Dez. 31/44	96 721	
El Salvador	845 838	Jan. 31/45	240 893	28,5	Jan. 31/45	147 173 (3)	61,1
Guatemala	754 206	Jan. 26/45	223 240	29,6	Jan. 27/45	84 350	37,8
Haiti	387 676				Dez. 31/44	32 285	
Honduras	28 195				Dez. 31/44	17 471	
México	669 622				Nov. 30/44	26 059	
Nicarágua	274 897	Jan. 6/45	18 248	6,6	Jan. 6/45	1 814 (3)	9,9
Peru	35 243				Dez. 31/44	7 973	
Venezuela	592 087	Jan. 27/45	119 326 (4)	20,2	Jan. 27/45	105 984	88,8
MERCADO EXTERIOR DOS EE. UU.							
Brasil	7 813 000	Jan. 6/45	565 273	7,2	Jan. 6/45	323 621 (3)	57,3
Colômbia	1 079 000				Fev. 10/45	49 459	
Costa Rica	242 000	Nov. 29/44	3 534	1,5	Dez. 31/44	Nada	
Cuba	62 000				Dez. 31/44	4 936	
República Dominicana	138.000				Dez. 31/44	805	
Equador	89 000				Dez. 31/44	14 453	
El Salvador	527 000				Dez. 31/44	27 353	
Guatemala	312 000	Jan. 20/45	66 103	21,2	Jan. 27/45	13 418	20,3
Haiti	327 000				Dez. 31/44	1 949	
Honduras	21 000				Dez. 3/44	82	
México	239 000				Nov. 30/44	1	
Nicarágua	114 000				Dez. 31/44	Nada	
Peru	43 000				Dez. 31/44	Nada	
Venezuela	606 000	Jan. 27/45	7 963 (4)	1,3	Jan. 27/45	7 192	90,3

NOTA : — (x) Conforme o artigo IV do Acôrdo Inter-Americano do Café, foram feitos ajustes para o excesso de 3 042 sacas no total da Colômbia, durante o ano de quotas de 1943/44 (vide quadro 583).

(1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 28 de Dezembro de 1944 e 2 de Janeiro de 1945.

(3) Cifras obtidas da Junta Inter-Americana do Café.

(4) Cifras obtidas por êste Escritório, de fontes oficiais, nos países de origem.

RECEBEDORES DE CAFÉ DOS PA

	COSTA RICA	NICARÁGUA	HONDURAS	EL SALVADOR
Ortega & Emigh, Inc.	11 735	23 423	—	332 524
Otis, Mc Allister & Co.	21 549	24 781	483	13 504
Leon Israel & Bros, Inc	—	—	—	—
J. Aron & Co., Inc.	—	—	—	10 851
S. F. Pellas	200	42 100	—	55 883
Hard & Rand, Inc.	—	—	—	—
Commodity Prices Stabilization	30 511	—	—	41 674
Standard Brands, Inc.	2 571	—	—	11 402
Ruffner, Mc. Dowell & Burch Inc.	6 433	2 000	—	70 571
W. R. Grace & Co.	7 298	28 708	—	30 129
E. A. Johnson & Co.	—	—	—	3 307
S. L. Jones & Co.	—	—	—	—
B. C. Ireland, Ind.	—	—	—	—
Scarburgh Co.	—	—	—	—
Joseph Hooper, Jr., Co.	—	1 403	2 812	—
Haas Bros	—	—	—	2 554
East Asiatic Co., Inc.	—	15 687	—	2 989
H. W. Lange Co.	—	—	—	—
General Foods Corp	—	—	—	—
Steinwender, Stoffregen & Co.	—	528	—	—
H. M. Newhall & Co.	—	750	7 406	—
Paxton & Gallagher Co.	—	3 000	—	3 093
Farmer Bros. Co.	359	—	—	8 304
Ray Deininger & Co.	—	—	—	—
Naumann, Gepp & Co.	—	—	—	—
Parrott & Co.	3 537	1 106	—	—
H. O. Knecht & Co.	—	—	—	4 480
Machado & Co.	—	—	—	—
C. A. Mackey & Co.	—	—	—	—
Sundries	1 716	4 737	282	42 080
Total recebido, 1944	87 182	148 223	10 983	633 345
(x) TOTAL RECEBIDO, 1943	158 734	151 523	9 230	683 807
(x) TOTAL RECEBIDO, 1942	134 013	132 976	8 797	438 434
TOTAL RECEBIDO, 1941	130 459	108 039	5 684	292 009
TOTAL RECEBIDO, 1940	59 828	181 082	5 263	396 614

(x) Inclue cafés importados para as Forças Armadas e também os seguintes cafés acusados p
de Ferro.

	1944	1943	19
Costa Rica	600	—	—
El Salvador	—	—	—
Guatemala	500	—	—

(*) Sacas de pesos diversos de acôrdo com embarques de países de origem.
Cifras obtidas da Associação Cafeeira da Costa do Pac

ÍSES ESTRANGEIROS NOS PORTOS D[COS]

(EM SACAS)*

GUATEMALA	MÉXICO	HAVAÍ	ROBUSTA JAVA, ETC.	BRASIL	COLÔMBIA	EQUADOR
41 078	10 959	—	—	9 500	67 069	—
65 138	5 543	—	—	240 092	2 000	—
500	—	—	—	265 518	3 750	3 500
—	—	—	—	191 392	8 518	808
12 244	7 367	—	—	32 870	43 506	—
5 225	—	—	—	146 955	40 063	—
63 837	—	—	—	—	34 400	—
9 593	—	—	—	105 619	20 725	—
20 200	—	—	—	46 394	—	—
18 553	—	—	—	9 131	47 954	250
2 063	—	—	—	99 171	665	1 000
—	—	—	—	94 651	4 156	—
4 463	—	—	—	—	71 161	—
—	—	—	—	—	61 098	—
2 000	5 900	—	—	18 119	1 762	—
13 548	—	—	—	16 315	—	—
5 577	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	23 000	—
—	—	—	—	—	16 626	—
—	—	—	—	—	13 525	—
—	—	—	—	—	315	4 181
2 845	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	8 632	—
—	—	—	—	—	5 542	—
—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	4 410	—
—	—	—	—	—	3 750	—
4 013	—	—	—	625	69 837	4 905
270 877	**29 769**	—	—	**1 276 352**	**552 464**	**14 644**
316 781	53 047	—	—	460 693	607 554	7 506
223 436	31 618	—	3 625	343 946	893 456	10 064
173 721	65 140	17 648	22 156	830 438	386 178	24 064
146 557	75 170	11 825	13 691	510 115	548 597	18 377

:los membros da Associação Cafeeira, como recebidos via Golfo ou Portos do Atlantico e daí por E. de I

?2		1944	1943	1942	
750	México	29 769	5 925	4 660	Equador ....
	Brasil	981 201	378 214	130 788	Venezuela ....
	Colômbia	11 883	1 478	2 300	Africa ....

ico.

COSTA DO PACÍFICO (x)

Quadro N.º 402

...ZUELA	PERU	JAMÁICA TAHITI GUIANA	ÁFRICA	ARÁBIA	TOTAL SACAS
	—	—	—	—	496 288
1 905	2 415	—	950	—	378 360
	—	—	—	—	274 541
	—	—	—	—	211 569
	660	—	—	—	194 830
	—	—	—	—	192 243
	—	—	—	—	170 422
	—	—	—	—	149 910
	—	—	—	—	145 598
	—	—	—	—	142 023
	—	—	—	—	106 206
	—	—	—	—	98 807
	—	—	—	—	75 624
	—	—	—	—	61 098
	535	—	—	—	32 531
	—	—	—	—	32 417
	—	—	—	—	24 253
	—	—	—	—	23 000
	—	—	—	—	16 626
	—	—	—	—	14 053
	—	—	—	—	12 652
	—	—	—	—	8 938
	—	—	—	—	8 663
	—	—	—	—	8 632
	—	—	—	—	5 542
	—	—	—	—	4 643
	—	—	—	—	4 480
	—	—	—	—	4 410
	—	—	—	—	3 750
	5 280	—	—	—	131 475
905	6 890	—	950	—	3 033 584
	779	—	—	—	2 449 654
	2 672	800	—	—	2 223 837
899	5 442	4 075	3 994	—	2 083 946
006	1 068	3 605	—	150	1 974 948

para a Costa do Pacífico ou diretamente dos países produtores, por Estrada

1944	1943	1942
—	301	—
1 905	—	—
950	—	—

INFORME SEMANAL SÔBRE AS ATIVIDADES DA CAMPANHA DE ANÚNCIOS E PUBLICIDADE DO CAFÉ

N.º 112 **19 de fevereiro de 1945**

NOTICIÁRIO DO CAFÉ — Em primeiro de Março, nosso Bureau inaugurará um novo erviço de publicidade entre os peritos em Economia do Lar de todo o país, com o propósito de nantê-los devidamente informados sôbre as atividades e notícias que dizem respeito à situação eral do café.

Êste novo serviço consistirá no envio de uma carta mensal, especialmente preparada para s aludidos economistas, contendo informações sôbre todos acontecimentos importantes relativos produção, distribuição e uso do café. Serão informados também sôbre as últimas notícias refeentes ao café, como por exemplo : os aperfeiçoamentos introduzidos na preparação do produto, situação do mercado, receitas de cosinha, etc..

Na primeira carta a enviar, explicaremos a organização do Bureau a fim de informar que Burëau Pan Americano do Café é constituído pelas entidades cafeeiras oficiais, do Brasil, Coômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, São Salvador, Guatemala, México e Venezuela. 'ambém se dirá que êstes países, associados ao Bureau, exportam para os Estados Unidos 96% o café que se consome nêste país. Daremos ainda uma descrição resumida dos trabalhos que emos feito para conseguir um melhor entendimento entre os produtores e consumidores do café ; lescreveremos também o nosso serviço de informação estatística, por meio do qual o Bureau coneguiu coordenar as atividades dos países produtores e dos Estados Unidos, contribuindo para ma distribuição ordenada do produto. Mencionaremos, de maneira especial, a estreita colaboação que temos mantido com o Govêrno dos Estados Unidos e com a National Coffee Association, ntidade representativa de mais de 95% dos importadores, preparadores e distribuidores do café, ieste país.

Nesta mesma carta, dedicaremos um capítulo especial de nosso noticiário ao gosto do púlico norteamericano pelo café. Desde manhã até a noite, nos restaurantes, bares, repartições escritórios, nas fábricas de armamento e nos navios, em todos os lugares, ricos e pobres, jovens anciãos consomem café. É um produto, pois, que não reconhece distinção de classes nem de lugar u de tempo. É na verdade a bebida ideal para todas as ocasiões.

Nesse noticiário, relataremos também todos os dados científicos sôbre o café, já bastante ensíveis e firmemente estabelecidos. Os incovenientes apontados, sem base alguma, e que por lgum tempo retardaram o aumento do consumo do café, já estão, hoje, completamente dissiados. O café ajuda a digestão, alivia a fadiga, aumenta a capacidade mental e física e não traz nal algum a pelo menos 97% das pessoas que o consomem.

Outro capítulo, do nosso noticiário, será dedicado ao papel preponderante do café, junto às 'ôrças Armadas. Raramente acontece não haver entre as notícias diárias uma referência à imporância do café nos campos de batalha.

Daremos também as estatísticas referentes à importação do café neste país, que no ano passado lcançou a cifra recorde de 19.394.132 sacas, quase em sua totalidade importadas da América Laina. Esta cifra representa um aumento de 16,2% comparada à importação de 1943, que foi de 6.694.080 sacas.

As instruções básicas, referentes à boa preparação do café, terão desde logo, neste noticiário, m lugar de destaque. Leslie H. Backer, professor de química no Instituto Stevens de Tecnologia e Hobocken, N. J., e consultor do Comité de Preparação do Café, da National Coffee Associaion, estudou largamente os métodos de preparação da bebida, que nós descreveremos detalhadanente em nosso noticiário.

Finalmente, daremos receitas para a preparação do café nos lares, com o intuito de incr확nentar o seu uso para doces e pastéis.

CARTA N.º 403, de 26 de fevereiro de 1945

SITUAÇÃO GERAL — Até agora têm-se recebido muito poucas notícias do Brasil sôbre a importante conferência dos cafeicultores brasileiros. Se se excetuarem os dois telegramas que mencionamos na última Carta Semanal, não há nada mais a assinalar. É fato que alguns jornais desta cidade têm publicado outras notícias, mas tão fragmentárias e tão vagas, que mais parecem boatos e especulações dos correspondentes do que relatos verídicos. Entre essas notícias figurava um projeto de subsídio a ser concedido pelo D.N.C. aos produtores, e a venda de 1.000.000 de sacas de café do D.N.C. às fôrças armadas dos Estados Unidos. Êstes dois fatos têm sido muito comentados nos meios cafeeiros desta praça, mas não tem sido possível verificar sua exatidão.

O interesse dos negociantes americanos pela reunião dos lavradores brasileiros compreende-se fàcilmente. Alguns meios desta cidade manifestam o receio de que caso não se chegue nessa reunião a um acôrdo que facilite as vendas de café nos próximos meses, os estoques dêste país, que atualmente se consideram satisfatórios, poderão baixar além dos limites adequados para fazer face e abastecer sem restrições a enorme procura dos consumidores.

O Boletim N.º 537, de 20 do corrente, do Commodity Research Bureau, informa que o snr. Henry F. Grady, Presidente do Comitê Econômico da Sociedade das Nações e antigo Sub-Secretário de Estado, acaba de publicar um livro intitulado "Pioneers in World Order", no qual afirma que devido à desorganização que se pode produzir no período de transição, talvez seja necessário criar um organismo internacional destinado a estabilizar os mercados. Sua missão, além de consistir na coordenação da política de preços e produção das diversas nações, seria a de acumular estoques, comprando quaisquer excedentes ou sobras e vendendo-os mais tarde, quando a procura aumentar. O livro preconisa igualmente a redução das tarifas aduaneiras e das praxes alfandegárias, assim como das onerosas disposições legais sôbre inspeção e regulamentação dos gêneros alimentícios.

O Boletim N.º 538 da mesma entidade publicou igualmente uma informação da Agência de São Paulo do Banco de Londres e da América do Sul, na qual se diz que durante uma reunião da Sociedade Rural Brasileira em que se discutiu a sugestão para que o govêrno comprasse 4 ou cinco milhões de sacas de café ao preço de 20 centavos por libra, um dos presentes afirmou que a venda de café ao govêrno seria um êrro, devido à redução da produção e à posição estatística atual. A informação acrescenta que o que se torna mais urgente é o financiamento adequado dos produtores e compradores. Diz-se que se o D.N.C. vendêsse 1.000.000 de sacas para o exército americano e ainda todo o café que hoje serve de garantia ao chamado "Empréstimo do Café", suas vendas, adicionadas aos 4.500.000 sacas que vendeu o verão passado, atingiriam um total de aproximadamente 10.369.000 sacas, cujo preço, a 14 centavos por saca, dariam ao D.N.C. um fundo de $146,166.000. A informação diz que êsse fundo permitiria conceder aos lavradores e exportadores um subsídio interior bastante liberal, tanto para a presente safra como para as futuras.

COMPRAS MENSAIS DE CAFÉ — Reproduzimos em seguida uma análise das compras realizadas pelos torradores e importadores durante o mês de janeiro de 1945, segundo os dados fornecidos pela Administração de Alimentos. (W.F.A.).

O total das compras de janeiro elevou-se a 1.653.648 sacas, contra 2.002.061 em dezembro e 1.467.377 em novembro. Embora inferior ao de dezembro, o total de janeiro representa um volume suficiente para fazer face ao consumo do público, de acôrdo com o elevado nível que se atingiu em 1944.

O Brasil forneceu 928.257 sacas, sendo as restantes 725.391 sacas constituídas por cafés suaves. Os torradores adquiriram 565.684 sacas, ou 34,2% do total, e os importadores 1.087.964 sacas, correspondendo a 65,8%.

TOTAL DO CAFÉ COMPRADO EM JANEIRO DE 1945 (Sacas de 60 kg.)

N.º de compradores	Tipo	Quantidade Comprada	% sôbre o total
131	Brasil	928 257	56,1
70	Suaves	725 391	43,9
201		1 653 648	100,0
	COMPRAS POR TORRADORES E IMPORTADORES		
103	Torradores	565 684	34,2
98	Importadores	1 087 964	65,8
201		1 653 648	100,0
	BRASIL		
79	Torradores	464 129	50,0
52	Importadores	464 128	50,0
131		928 257	100,0
	SUAVES		
24	Torradores	101 555	14,0
46	Importadores	623 836	86,0
70		725 391	100,0
	COMPRAS POR TORRADORES		
79	Brasil	464 129	82,0
24	Suaves	101 555	18,0
103		565 684	100,0
	COMPRAS POR IMPORTADORES		
52	Brasil	464 128	42,7
46	Suaves	623 836	57,3
98		1 087 964	100,0

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Segundo as cifras fornecidas pela Repartição de Alfândegas dos Estados Unidos, as importações de café na semana que terminou em 17 do corrente elevaram-se a 311.683 sacas, das quais 127.768 sacas vieram da Colômbia, 80.154 do Brasil, 55.013 do Salvador e 24.844 da Guatemala. O total importado desde 1.º de outubro até à data citada atinge 8.064.041 sacas, ou sejam 36% da quota aumentada, ao passo que os 133 dias do ano de quota já transcorridos correspondem a 36,4%. O quadro estatístico N.º 619, junto à presente, contém dados mais completos sôbre essas importações.

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL — A Bolsa do Café e Açúcar de Nova York acaba de fornecer as cifras correspondentes aos estoques de café nos portos brasileiros em 17 do corrente, os quais se elevavam a 4.344.000 sacas, distribuídas como segue :

Rio	718 000
Santos	3 586 000
Paranaguá	21 000
Angra dos Reis	19 000
Total	4 344 000

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DA COLÔMBIA — O escritório da Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia em Nova York forneceu os dados relativos aos estoques de café nos portos dêsse país em 15 do corrente, que se elevavam a 792.192 sacas, assim distribuídas :

Barranquilla	449 501
Cartagena	170 801
Buenaventura	171 890
Total	792 192

ESTOQUES NA ZONA LIVRE E SOB CONTRÔLE ADUANEIRO — Segundo as cifras fornecidas pela Junta Interamericana do Café, os estoques sob contrôle aduaneiro e na zona livre eram apenas de 192.983 sacas, em 31 de janeiro último, apresentando uma redução de 156.070 sacas sôbre os estoques de 31 de dezembro. Essa redução deve-se aos cafés do Brasil que passara de 336.487 sacas para 180.266 sacas. O quadro seguinte dá os estoques por países.

Paises Signatários	Em armazens sob contrôle aduaneiro	Na zona livre estrangeira	Total em 31 de jan.º	Total em 31 de dez.º
Brasil	179 878	388	180 266	366 487
Colômbia	3 167	141	3 308	3 173
Costa Rica	298	—	298	298
Equador	5	—	5	5
O Salvador	4 442	—	4 442	4 426
Guatemala	409	4	413	413
Honduras	246	—	246	246
Venezuela	5	4 000	4 005	4 005
	188 450	4 533	192 983	349 053

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — Na semana que terminou em 17 do corrente as exportações do Brasil elevaram-se a 125.000 sacas, segundo cifras ainda incompletas. As da Colômbia, no mesmo período, atingiram 58.982 sacas, das quais 55.078 para os Estados Unidos e 3.904 para outros destinos.

MERCADO DO DISPONÍVEL — No mercado de Santos os preços continuam sem alteração, mas no do Rio os preços do Tipo 7 baixaram ligeiramente de Cr $ 33,20 (em 9 do corrente) para Cr $ 33,00, em 16 dêste mês.

Nesta praça mantém-se a situação que prevalecia na semana anterior. O interesse do comércio concentra-se ainda na reunião dos produtores brasileiros, da qual, como dizemos no início desta Carta, se têm recebido poucas notícias. Têm-se efetuado alguns negócios com cafés da América Central, mas de um modo geral a situação mantém-se calma, para o que contribuíu o feriado nacional de 22 do corrente.

REGISTRO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	VENDAS REGISTRADAS (3) DE OUTUBRO 1.º 1944 A	% DA QUOTA REGISTRADA	EXPORTAÇÕES DE (4) OUT.º 1.º 1944 A	% DAS EXPORTAÇÕES SÔBRE OS REGISTROS
Brasil	13 110 489	Jan. 20/45 5 247 060	40,0	Jan. 20/45 4 228 104 (3)	80,6
Colômbia	4 437 607 (x)			Fev. 17/45 1 680 634	
Costa Rica	281 946	Dez. 13/44 18 741	6,6	Dez. 31/44 10 002	53,4
Cuba	112 778			Dez. 31/44 18 350	
República Dominicana	169 168			Dez. 31/44 25 162	
Equador	211 459			Dez. 31/44 96 721	
El Salvador	845 838	Jan. 31/45 240 893	28,5	Jan. 31/45 147 173 (3)	61,1
Guatemala	754 206	Fev. 3/45 272 685	36,2	Fev. 3/45 112 609 (3)	41,3
Haiti	387 676			Dez. 31/44 32 285	
Honduras	28 195			Dez. 31/44 17 471	
México	669 622			Dez. 31/44 29 739	
Nicarágua	274 897	Jan. 6/45 18 248	6,6	Jan. 6/45 1 814 (3)	9,9
Peru	35 243			Dez. 31/44 7 973	
Venezuela	592 087	Fev. 3/45 134 823 (4)	22,8	Fev. 3/45 105 984	78,6
MERCADO EXTERIOR DOS EE. UU.					
Brasil	7 813 000	Jan. 20/45 637 778	8,2	Jan. 20/45 368 506 (3)	57,8
Colômbia	1 079 000			Fev. 17/45 53 363	
Costa Rica	242 000	Nov. 29/44 3 534	1,5	Dez. 31/44 Nada	
Cuba	62 000			Dez. 31/44 4 936	
República Dominicana	138 000			Dez. 31/44 805	
Equador	89 000			Dez. 31/44 14 453	
El Salvador	527 000	Jan. 31/45 250	—	Dez. 31/44 13 900 (3)	
Guatemala	312 000	Fev. 3/45 74 111	23,8	Fev. 3/45 13 415 (3)	18,1
Haiti	327 000			Dez. 31/44 1 949	
Honduras	21 000			Dez. 31/44 82	
México	239 000			Dez. 31/44 1	
Nicarágua	114 000			Dez. 31/44 Nada	
Peru	43 000			Dez. 31/44 Nada	
Venezuela	606 000	Fev. 3/45 7 963 (4)	1,3	Fev. 3/45 7 327	92,0

NOTA: — (x) Conforme o artigo IV do Acôrdo Inter-Americano do Café, foram feitos ajustes para o excesso de 3 402 sacas no total importado da Colômbia, durante o ano de quotas de 1943/44.

(1) De acôrdo com as resoluções da Junta Inter-Americana do Café, datadas de 28 de Dezembro de 1944 e 2 de Janeiro de 1945.

(3) Cifras obtidas da Junta Inter-Americana do Café.

(4) Cifras obtidas por êste Escritório, de fontes oficiais, nos países de origem.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(De 1.º de Outubro de 1944 a 10 e 17 de Fevereiro de 1945)

(SACA DE 60 QUILOS OU 132.276 LIBRAS)

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1944/45 (1)	(2) AUTORIZADO À ENTRAR — SEMANA TERMINADA EM 10/2/1945	(2) AUTORIZADO À ENTRAR — TOTAL DE 1.º DE OUTUBRO até 10/2/1945	RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
Brasil	13 110 489	80 154	4 933 718	8 176 771	37,6
Colômbia	4 437 607 (x)	127 768	2 282 440	2 155 167	51,4
Costa Rica	281 946	6 634	21 172	260 774	7,5
Cuba	112 778	—	33 129	79 649	29,4
República Dominicana	169 168	4 729	43 390	125 778	25,6
Equador	211 459	10 385	143 961	67 498	68,1
El Salvador	845 838	55 013	152 820	693 018	18,1
Guatemala	754 206	24 844	118 155	636 051	15,7
Haiti	387 676	—	65 946	321 730	17,0
México	669 622	—	118 792	550 830	17,7
Nicarágua	274 897	—	608	274 289	0,2
Peru	35 243	—	16 747	18 496	47,5
Venezuela	592 087	2 155	103 616	488 471	17,5
		SEMANA TERMINADA EM 17/2/1945	TOTAL DE 1.º OUTUBRO A 17/2/1945		
Honduras	28 195	—	24 420	3 775	86,6
Total dos países signatários	21 911 211	311 682	8 058 914	13 852 297	36,8
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	500 454	1	5 127	495 327	1,0
Total geral	**22 411 665**	**311 683**	**8 064 041**	**14 347 624**	**36,0**

NOTA: — (§) Em 10 e 17 de Fevereiro são 133 e 140 dias ou 36,4% e 38,4%, sôbre a quota anual.

(x) Conforme o artigo IV do Acôrdo Inter-Americano do Café, foram feitos ajustes para o excesso de 3 402 sacas. No total de Colômbia, durante o ano de quotas de 1943/44. (Vide quadro 583).

(1) De acôrdo com as resolüções da Junta Inter-Americana do Café, datadas de 28 de Dezembro de 1944 e 2 de Janeiro de 1945.

(2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

INFORME SEMANAL SÔBRE AS ATIVIDADES DA CAMPANHA DE ANÚNCIOS E PUBLICIDADE DO CAFÉ

N.º 113 — 26 de fevereiro de 1945

ANÚNCIOS RADIOFÔNICOS

Iniciou-se em 19 do corrente a radiodifusão dos anúncios incluídos nos programas de economia do lar dos comentadores especializados, os quais o Comitê conjunto resolveu incorporar na campanha dêste ano em virtude de se haverem cancelado os anúncios pendentes de publicação nas revistas populares, conforme informamos em 29 de janeiro.

A experiência obtida nas campanhas anteriores em que utilizamos as emissões de rádio, demonstrou claramente as vantagens dêsse método de publicidade para conservar o público ao par das diversas fases da campanha.

Reproduzimos em seguida a lista das estações emissoras que transmitem nossos anúncios assim como o título dos programas e respectivo horário nas 32 cidades:

PROGRAMAS DE RÁDIO EM QUE SE ANUNCIA O CAFÉ

Estação	Cidade	Programa	Dias e horas da Transmissão
WOR	New York	Martha Deane	Diàriamente de 2.ª a 6.ª feira - 3 h. á 3,30
WLW	Cincinnati	Ruth Lyons "Your Morning Matinee"	terças, quintas e sábados, das 8,30 às 9 h.
KGO	S. Francisco	Coffee Club	diàriamente de segunda a sábado incl. das 6 a 7 da manhã.
KMBC	Kansas City	Caroline Ellis "The Happy Home"	Diàriamente de segunda a sábado incl. das 8,30 às 8,45 da manhã.
KOIN	Portland	Newspaper of The Air.	terças, quintas e sábados das 2 às 2,30.
WRVA	Richmond	Juke Box Program	segundas, quartas e sextas, das 7 às 9,30.
WPDQ	Jacksonville	At Home with Ann Daly	diàriamente de segunda a sextas, das 10.05 às 10.30 da manhã.
KRNT	Des Moines	Your Neighbor Lady	Segundas, quartas e sextas, das 2.30 às 3.00
KOIL	Omaha	Polly the Shopper	Diàriamente de segunda a sexta, da 1.30 à 1.45.
WSB	Atlanta	Moring Merry-Go-Round	Quintas e sábados das 7.15 às 7.45 da manhã.
WAGE	Syracuse	Wynne's Pep-Ups	Segundas, quartas e sextas, da 1.15 à 1.30 da tarde.
WSM	Nashville	Shopping Around	Segundas, quartas e sextas, das 4 às 4.15.
WHAS	Louisville	Listen Ladies	Quartas e sextas das 9.45 às 10 da manhã.
WAPI	Birmingham	Weather Report	De Segundas a sextas, das 5.30 às 5.35.
WWL	New Orleans	Dawn Busters	Segundas, quartas e sextas, das 8.30 às 8.45 da manhã.

KABC	San Antonio	For Ladies Only	Segundas, quartas e sextas, das 2.30 às 3 e das 3.15 às 4.30 da tarde.
KHJ	Los Angeles	Household Chats	Segundas, quartas e sextas, das 3.30 às 3.45, da tarde.
WGY	Schenectady	Happy Homes	Segundas, quartas e sextas, da 1.30 à 1.45 da tarde.
WHAM	Rochester	For Women Only	Segundas, quartas e sextas, das 9 às 9.30.
WBEN	Buffalo	Bob Smith	Diàriamente de segunda a sexta, das 12.45 à 1.30, da tarde.
WCAU	Philadelphia	For women Only	Horário Variável (3.15 às 3.30 da tarde).
WCAE	Pittsburgh	Polly Entertains	De segundas a sextas, da 1.15 à 1.30.
WMAL	Washington	Ruth Crane "The Modern Woman"	Terças, quartas, quintas, das 11.30 às 12.
WBAL	Baltimore	Molly Martin Show	Terças e quintas, das 9.15 às 9.30.
WFBM	Indianapolis	Mrs. Farrel's Kitchen	Segundas, quartas e sextas, das 8.30 às 9 da manhã.
WLS	Chicago	Feature Foods	De segundas a sextas, das 11 às 11 e meia da manhã.
KTSP	Minneapolis	Household Forum	Segundas, quartas e sextas, das 11 às 11 e meia da manhã.
KPRC	Houston	Helpful Homer	Segundas, quartas e sextas, das 11 às 11 e 15 da manhã.
KLZ	Denver	Budget Brigade	De segundas às sextas, das 4 às 4 e 15, e sábados das 9.45 às 10 da manhã.
KFPY	Spokane	Women's World	De segundas a sextas, das 3 às 4 da tarde.
WGAR	Cleveland	Friendly Open House	De segundas a sextas, das 3 às 4 da tarde.
KOMO	Seattle	Housekeeper's Calendar	Segundas, quartas e sextas, das 9.30 às 10 da manhã.

Os programas que acabamos de mencionar são os mais populares e os que gozam de maior reputação entre as senhoras. Estamos certos de que contribuirão eficazmente para intensificar nossa campanha e estimular o consumo do café entre os consumidores dos Estados Unidos.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

Extratos de artigos de interesse relativos ao Café Publicados pela Imprensa

N.º 92 **26 de fevereiro de 1945**

Damos em seguida a tradução parcial de um artigo publicado em 19 do corrente pelo "Journal of Commerce" desta cidade. O trecho que reproduzimos refere-se à prorrogação do Convênio Interamericano do Café e cita as diversas correntes de opinião do comércio a tal respeito.

"ESTUDA-SE A PRORROGAÇÃO DO CONVÊNIO INTERAMERICANO DO CAFÉ

Será necessário renovar em breve o Convênio Interamericano do Café. Sua prorrogação obtém geralmente o apôio unânime do comércio, mas êste ano os pontos de vista a tal respeito são divergentes.

Na semana passada, a National Coffee Association resolveu enviar uma circular a seus associados, pedindo-lhes, em vista da existência de diversas correntes de opinião, que manifestassem por escrito suas opiniões individuais sôbre o assunto, a fim de determinar se a oposição existente é limitada a certos pontos ou tem caráter geral.

Os meios cafeeiros independentes desta praça, cuja opinião não representa aliás a de todo o comércio, têm o ponto de vista de que as vantagens do Convênio compensam largamente seus inconvenientes. Acrescentam, porém, que se devem tomar as devidas providências caso seja necessário rever ou reorganizar o funcionamento do Convênio de modo a assegurar um volume máximo de importações.

Diz-se em tais meios que as vantagens do Convênio não revertem exclusivamente em benefício dos países produtores, e recorda-se que os funcionários do Departamento de Estado declararam oficialmente em 1941, quando interrogados pela Comissão do Congresso encarregada de dar sua opinião sôbre o estabelecimento do acôrdo de quotas, que :

> "Os Estados Unidos serão beneficiados : 1.º) — pela estabilização das exportações e do poder de compra dos países produtores, a qual assegurará e protegerá a troca normal de produtos ; nossas exportações lucrarão com o aumento da capacidade dêsses países para fazer face às suas obrigações financeiras para com os Estados Unidos ; 2.º) — Num sentido mais geral, o Convênio reforçará o programa de cooperação interamericana."

Estatísticas

Movimento da Safra 1942/43

DESTINO SANTOS

(ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1945)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	DESTINOS ALTERADOS	CONVERTIDAS	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	A LIBERAR
1-D-42	114 626	—	—	114 626	114 626	—	—
2-D-42	1 568 742	—	—	1 568 742	1 568 742	—	—
3-D-42	633 085	—	—	633 085	632 145	—	940
4-D-42	404 219	—	—	404 219	403 616	250	353
5-D-42	258 909	—	—	258 909	249 694	550	8 665
6-D-42	179 810	—	—	179 810	170 340	355	9 115
7-D-42	163 937	—	—	163 937	126 893	4 658	32 386
8-D-42	192 940	—	—	192 940	146 796	950	45 194
9-D-42	119 445	—	—	119 445	93 700	—	25 745
10-D-42	131 514	—	—	131 514	101 884	—	29 630
11-D-42	26 514	—	—	26 514	23 444	—	3 070
12-D-42	79 290	185	—	79 475	69 716	—	9 759
Total	**3 873 031**	**185**	**—**	**3 873 216**	**3 701 596**	**6 763**	**164 857**
10-R-42	91 701	—	8 508	100 209	76 273	—	23 936
9-R-42	1 254 998	—	31 632	1 286 630	924 527	—	362 103
8-R-42	506 475	—	6 326	512 801	342 122	—	170 679
7-R-42	323 366	—	3 488	326 854	222 844	200	103 810
6-R-42	207 130	—	3 996	211 126	167 570	440	43 116
5-R-42	143 847	—	1 153	145 000	130 223	284	14 493
4-R-42	131 131	—	1 108	132 239	103 844	3 721	24 674
3-R-42	154 337	—	1 835	156 172	110 688	760	44 724
2-R-42	95 555	—	1 205	96 760	74 537	—	22 223
1-R-42	105 216	—	916	106 132	75 763	—	30 369
2A-R-42	21 210	—	288	21 498	17 695	—	3 803
1A-R-42	63 448	148	2 164	65 760	55 525	—	10 235
Total	**3 098 414**	**148**	**62 619**	**3 161 181**	**2 301 611**	**5 405**	**854 165**
Pr. Despolp.	39 519	—	—	39 519	39 519	—	—
Total geral	**7 010 964**	**333**	**62 619**	**7 073 916**	**6 042 726**	**12 168**	**1 019 022**

NOTA: — Do mês de junho a 30 de novembro de 1942 foram despachadas 25.514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Resolução 467).

Movimento da Safra 1943/44

DESTINO SANTOS

(ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1945)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
-D-43	266 342	266 342	—
-D-43	225 436	224 383	1 053
-D-43	280 758	279 162	1 596
-D-43	198 363	192 540	5 823
-D-43	210 255	201 877	8 378
-D-43	150 727	146 297	4 430
-D-43	154 769	149 933	4 836
-D-43	113 816	111 016	2 800
-D-43	86 500	83 132	3 368
-D-43	83 537	79 870	3 667
-D-43	92 697	89 307	3 390
-D-43	35 635	34 717	918
-D-43	50 465	48 141	2 324
-D-43	116 016	107 998	8 018
Total	**2 065 316**	**2 014 715**	**50 601**
-R-43	266 359	201 701	64 658
-R-43	225 456	145 004	80 452
-R-43	280 795	164 935	115 860
-R-43	198 391	118 550	79 841
-R-43	210 295	151 825	58 470
-R-43	150 748	117 355	33 393
-R-43	154 792	123 588	31 204
-R-43	113 847	94 147	19 700
-R-43	86 524	73 687	12 837
-R-43	83 559	71 844	11 715
-R-43	92 708	76 602	16 106
-R-43	35 650	29 516	6 134
-R-43	50 484	41 414	9 070
-R-43	116 042	94 802	21 240
Total	**2 065 650**	**1 504 970**	**560 680**
ferencial	1 704 593	1 620 786	83 807
ferencial Despolpado	52 820	52 820	—
Total geral	**5 888 379**	**5 193 291**	**695 088**

TA : — No total referente ao Preferencial Despolpado estão computadas 27.136 sacas despachadas durante o período de 1.º de junho a 15 de outubro de 1943.

Café Paulista entrado em Santos

SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

Fevereiro de 1945

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	1942/43	1943/44	1944/45 (Res. 467)	TOTAL
Sorocabana	29 086	17 346	2 133	48 565
Mogiana	9 174	12 093	—	21 267
Noroeste do Brasil	20 734	24 719	—	45 453
São Paulo e Minas	6 286	—	—	6 286
Total	65 280	54 158	2 133	121 571

Café Paulista (preferencial) entrado em Santos

MÊS DE DESPACHO POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

FEVEREIRO DE 1945

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	NOVEMBRO 1943	DEZEMBRO 1943	DEZEMBRO 1944	JANEIRO 1945	TOTAL
PREFERENCIAL — Safra 1943/44					
Cia. Mogiana E. F.	385	800	—	—	1 185
Total	385	800	—	—	1 185
PREF. DESP. — Safra 1944/45 (Res. 467)					
E. F. Sorocabana	—	—	100	2 033	2 133
Total	—	—	100	2 033	2 133
Total geral	385	800	100	2 033	3 318

Café Mineiro, Goiano e Paranaense entrado em Santos

SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

FEVEREIRO DE 1945

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	MINEIRO			PARANAENSE			TOTAL GERAL
	1943/44	1944/45	TOTAL	1943/44	1944/45	TOTAL	
E. F. Sorocabana	—	—	—	1 375	(R. 467) —	1 375	1 375
Cia. Mogiana E. F.	14 790	250	15 040	—	—	—	15 040
Rêde Mineira de Viação	5 010	—	5 010	—	—	—	5 010
Leopoldina Railway	8 844	(R. 467) 362	9 206	—	—	—	9 206
E. F. Vitória a Minas	1 605	—	1 605	—	—	—	1 605
E. F. São Paulo Paraná	—	—	—	10 330	2 147	12 477	12 477
R. Viação Paraná-Sta. Catarina	—	—	—	405	—	405	405
Total	30 249	612	30 861	12 110	2 147	14 257	45 118

NOTA — Durante o presente mês não houve entrada de café goiano.

Resumo do café entrado em Santos

SAFRA POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

FEVEREIRO DE 1945

Saca de 60 quilos

SAFRA	TOTAL DE JULHO A JANEIRO	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL DO MÊS	TOTAL GERAL
1941/42	7 926	—	—	—	—	—	7 926
1942/43	1 060 515	65 280	—	—	—	65 280	1 125 795
1943/44	1 092 809	54 158	30 249	—	12 110	96 517	1 189 326
1944/45(R. 467)	27 390	2 133	612	—	2 147	4 892	32 282
Total	2 188 640	121 571	30 861	—	14 257	166 689	2 355 329
Mesmo período ano anterior.	5 474 578	1 182 608	144 364	14 621	17 549	1 359 142	6 833 720

Café Paulista entrado no Rio de Janeiro

SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

Fevereiro de 1945

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	1943/44	1944/45	TOTAL
São Paulo Railway Co.	—	14 025	14 025
E. F. Sorocabana	—	4 176	4 176
E. F. Araraquara	250	—	250
Total	**250**	**18 201**	**18 451**

Resumo do café entrado no Rio de Janeiro

POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

FEVEREIRO DE 1945

Saca de 60 quilos

ESTADO DE PROCEDÊNCIA	DE JULHO A JANEIRO	MÊS DE FEVEREIRO	TOTAL
São Paulo	4 395	250	4 645
Minas Gerais	486 587	63 432	550 019
Rio de Janeiro	242 620	27 963	270 583
Espírito Santo	433 772	71 688	505 460
Total	1 167 374	163 333	1 330 707

MOVIMENTO

MÊS	ENTRADAS					
	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL	PARA (
Julho	440 224	63 803	207	11 748	515 982	147
Agôsto	535 535	100 642	371	32 447	668 995	18
Setembro	193 893	28 384	—	13 273	235 550	—
Outubro	141 111	31 132	—	9 942	182 185	—
Novembro	124 053	24 644	—	1 641	150 338	—
Dezembro	110 089	29 695	—	6 703	146 487	—
Janeiro	86 880	30 512	—	6 032	123 424	—
Fevereiro	121 571	30 861	—	14 257	166 689	—
Total	1 753 356	339 673	578	96 043	2 189 650	165
Mesmo período :						
1943/44	5 713 799	603 880	51 804	177 611	6 547 094	286
1942/43	2 174 753	217 653	18 558	84 839	2 495 803	42
1941/42	3 291 851	275 816	26 726	79 465	3 673 858	131
1940/41	4 977 191	409 717	41 129	107 179	5 535 216	66

E CAFE' EM SANTOS

AFRA 1944/45

Saca de 60 quilos

TOTAL GERAL	MOVIMENTO								
	DESPACHOS	EMBARQUES	REVERTIDO AO ESTOQUE PELO DNC	DE TROCA REVERTIDO AO ESTOQUE p/DNC	DE TROCA RETIRADO DO ESTOQUE p/DNC	RETIRADO DO ESTOQUE PELO DNC	RETIRADO DO ESTOQUE PELO DNC SERVIÇO PROPAGANDA	ENCONTRADO A + NA VERIFICAÇÃO DO ESTOQUE PELO DNC	EXISTÊNCIA
663 352	606 701	674 575	91 133	35 496	111	2 084	—	—	3 951 735
687 304	864 817	870 933	48 236	62 479	1 824	5 046	—	—	3 871 951
235 550	1 192 452	924 732	333 130	33 544	480	2 828	—	—	3 546 185
182 185	692 699	886 514	830 979	3 100	394	517	—	—	3 675 024
150 338	855 527	901 809	1 039 9[illegible]4	25 166	—	180 076	—	—	3 808 567
146 487	1 690 595	1 362 775	955 581	196	160	341	—	—	3 547 555
123 424	807 841	897 905	809 645	—	—	179	—	—	3 582 540
166 689	509 675	560 328	372 372	—	—	111	—	—	3 561 162
2 355 329	**7 220 307**	**7 079 571**	**4 481 050**	**159 981**	**2 969**	**191 182**	—	—	—
6 833 720	5 860 271	6 070 429	543 946	7 808	144 578	48 467	—	—	2 854 588
2 538 542	2 473 810	2 485 848	114 222	16 943	17 286	37 976	42 739	—	1 311 653
3 805 301	4 214 266	4 097 528	70 919	5 594	83 711	180 588	—	1 192 888	1 650 149
5 602 183	5 789 500	5 761 996	—	29 533	24 078	5	—	—	1 696 039

Café Paulista recebido à de

SAFR

ESTRADAS	ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1945					1.ª QUINZENA DE FE		
	PREF. DESPOL.	RETIDA	DIRETA	PREF.	TOTAL	PREF. DESPOL.	RETIDA	DIRET
São Paulo Railway Co.	1 504	81 911	81 855	11 053	176 323	—	3 500	3 50
E. F. Sorocabana	16 866	189 961	189 940	36 923	433 690	989	10 675	10 67
Cia. Paulista E. F.	1 564	119 786	119 763	55 089	296 202	—	9 473	9 47
Cia. Mogiana E. F.	3 015	30 315	30 284	118 763	182 377	—	1 206	1 20
E. F. Araraquara	—	73 723	73 700	29 638	177 061	—	11 184	11 17
Cia. E. F. do Dourado	—	17 215	17 209	12 101	46 525	—	2 831	2 83
Cia. Ferroviária S. Paulo–Goiaz	—	9 233	9 229	3 012	21 474	—	2 043	2 04
E. F. Monte Alto	—	1 064	1 063	—	2 127	—	—	—
E. F. Noroeste do Brasil	—	79 951	79 949	27 149	187 049	—	7 739	7 73
Cia. E. F. Itatibense	—	36	36	—	72	—	—	—
Cia. Campineira T.L.F.	—	391	390	—	781	—	—	—
E. F. São Paulo e Minas	—	629	629	3 487	4 745	—	19	1
E. F. Jaboticabal	—	—	—	—	—	—	—	—
E. F. Barra Bonita	—	115	115	—	230	—	98	9
E. F. Morro Agudo	—	—	—	—	—	—	—	—
E. F. Central do Brasil	—	15	15	—	30	—	—	—
Total	22 949	604 345	604 177	297 215	1 528 686	989	48 768	48 75

NOTAS : — Além dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fora de Série" 4 829 453 sacas 1.º de Julho a 28 de Fe
Com destino a Marítima foram despachadas 101 133 sacas "Fora de Série" de 1.º de Julho a 28 de Fevereiro de 1945
Para Marítima e Angra dos Reis não houve despachos de café seriado.

pacho com destino a Santos

1944/45 — Saca de 60 quilos

EIRO DE 1945		2.ª QUINZENA DE FEVEREIRO DE 1945					TOTAL				
PREF.	TOTAL	PREF. DESPOL.	RETIDA	DIRETA	PREF.	TOTAL	PREF. DESPOL.	RETIDA	DIRETA	PREF.	TOTAL GERAL
—	7 000	—	7 962	7 958	954	16 874	1 504	93 373	93 313	12 007	200 197
558	22 895	—	4 795	4 794	500	10 089	17 855	205 431	205 407	37 981	466 674
3 008	21 951	—	12 270	12 268	3 458	27 996	1 564	141 529	141 501	61 555	346 149
4 532	6 940	—	1 875	1 875	9 519	13 269	3 015	33 396	33 361	132 814	202 586
1 423	23 784	—	11 947	11 946	6 017	29 910	—	96 854	96 823	37 078	230 755
—	5 662	—	1 020	1 020	580	2 620	—	21 066	21 060	12 681	54 807
660	4 746	—	2 645	2 644	—	5 289	—	13 921	13 916	3 672	31 509
—	—	—	—	—	—	—	—	1 064	1 063	—	2 127
2 191	17 669	—	9 206	9 206	5 000	23 412	—	96 896	96 894	34 340	228 130
—	—	—	—	—	—	—	—	36	36	—	72
—	—	—	—	—	—	—	—	391	390	—	781
—	38	—	—	—	—	—	—	648	648	3 487	4 783
—	—	—	—	—	—	—	—	—		—	—
—	196	—	—	—	—	—	—	213	213	—	426
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
—	—	—	—	—	—	—	—	15	15	—	30
12 372	110 881	—	51 720	51 711	26 028	129 459	23 938	704 833	704 740	335 615	1 769 026

iro de 1945.

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

1 9 4 5

Saca de 60 quilos

MÊS	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	BAHIA	PARANAGUÁ	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
Janeiro	3 582 540	705 363	535 594	67 361	17 234	18 775	39 102	4 965 969
Fevereiro	3 561 162	671 343	392 504	58 315	18 217	19 305	58 851	4 779 697
Janeiro 1944	2 854 588	663 042	242 491	53 519	84 585	43 799	24 173	3 966 197
,, 1943	1 311 653	367 360	129 261	32 612	48 719	14 714	27 512	1 931 831
,, 1942	1 650 149	298 932	161 166	21 151	95 727	44 022	44 095	2 315 242
,, 1941	1 696 039	485 617	163 408	44 097	212 577	61 187	35 290	2 698 215

Café entregue ao mercado pelos Estados

I — PÔRTO DE DESTINO

1. — NOVEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

ESTADOS	MERCADO							TOTAL
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	PARANAGUÁ	BAHIA	A. DOS REIS	RECIFE	
São Paulo	1 095 717	98	—	—	—	—	—	1 095 815
Minas Gerais	24 644	80 970	2 978	—	—	9 297	—	117 889
Espírito Santo	—	43 367	8 406	—	—	—	—	51 773
Rio de Janeiro............	—	34 062	—	—	—	—	—	34 062
Paraná	1 641	—	—	138	—	—	—	1 779
Bahia	—	—	—	—	17 991	—	—	17 991
Pernambuco	—	—	—	—	—	—	9 487	9 487
Total	1 122 002	158 497	11 384	138	17 991	9 297	9 487	1 328 796

Café entregue ao mercado pelos Estados

I — PÔRTO DE DESTINO

2. JANEIRO A NOVEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

ESTADOS	MERCADOS							TOTAL
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	PARANAGUÁ	BAHIA	A. DOS REIS	RECIFE	
São Paulo	9 458 552	93 003	—	—	—	145	—	9 551 700
Minas Gerais	994 456	926 923	40 548	—	—	103 810	—	2 065 737
Espírito Santo	—	525 400	621 763	—	—	—	—	1 147 163
Rio de Janeiro	—	568 497	—	—	—	—	—	568 497
Paraná	176 086	—	—	109 614	—	—	—	285 700
Bahia	—	—	—	—	162 020	—	—	162 020
Pernambuco	—	—	—	—	—	—	109 273	109 273
Goiaz	55 036	—	—	—	—	—	—	55 036
Total	**10 684 130**	**2 113 823**	**662 311**	**109 614**	**162 020**	**103 955**	**109 273**	**13 945 126**
Mesmo período em: 1943	7 210 451	2 253 542	594 289	218 451	146 127	184 677	115 144	10 722 681
1942	4 257 958	1 764 873	393 971	272 736	289 905	225 596	97 757	7 302 796
1941	5 350 525	1 500 237	765 078	459 820	272 455	237 933	156 703	8 742 751
1940	6 824 337	2 039 404	632 327	582 663	130 860	207 678	93 061	10 510 330

Café entregue ao mercado pelos Estados

II — MENSAL

JANEIRO A NOVEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

MÊS	MERCADO								TOTAL
	SÃO PAULO	M. GERAIS	ESP. SANTO	RIO DE JANEIRO	PARANÁ	BAHIA	PERNAMB.	GOIAZ	
Janeiro	848 364	226 864	113 605	74 652	25 175	5 111	14 169	5 646	1 313 586
Fevereiro	1 228 952	256 842	54 279	25 305	28 066	4 567	16 777	14 621	1 629 409
Março	1 330 556	277 523	59 919	49 961	48 677	4 259	11 965	14 174	1 797 034
Abril	1 038 716	206 206	33 446	52 553	28 310	5 280	13 150	9 081	1 386 742
Maio	888 501	238 671	90 539	110 513	37 196	5 963	13 946	5 513	1 390 842
Junho	518 600	256 563	74 622	103 296	34 582	63 712	8 557	5 423	1 065 355
Julho	499 107	136 174	60 756	47 918	20 602	13 070	6 237	207	784 071
Agôsto	642 094	143 534	270 030	17 241	35 053	12 184	7 016	371	1 127 523
Setembro	527 246	91 888	197 512	29 841	14 440	17 867	1 769	—	880 563
Outubro	933 749	113 583	140 682	23 155	11 820	12 016	6 200	—	1 241 205
Novembro	1 095 815	117 889	51 773	34 062	1 779	17 991	9 487	—	1 328 796
Total	**9 551 700**	**2 065 737**	**1 147 163**	**568 497**	**285 700**	**162 020**	**109 273**	**55 036**	**13 945 126**
MESMO PERÍODO EM:									
1943	6 749 997	1 994 404	931 096	305 996	424 034	146 127	115 144	55 883	10 722 681
1942	4 240 214	1 357 732	539 572	375 621	378 360	289 905	97 757	23 635	7 302 796
1941	5 004 417	1 424 252	984 048	276 040	584 159	272 455	156 703	40 677	8 742 751
1940	6 434 316	1 854 036	841 226	396 673	735 998	130 860	93 061	24 160	10 510 330

Exportação Brasileira de Café

1945

Saca de 60 quilos

PÔRTO DE EXPORTAÇÃO	EXTERIOR	CABOTAGEM	TOTAL
Fevereiro:			
Santos	547 708	347	548 055
Rio de Janeiro	165 970	7 465	173 435
Vitória	176 125	19 108	195 233
Paranaguá	460	—	460
Salvador	27 767	8 822	36 589
Recife	—	2	2
Belém	30	—	30
Caravelas (1)	—	16 283	16 283
Total	918 060	52 027	970 087
Janeiro	1 107 577	19 703	1 127 280
Total	2 025 637	71 730	2 097 367
Mesmo período em:			
1944	2 195 631	70 498	2 266 129
1943	1 236 995	102 808	1 339 803
1942	1 785 844	62 838	1 848 682
1941	2 492 998	73 357	2 566 355

NOTA: — (1) Inclusive 11 535 sacas saídas em Janeiro pp.
Fevereiro de 1945: — Cifras sujeitas a retificações.

Exportação Brasileira de Café

I — Detalhe pelos países de destino

JANEIRO DE 1945

PAÍSES DE DESTINO	QUANTIDADE (SACA DE 60 QUILOS)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	500	142 369,60	1 898 10 05
Estados Unidos	974 617	277 721 403,90	3 709 524 18 07
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	30 320	7 243 712,50	97 172 09 00
Chile	29 030	6 814 752,80	87 618 11 05
Uruguai	1 450	306 529,20	4 141 00 00
EUROPA:			
Itália	44	10 806,90	144 00 00
Suécia	71 614	25 718 412,80	343 999 14 11
NÃO ESPECIFICADO:			
Consumo de bordo	1	245,60	3 00 00
Total	1 107 576	317 958 233,30	4 244 502 04 04

Exportação Brasileira de Café

II — Detalhe pelos portos de destino

JANEIRO DE 1945

PORTOS DE DESTINO	QUANTIDADE (SACA DE 60 QUILOS)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá:			
Via Nova York	500	142 369,60	1 898 10 05
Estados Unidos:			
Los Angeles	9 660	2 741 836,80	36 600 11 07
Nova York	441 033	125 867 826,10	1 681 857 10 03
Nova Orleães	420 655	120 099 607,50	1 603 736 05 06
Portland	1 510	439 177,90	5 861 14 11
São Francisco	98 954	27 760 901,60	370 627 08 00
Seattle	955	284 718,30	3 796 15 03
Não especificado do Pacífico	1 850	527 335,70	7 044 13 01
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina:			
Buenos Aires	27 670	6 654 166,60	89 243 16 10
Rosário	2 650	589 545,90	7 928 12 02
Chile:			
Antofagasta	600	126 824,00	1 641 00 00
Corral	900	195 875,00	2 511 00 00
Iquique	150	36 708,00	475 00 00
Puerto Montt	188	39 574,60	506 00 00
Punta Arenas	1 210	306 441,00	3 929 00 00
Talcahuano	7 650	1 787 855,00	22 921 00 00
Valparaíso	18 332	4 321 475,20	55 635 11 05
Uruguai:			
Montevidéu	1 450	306 529,20	4 141 00 00
EUROPA:			
Itália:			
Gênova	44	10 806,90	144 00 00
Suécia:			
Gotemburgo	71 614	25 718 412,80	343 999 14 11
NÃO ESPECIFICADO:			
Consumo de bordo	1	245,60	3 00 00
Total	1 107 576	317 958 233,30	4 244 502 04 04

Exportação Brasileira de Café

III — Detalhe pelos portos de procedência

JANEIRO DE 1945

PAÍSES DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (SACA DE 60 QUILOS)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE:				
Canadá	Santos	500	142 369,60	1 895 10 05
Estados Unidos	Santos	826 565	241 255 482,70	3 219 207 18 07
	Rio de Janeiro	76 426	19 525 031,10	262 109 00 00
	Vitória	26 100	4 741 071,20	63 869 00 00
	Bahia	12 988	3 076 713,00	41 464 00 00
	Recife	32 538	9 123 105,90	122 875 00 00
AMÉRICA DO SUL:				
Argentina	Santos	4 193	1 274 939,10	17 067 09 00
	Rio de Janeiro	24 262	5 519 725,30	74 050 00 00
	Vitória	500	101 694,00	1 369 00 00
	Bahia	1 365	347 354,10	4 686 00 00
Chile	Santos	1 200	383 400,00	5 155 11 05
	Rio de Janeiro	27 830	6 431 352,80	82 465 00 00
Uruguai	Rio de Janeiro	1 450	306 529,20	4 141 00 00
EUROPA:				
Itália	Rio de Janeiro	44	10 806,90	144 00 00
Suécia	Santos	71 614	25 718 412,80	343 999 14 11
NÃO ESPECIFICADO:				
Consumo de bordo	Rio de Janeiro	1	245,60	3 00 00
Total		1 107 576	317 958 233,30	4 244 502 04 04

Exportação Brasileira de Café

V — Detalhe do valor em cruzeiros, pelos portos de destino, segundo a procedência

JANEIRO DE 1945

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA					
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	BAHIA	RECIFE	TOTAL
AMÉRICA DO NORTE :						
Canadá :						
Via Nova York	142 369,60	—	—	—	—	142 369,60
Estados Unidos :						
Los Angeles	2 466 832,10	275 004,70	—	—	—	2 741 836,80
Nova York	102 358 652,00	11 309 355,20	—	3 076 713 00	9 123 105,90	125 867 826,10
Nova Orleães	109 115 373,60	6 243 162,70	4 741 071,20	—	—	120 099 607,50
Portland	439 177,90	—	—	—	—	439 177,90
São Francisco	26 063 393,10	1 697 508,50	—	—	—	27 760 901,60
Seattle	284 718,30	—	—	—	—	284 718,30
Não especificado do Pacífico	527 335,70	—	—	—	—	527 335,70
AMÉRICA DO SUL :						
Argentina						
Buenos Aires	1 226 678,80	4 978 439,70	101 694 00,	347 354,10	—	6 654 166,60
Rosário	48 260,30	541 285,60	—	—	—	589 545,90
Chile :						
Antofagasta	—	126 824,00	—	—	—	126 824,00
Corral	—	195 875,00	—	—	—	195 875,00
Iquique	—	36 708,00	—	—	—	36 708,00
Puerto Montt	—	39 574,60	—	—	—	39 574,60
Punta Arenas	—	306 441,00	—	—	—	306 441,00
Talcahuano	—	1 787 855,00	—	—	—	1 787 855,00
Valparaíso	383 400,00	3 938 075,20	—	—	—	4 321 475,20
Uruguai :						
Montevidéu	—	306 529,20	—	—	—	306 529,20
EUROPA :						
Itália :						
Gênova	—	10 806,90	—	—	—	10 806,90
Suécia :						
Gotemburgo	25 718 412,80	—	—	—	—	25 718 412,80
NÃO ESPECIFICADO :						
Consumo de bordo	—	245,60	—	—	—	245,60
Total	268 774 604,20	31 793 690,90	4 842 765,20	3 424 067,10	9 123 105,90	317 958 233,30

Exportação Brasileira de Café

VI — Detalhe do valor em libras, pelos portos de destino, segundo os de procedência

JANEIRO DE 1945

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA					
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	BAHIA	RECIFE	TOTAL
AMÉRICA DO NORTE:						
Canadá:						
Via Nova York	1 898 10 05	—	—	—	—	1 898 10 05
Estados Unidos:						
Los Angeles	32 916 11 07	3 684 00 00	—	—	—	36 600 11 07
Nova York	1 365 683 10 03	151 835 00 00	—	41 464 00 00	122 875 00 00	1 681 857 10 03
Nova Orleães	1 456 078 05 06	83 789 00 00	63 869 00 00	—	—	1 603 736 05 06
Portland	5 861 14 11	—	—	—	—	5 861 14 11
São Francisco	347 826 08 00	22 801 00 00	—	—	—	370 627 08 00
Seattle	3 796 15 03	—	—	—	—	3 796 15 03
Não especificado do Pacífico	7 044 13 01	—	—	—	—	7 044 13 01
AMÉRICA DO SUL:						
Argentina:						
Buenos Aires	16 420 16 10	66 768 00 00	1 369 00 00	4 686 00 00	—	89 243 16 10
Rosário	646 12 02	7 282 00 00	—	—	—	7 928 12 02
Chile:						
Antofagasta	—	1 641 00 00	—	—	—	1 641 00 00
Corral	—	2 511 00 00	—	—	—	2 511 00 00
Iquique	—	475 00 00	—	—	—	475 00 00
Puerto Montt	—	506 00 00	—	—	—	506 00 00
Punta Arenas	—	3 929 00 00	—	—	—	3 929 00 00
Talcahuano	—	22 921 00 00	—	—	—	22 921 00 00
Valparaíso	5 153 11 05	50 482 00 00	—	—	—	55 635 11 05
Uruguai:						
Montevidéu	—	4 141 00 00	—	—	—	4 141 00 00
EUROPA:						
Itália:						
Gênova	—	144 00 00	—	—	—	144 00 00
Suécia:						
Gotemburgo	343 999 14 11	—	—	—	—	343 999 14 11
NÃO ESPECIFICADO:						
Consumo de bordo	—	3 00 00	—	—	—	3 00 00
Total	3 587 327 04 04	422 912 00 00	65 238 00 00	46 150 00 00	122 875 00 00	4 244 502 04 04

Exportação Brasileira de Café

VII — Discriminação do destino por continente, segundo a procedência

JANEIRO DE 1945

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (SACA DE 60 QUILOS)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE	Santos	827 065	241 397 852,30	3 221 106 09 00
	Rio de Janeiro	76 426	19 525 031,10	262 109 00 00
	Vitória	26 100	4 741 071,20	63 869 00 00
	Bahia	12 988	3 076 713,00	41 464 00 00
	Recife	32 538	9 123 105,90	122 875 00 00
	Total	**975 117**	**277 863 773,50**	**3 711 423 09 00**
AMÉRICA DO SUL	Santos	5 393	1 658 339,10	22 221 00 05
	Rio de Janeiro	53 542	12 257 607,30	160 656 00 00
	Vitória	500	101 694,00	1 369 00 00
	Bahia	1 365	347 354,10	4 686 00 00
	Total	**60 800**	**14 364 994,50**	**188 932 00 05**
EUROPA	Santos	71 614	25 718 412,80	343 999 14 11
	Rio de Janeiro	44	10 806,90	144 00 00
	Total	**71 658**	**25 729 219,70**	**344 143 14 11**
NÃO ESPECIFICADO	Rio de Janeiro	1	245,60	3 00 00
	Total	**1**	**245,60**	**3 00 00**
DESTINOS REUNIDOS	Santos	904 072	268 774 604,20	3 587 327 04 04
	Rio de Janeiro	130 013	31 793 690,90	422 912 00 00
	Vitória	26 600	4 842 765,20	65 238 00 00
	Bahia	14 353	3 424 067,10	46 150 00 00
	Recife	32 538	9 123 105,90	122 875 00 00
	Total geral	**1 107 576**	**317 958 233,30**	**4 244 502 04 04**

Importação de café na Argentina

JANEIRO A SETEMBRO

Saca de 60 quilos

1944	431 301
1943	314 019

Exportação de café da República Dominicana

OUTUBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

Estados Unidos	2 276
Diversos	257
Total	2 533

Cotações

Cotação dos cafés brasileiros no disponível

FEVEREIRO DE 1945

DIA	MERCADOS						
	SANTOS	RIO	VITORIA	NOVA YORK EM CENTS. POR LIBRA (453,6)			
	TIPO 4 mole	EM CRUZEIROS		SANTOS		RIO	
		Tipo 7	Tipo 7	Tipo 4	Tipo 7	Tipo 6	Tipo 7
1........	Nominal	32,50	29,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
2........	,,	31,80	28,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
3........	,,	31,80	28,20	—	—	—	—
4........	—	—	—	—	—	—	—
5........	,,	31,80	28,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
6........	,,	31,80	28,80	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
7........	,,	32,50	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
8........	,,	32,80	29,80	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
9........	,,	33,20	29,80	13 37.5	12 62,5	9 50	937,5
10........	,,	—	29,80	—	—	—	—
11........	—	—	—	—	—	—	—
12........	—	—	—	—	—	—	—
13........	—	—	—	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
14........	,,	33,20	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
15........	,,	33,20	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
16........	,,	33,00	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
17........	,,	33,00	29,30	—	—	—	—
18........	—	—	—	—	—	—	—
19........	,,	33,00	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
20........	,,	33,00	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
21........	,,	33,00	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
22........	,,	33,00	29,30	—	—	—	—
23........	,,	33,00	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
24........	,,	33,00	29,50	—	—	—	—
25........	—	—	—	—	—	—	—
26........	,,	32,80	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
27........	,,	32,50	29,30	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
28........	,,	32,20	28,80	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Média	—	**32,67**	**29,18**	**13 37,5**	**12 62,5**	**9 50**	**9 37,5**
Média — 1945 Janeiro ...	Nominal	30,57	27,86	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Média: Fev.º – 1944...	Nominal	24,92	22,08	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
,, – 1943...	,,	26,77	24,60	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
,, – 1942...	43,38	29,00	26,00	13 37,5	—	—	9 37,5
,, – 1941...	23,24	15,54	14,04	8 000	7 000	6 125	5 625

NOTA: — Santos — Rio e Vitória — Bolsas Oficiais fechadas;
,, — Cotação nominal segundo a Associação Comercial de Santos;
Rio — Cotações fornecidas pelo Centro do Comércio de Café do Rio;
Vitória — Cotações fornecidas pela Agência Panameuro.

Cotação do Disponível em Nova-York

CAFÉS ESTRANGEIROS

FEVEREIRO DE 1945

Cif. Cents. por Libra = 453,6 grs.

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 28	MÉDIA
Colômbia:		
Medellin Excelso	16 1/4	16 1/4
Armênia	16 1/16	16 1/16
Manizales	15 7/8	15 7/8
Cucuta	15 5/8	15 5/8
Bogotá	15 5/8	15 5/8
Girardot	15 5/8	15 5/8
Tolima	15 5/8	15 5/8
Ocana	15 1/4	15 1/4
Costa Rica:		
Prime	16 00	16 00
Fine Atlantic	15 1/2	15 1/2
Cuba:		
Bom Lavado	14 1/4	14 1/4
Equador:		
Lavado	13 1/4	13 1/4
Guatemala:		
Antigua	16 3/4	16 3/4
Extra Prime	15 3/4	15 3/4
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
Bourbon	14 1/8	14 1/8
Haiti:		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
México:		
Coatepec	16 1/2	16 1/2
Tapachula "First"	15 1/2	15 1/2
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
Nicarágua:		
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
Salvador:		
Prime Lavado	15 3/4	15 3/4

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA-YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

FEVEREIRO DE 1945

Cif. Cents. por Libra = 453,6 grs.

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 28	MÉDIA
REPÚBLICA DOMINICANA:		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
Natural "Sweet"	11 1/4	11 1/4
SURINAM	7 3/4	7 3/4
TRINIDAD	14 1/2	14 1/2
VENEZUELA:		
Maracaibo Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
" " Bom	15 1/8	15 1/8
" " Ordinário	14 5/8	14 5/8
ÁFRICA PORTUGUESA DO OESTE:		
Amboim	11 1/4	11 1/4
Encoge	11 00	11 00
ÍNDIAS HOLANDESAS DO OESTE:		
Java Genuíno Lavado	19 1/2	19 1/2
Mandheling	25 00	25 00
Java Robusta Lavado	11 1/4	11 1/4
Natural Java Robusta	10 1/2	10 1/2
MOCA (Arábia):		
Moca	18 1/2	18 1/2
ABISSÍNIA:		
Long Berry Harrar	17 00	17 00
CONGO BELGA:		
Lavado Robusta	12 1/2	12 1/2
Natural Robusta	11 1/4	11 1/4
HAVAI:		
N.º 1 Extra Prime	16 1/2	16 1/2
HONDURAS:		
Bom Lavado	15 00	15 00
JAMAICA:		
Lavado	14 1/2	14 1/2
Natural A	11 1/2	11 1/2

Cotação do Têrmo em Nova York

CENTS. POR LIBRA = 453,6 — CONTRATO RIO

FEVEREIRO DE 1945

DIA	FECHAMENTO DO TÊRMO PARA OS MESES DE:					
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	VENDAS SACAS
De 1 a 28	8 85	8 85	8 85	8 85	8 85	—

Cotação do Têrmo em Nova York

CENTS. POR LIBRA = 453,6 — CONTRATO SANTOS

FEVEREIRO DE 1945

DIA	FECHAMENTO DO TÊRMO PARA OS MESES DE:					
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	VENDAS SACAS
De 1 a 28	13 00	13 00	13 00	13 00	13 00	—

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

FEVEREIRO DE 1945

MERCADO LIVRE — VENDA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA-YORK Dolar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Pêso	URUGUAI Pêso	CHILE Pêso	SUÉCIA Corôa
1 a 18	78,90 1/16	19,50 00	4,65 00	0,79 5/16	4,91 3/16	10,65 5/8	0,62 15/16	4,72 00
19 a 28	78,90 1/16	19,50 00	4,65 00	0,79 5/16	4,91 3/16	10,68 1/2	0,62 15/16	4,72 00
Média...	78,90 1/16	19,50 00	4,65 00	0,79 5/16	4,91 3/16	10,66 13/16	0,62 15/16	4,72 00

MERCADO LIVRE — COMPRA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA-YORK Dolar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Pêso	URUGUAI Pêso	CHILE Pêso	SUÉCIA Corôa
1	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 1/2	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
2 e 3	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 1/4	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
5 a 9	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,75 15/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
10	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,75 5/8	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
14	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,75 15/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
15	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 1/2	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
16	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 1/4	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
17	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 13/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,59 5/16
19 e 20	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 3/8	10,37 11/16	0,59 9/16	4,59 5/16
21	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 7/8	10,37 11/16	0,59 9/16	4,59 5/16
22	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 5/8	10,37 11/16	0,59 9/16	4,59 5/16
23	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/1[illegible]	4,76 13/16	10,37 11/16	0,59 9/16	5,49 5/16
24	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,79 13/16	10,37 11/16	0,59 9/16	4,59 5/16
26	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,79 3/4	10,37 11/16	0,59 9/16	4,59 5/16
27	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,81 00	10,37 11/16	0,59 9/16	4,59 5/16
28	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,79 3/4	10,37 11/16	0,59 9/16	4,59 5/16
Média...	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 1/4	10,36 1/32	0,59 9/16	4,59 5/16

CÂMBIO EM SÃO PAUL

MÉD

FEVERE

DIA	INGLATERRA		ESTADOS ÚNIDOS			
	LIVRE	OFICIAL	LIVRE	OFICIAL	PORTUGAL	ARGENT
1	78,90 1/16	—	19,50 5/16	16,50	0,79 5/16	4,94
2	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 9/16	16,50	0,79 5/8	4,93
3	78,90 1/16	—	19,50 1/16	16,50	0,79 5/16	—
5	78,90 1/16	—	19,51 1/16	—	—	—
6	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/8	16,50	0,79 5/16	—
7	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/8	16,50	0,79 5/8	—
8	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/16	—
9	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 3/4	16,50	0,79 5/16	4,92
10	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 5/16	16,50	0,79 13/16	—
14	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 3/4	16,50	—	—
15	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 7/8	16,50	0,79 11/16	—
16	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/2	16,50	0,79 5/8	4,96
17	78,90 1/16	—	19,50 1/2	—	0,79 9/16	—
19	78,90 1/16	66,49 1/2	19,51 5/16	16,50	0,79 5/8	—
20	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 3/4	16,50	0,79 13/16	—
21	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 15/16	16,50	0,79 3/8	—
22	78,90 1/16	66,49 1/2	19,51 1/4	16,50	0,79 3/8	—
23	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 3/4	—
24	78,90 1/16	66,49 1/2	19,51 11/16	16,50	0,79 5/8	—
26	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 7/8	16,50	0,79 3/8	4,95
27	78,90 1/16	—	19,50 13/16	16,50	0,79 5/16	4,96
28	78,90 1/16	66,49 1/2	19,51 3/16	16,50	0,79 15/16	4,94
Média	**78,90 1/16**	**66,49 1/2**	**19,50 43/64**	**16,50**	**0,79 17/32**	**4,94 39/**
Janeiro	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 5/8	16,50	0,79 5/8	4,92

O SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

IA DIÁRIA

IRO DE 1945

LIVRE								
TINA	CHILE	ESPANHA	JAPÃO	CANADÁ	SUÉCIA	FRANÇA	SUIÇA	URUGUAI
3/16	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
5/16	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
—	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
—	0,62 15/16	1,80	—	—	—	—	—	—
—	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
—	0,62 15/16	1,80	—	—	—	—	—	
—	0,62 15/16	1,80	—	—	—	—	—	
	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	4,42	17,50	4,72	—	—	—
—	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
—	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
3/4	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
—	0,62 15/16	—	—	—	—	0,43 1/2	—	—
—	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
—	0,62 15/16	—	4,42	—	—	—	4,65	10,65 5/8
—	0,62 15/16	1,80	—	—	—	—	—	—
—	0,62 15/16	—	—	—	—	—	4,65	—
—	0,62 15/16	—	—	17,50	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	—
	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
1/8	0,62 15/16	—	—	—	—	—	—	—
7/8	0,62 15/16	1,80	4,42	—	—	—	—	—
/64	**0,62 15/16**	**1,80**	**4,42**	**17,50**	**4,72**	**0,43 1/2**	**4,65**	**10,65 5/8**
1/2	0,62 15/16	1,80	4,42	—	—	—	4,65	—

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

FEVEREIRO DE 1945

MERCADO OFICIAL — VENDA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Corôa
1 a 28	n/c	n/c	n/c	n/c	n/c	n/c

MERCADO OFICIAL — COMPRA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Corôa
1 a 28	66,49 1/2	16 50 00	3 84 7/8	0,67 1/8	8 84 3/4	3 93 3/8
Média	66,49 1/2	16 50 00	3 84 7/8	0,67 1/8	8 84 3/4	3 93 3/8

Câmbio em Nova York sôbre diversas praças

FEVEREIRO DE 1945

DIA	LONDRES Dolar por £	MADRID Cents. por peseta (comercial)	ZURICH Cents. por Franco (comercial)	RIO DE JANEIRO Cents. por Cr.$	B. AIRES Cents. por Pêso	LISBOA Cents. por Escudo	CANADÁ Cents. por Dolar	STOCKOLMO Cents. por Corôa
1 e 2	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 88 00	4 07 00	90 12 00	23 85 00
3 a 5	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 80 00	4 07 00	90 31 00	23 85 00
6 e 7	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 80 00	4 07 00	90 50 00	23 85 00
8 a 10	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 80 00	4 07 00	90 62 00	23 85 00
13 e 14	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 80 00	4 07 00	90 50 00	23 85 00
15	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 80 00	4 07 00	90 62 00	23 85 00
16 a 20	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 80 00	4 07 00	90 75 00	20 85 00
21 a 26	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 90 00	4 07 00	90 75 00	23 85 00
27	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	25 05 00	4 07 00	90 87 00	23 85 00
28	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	25 05 00	4 07 00	90 75 00	23 85 00
Média...	**4 02 50**	**9 20 00**	**23 33 00**	**5 10 00**	**24 84 82**	**4 07 00**	**90 58 91**	**23 85 00**

Índice da Matéria

COLABORAÇÃO: PÁG.

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS:

COTAÇÕES :

FLORESTA é fator de saúde, estabilidade agrícola, riqueza e de defesa nacional.